MILITARES QUEREM EXILADOS INTEGRADOS À PASMACEIRA

TRIBUNA da imprensa — SEM CENSURA

ANO XXIX — N.º 9.151 — RIO DE JANEIRO — RJ
Sábado, 1.º e domingo, 2 de setembro de 1979

Ao ser empossado no Comando do II Exército, o general Milton Tavares de Souza reafirmou o ponto de vista do ministro do Exército segundo o qual "a volta dos exilados não causa preocupação às Forças Armadas". Segundo o militar, as Forças Armadas brasileiras, integradas pelo Exército, Marinha e Aeronáutica, são suficientemente grandes para não se preocuparem com a "volta de meia dúzia de brasileiros". O comandante do II Exército sustentou que não restará a eles outra alternativa senão a de se integrarem à comunidade. O general Milton Tavares garantiu que a democracia continuará a se ampliar paulatinamente no Brasil e excluiu a hipótese de o país mergulhar na desordem. Em Salvador, o comandante do II Distrito Naval, almirante Dilmar de Vasconcellos e o Major-Brigadeiro Cyro de Souza Valente, do Comando Costeiro, reiteraram o ponto de vista de que o regresso de Leonel Brizola e Miguel Arraes não representa transtornos para os militares. Deram a entender que a transição política que ocorre atualmente no país, está totalmente sob controle do sistema. Em Brasília, o líder do MDB na Câmara, deputado Freitas Nobre, fez análise do pronunciamento do ministro do Exército, feito na quinta-feira e disse que as advertências do general Walter Pires não atingem seu partido. Freitas Nobre observou também que os exilados que regressam, "têm inteligência e sensibilidade necessárias para compreender o momento de transição que o Brasil atravessa". — (Páginas 2 e 3)

A SEMANA DEIXOU ESTAS LEMBRANÇAS

De HELIO FERNANDES

REVIRAVOLTA **completa no** chamado "caso Aézio", um humilde funcionário do Itanhangá que foi preso por não ter documentos, poucas horas depois aparecia morto na própria delegacia para onde fora levado. Apesar das provas, indícios e depoimentos os mais incisivos, a polícia foi fulminante e taxativa: **"Aézio se suicidou, utilizando para isso as próprias calças"**. Diante do clamor público, o próprio general João Figueiredo exigiu uma investigação rigorosa, logo depois **"essa investigação rigorosa"** confirmava o "suicídio", e o general João Figueiredo, visivelmente desalentado, dizia a jornalistas: **"Eu não posso resolver tudo, deixar o palácio e fazer investigações policiais"**. Infelizmente é verdade. Mas os que estão no poder precisam se cercar de um sistema de informações não comprometidas, isentas e sem manchas, ou então acabam prisioneiros dos que manejam essas informações.

AGORA, o caso assume dimensões fantásticas. Se não fosse o clamor público e a coragem e decisão do juiz Melic Urban, do 1º Tribunal do Júri, tudo estaria encerrado. Pois como admitir que **policiais**, dirigidos por **policiais**, possam fazer um inquérito **policial** para apurar um crime ou um suicídio no qual estão envolvidos única e exclusivamente **policiais?** É querer muito da própria humanidade e da estrutura policial viciada e corrompida dentro da qual se movimentam todos. Mas a verdade, é que agora o general João Figueiredo já poderia fazer outra intervenção, pois ele foi visivelmente enganado. Diante das novas investigações mandadas realizar pelo juiz do 1º Tribunal do Júri, está cada vez mais distante a hipótese do suicídio de Aézio. E o que é mais grave: há em marcha uma mistificação das mais grosseiras, pois a primeira descoberta feita depois das novas investigações, é simplesmente de estarrecer. Segundo fatos que não podem ser desmentidos, os médicos legistas **"que teriam feito o exame cadavérico no corpo de Aézio, NEM SEQUER VIRAM O SEU CADÁVER"**. Isso é gravíssimo, e agora é o próprio general João Figueiredo que tem que designar uma comissão da sua total confiança para desvendar essa questão impressionante. Que policiais inocentassem policiais, é da regra do jogo, **"hoje sou eu amanhã é você"**. Mas que o promotor deixasse passar em brancas nuvens fatos tão grosseiros, aí o estarrecimento é mais impressionante.

E A ASSOCIAÇÃO que congrega os policiais não virá a público exigir uma devassa nesse caso impressionante? Afinal, a polícia está cheia de bons elementos, que obviamente não chegam ao primeiro plano porque são atropelados pelos corruptos, pelos torturadores, pelos subservientes. Mas num caso desses, temos um ponto importantíssimo para a expulsão de maus policiais e a retomada da polícia por elementos que sirvam à coletividade em vez de apavorá-la.

E ONDE está a Associação Médica que também não vem a público exigir a investigação completa do caso? É preciso defender **os dois médicos** que assinaram o laudo médico atestando o suicídio como causa da morte, ou então segregá-los e até expulsá-los e proibir-lhes o exercício da profissão, **se ficar** comprovado que deram a morte como suicídio sem sequer examinarem o corpo. A Associação Médica precisa com urgência se equiparar a OAB (Ordem dos Advogados) que cada vez mais se enobrece e se engrandece perante a opinião pública, não deixando passar nenhum fato sem a sua participação e o seu protesto. Afinal, vão se multiplicando os **"casos de suicídio com a cumplicidade de médicos"**, e não se conhece nenhuma providência da Associação Médica para acabar com esses crimes continuados.

ORA até que afinal a CEME, Central de Medicamentos, um órgão oficial, vem a público confirmar um fato que o coronel-médico Victor de Assis Pacheco (um baluarte, um lutador e um homem de fibra acima da comum) e este repórter está farto de revelar: **"A indústria de laboratórios no Brasil é 95 por cento estrangeira"**. Agora não é mais um repórter, não é mais um coronel-médico do Exército que fazem as acusações. Agora, a constatação é feita por um órgão do governo, que proclama o fato estarrecedor. Estamos esperando agora as providências do general João Figueiredo. Certamente essas providências não demorarão, pois se continuar com esse modelo de economia voltado para o enriquecimento externo e para o empobrecimento interno, então o general João Figueiredo não terá condições de chegar ao final do seu mandato. Ele já disse que se tomar determinadas providências, **"a CIA me derruba"**. A CIA não derruba mais ninguém. Mas as multinacionais, essas derrubam, e cada vez com mais facilidade. Mas estamos aí para apoiar o general João Figueiredo, lutar ao seu lado ou até sob o seu comando, desde que ele resolva enfrentar as multinacionais. Mas enfrentar mesmo e para valer.

E A ANISTIA capenga, caolha, andrajosa, maltrapilha e rigorosamente unilateral? Pouquíssimos foram atingidos por essa anistia. As prisões continuam cheias de presos que já foram barbaramente torturados, amaldiçoados, injustiçados de todas as maneiras. E os poucos que foram postos em liberdade, saem com tantas restrições e proibições que melhor seria que ficassem lá dentro. E além de tudo isso, é uma anistia de fachada, que na verdade não beneficia quase ninguém. Por que então chamá-la de anistia?

NO Rio Grande do Sul, dois vereadores foram cassados em 1977. Glenio Perez e Marcos Klassmann. **Anistiados e com seus mandatos em plena vigência, era natural que o entendimento fosse um só: a volta aos cargos. Pois que outro entendimento, outra explicação, outra conclusão ou outra constatação existiria para dois cidadãos que foram anistiados, e que segundo o próprio projeto do "governo", permite a volta de todos os civis e militares aos seus cargos,** desde que haja vaga e eles ainda estejam dentro do limite de idade para o exercício desses cargos? Ora, se alguém preenche todos os requisitos dessa anistia capenga, caolha e maltrapilha, não preenche mais do que Glenio Perez e Marcos Klassmann. Eles estão dentro do limite da idade? Claro, pois para vereador não há limitação de idade. Existe vaga? É evidente, tanto que a Câmara de Vereadores de Porto Alegre está funcionando com menos 2 vereadores. Agora, com a volta de Glenio e Marcos, é que **"essa lacuna será preenchida"**, como diria qualquer alto dignatário da Arena. Portanto, nada mais justo que o preenchimento dessas vagas pelos próprios vereadores cassados, que foram eleitos por 4 anos e foram cassados apenas há 2 anos. Seria nesse caso, uma verdadeira anistia e uma reparação não aos vereadores mas sim aos eleitores que votaram neles. Mas a coisa não é assim tão pacífica, pois embora a própria Arena da Câmara Municipal de Porto Alegre tenha aceito a volta dos vereadores, outros querem complicar e tumultuar as coisas. Que anistia, Santo Deus!

QUANTO à dívida externa, vai bem obrigado, continua em 50 bilhões de dólares. Conforme já provei exaustivamente, em 1983/84 estará em 100 bilhões de dólares, e em 1989/90, chegará triunfante e altaneira aos 150 bilhões de dólares. Seremos então 150 milhões de habitantes com uma dívida de 150 bilhões de dólares, o que transformará o Brasil no primeiro País do mundo a ter uma renda per capita às avessas. Cada criança que nascer, já nascerá devendo mil dólares às multinacionais. Grande e glorioso destino que legaremos aos nossos filhos. E poderemos até acrescentar: **"Um dia, meu filho, toda essa dívida será tua"**.

Deputado do MDB chama Brizola de fascista

O ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, sofreu ontem, na Câmara dos Deputados, o mais duro ataque partido de um parlamentar oposicionista, ao ser acusado de delator e aliado a interesses fascistas. A denúncia foi feita pelo deputado José Freire, do MDB de Goiás. O parlamentar mostrava-se irritado com a revelação feita por Brizola de que oito deputados do MDB foram eleitos pelos comunistas. Sua indagação: Onde teria ido o sr. Leonel Brizola buscar essas informações, mostrando-se nesse tipo de investigação vergonhosa mais eficiência que o SNI? Freire denunciou o exílio nababesco de Brizola e lembrou a luta dos que combateram a ditadura aqui mesmo, no Brasil. —— (Página 7)

Mais três exilados regressam

Os antigos líderes estudantis e exilados políticos Vitório Sorothiuk, Arivaldo Pereira Padilha e Carol Stalin Pires Leal, regressaram, ontem ao país, desembarcando no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, onde foram recebidos pelos parentes, deputados e componentes da Liga de Defesa da Anistia. Depois de algumas horas retidos pela Polícia Federal — pois seus nomes constavam no computador como "pessoas indesejáveis ao País" — os três ex-exilados foram liberados. O primeiro ex-exilado do grupo a ser liberado foi Arivaldo Pereira Padilha, que foi recebido no saguão do Aeroporto sob os aplausos de várias pessoas que integravam o Comitê Pró-Anistia. —— (Página 3)

Premier do Irã renuncia devido às críticas

O Primeiro-Ministro iraniano, Mehdi Bazargan, anunciou ontem, em Teerã sua renúncia ao cargo. Bazargan falou pela televisão que enviara sua renúncia ao "ayatollah" Komeini propondo-lhe que também assuma o cargo de Primeiro-Ministro. Quanto aos motivos da renúncia Bazargan afirmou que "se deve às críticas de nossos amigos", e lamentou que "apesar do fechamento da imprensa as críticas feitas a ele e seu gabinete continuaram". Entre as várias críticas a que mais atingiu o Primeiro-Ministro foi a de que não era suficientemente revolucionário e a de que não estaria a altura de sua missão no governo revolucionário islâmico de Komeini. —— (Página 8)

Governo gaúcho vai à Justiça contra cassados

O governo do Rio Grande do Sul deverá entrar com recurso na Justiça contra o ato da Câmara Municipal de Porto Alegre que promoveu a reintegração dos vereadores Glênio Peres e Marcos Klassmann, cassados em 1977 e beneficiados pela Lei de Anistia. O recurso deveria ser apresentado ontem, mas o governador Amaral de Souza deixou para o fim de semana o estudo das alternativas sugeridas por sua assessoria jurídica. O Secretário da Justiça, o procurador Geral do Estado e o Consultor Geral, fizeram várias reuniões para discutir as possibilidades de recurso contra o retorno de Klassmann e Peres à Câmara. A assessoria do Palácio Piratini não revelou quais as alternativas sugeridas ao governador pela assessoria. —— (Página 5)

Flamengo perde de 3x1 e regressa

O Flamengo finalmente perdeu a invencibilidade em sua rápida e exaustiva excursão pela Europa, ao ser derrotado ontem por três gols a um pelo Paris Saint Germain. O time-rubro-negro ontem em campo sob os aplausos da torcida e chegou a abrir o escore no primeiro tempo. Na segunda etapa, o Flamengo não resistiu à pressão do adversário, sofreu três gols e saiu vaiado de campo. Na equipe carioca, apenas o zagueiro Toninho, Nélson e Carppegiani jogaram com seriedade os 90 minutos. O Paris Saint Germain jogou desfalcado do zagueiro brasileiro Abel, que se recupera de distensão muscular. A delegação rubro-negra chega ao Rio hoje, por volta das 17 horas. .... (Página 12)

"Programa nuclear não vai parar"

O Presidente da Nuclebrás, Paulo Nogueira Batista, afirmou ontem que "os interesses contrariados, no plano interno como no externo, não conseguirão nos desviar de nossos propósitos" e assegurou que "todos os acordos na área nuclear serão firmemente cumpridos pelo governo brasileiro, a despeito das incompreensões ocasionais ou a falta de visão de alguns". Em Brasília, o senador Itamar Franco, presidente da CPI Nuclear, vai propor que a reunião para tomar conhecimento dos documentos do acordo, seja aberta. Em debate, no Rio, a economista Maria Conceição Tavares denunciou que 20% dos lucros do cartel elétrico provém do Brasil e que o não cumprimento do acordo pode levar as multinacionais à falência. —— (Página 9)

Deficit este ano será de US$ 1,5 bilhão

O **déficit** na balança comercial brasileira, este ano, será de aproximadamente 1,5 bilhão de dólares, segundo estimativas do próprio diretor da **Cacex, Benedito Moreira. As exportações deverão atingir cerca de** 15 bilhões e as importações 16,5 bilhões de dólares. A esperança de melhoria se resume praticamente na alta dos preços do café. Benedito Moreira reconheceu, entretanto, ser difícil prever os gastos com as importações e admitiu a existência de "uma ociosidade na indústria de bens de capital que precisa ser eliminada". O diretor da **Cacex manteve encontro com industriais** paulistas e, como resultado, as primeiras resoluções poderão ser baixadas ainda este mês. O encontro foi considerado "proveitoso". —— (Página 6)

Theodomiro aparece em Paris e vai contar tudo

(PÁGINA 7)

Em confidência

PAULO BRANCO

O ex-deputado Lysâneas Maciel *recebeu telefonema de* Leonel Brizola *quarta-feira, convidando-o a ir até Nova Iorque para realizarem juntos a operação retorno ao Brasil.* Lysâneas *ficou muito lisongeado com o convite — que na realidade revela uma importante opção de* Brizola *para o futuro — mas não pôde aceitá-lo. O ex-parlamentar fluminense, segundo alguns de seus* **amigos** *mais chegados, enfrenta atualmente alguns problemas financeiros, embora reconheça que o investimento* **fosse** *muito importante para seu futuro político.* Lysâneas *encontrará* Brizola *no Rio Grande do Sul e virá com ele de lá para o Rio.*

Prestígio

Está faltando ao secretário de Fazenda, **Ronaldo Mesquita**, a mediocridade necessária para **integrar** à equipe **Klabin**, inspirada por D. **Pádua**.

A pouca imagem e prestígio que as administrações do Estado e do município vêm conseguindo junto ao Governo federal, deve ao sr. **Mesquita**, cujo passe poderá ser adquirido...

Mudança

O jantar do próximo dia 3 de setembro em **homenagem** ao senador **Teotônio Villela** pela sua **atuação** na luta pela anistia, será realizado na **Churrascaria** Gaúcha.

O expressivo número de adesões levou os **organizadores** a mudar o local da comemoração.

Debate

Dominação Estrangeira é o tema de uma semana de debates no auditório B2 da PUC, a partir da próxima segunda-feira.

No primeiro dia será debatido especificamente a Abertura Política e o Imperialismo.

Os debatedores:

Helio Fernandes, Lysâneas Maciel, Raymundo de Oliveira e Edson Khair.

Carta

O Correio trás a seguinte carta com os protestos justos do Sargente Reformado **Afrânio Sant' Ana:**

Prezado Paulo Branco:

Leio atentamente a coluna Em Confidência para depois, centrar-me nas análises de 1ª página do Helio Fernandes, que, pessoalmente, acho reciclado em defesa dos interesses nacionais a partir de 1964.

De priscas eras, nós sargentos somos vítimas prediletas da idiosincrasia de civis, e até de oficiais frustrados em seus objetivos políticos (O Globo de 30 pp). No propósito de atingir a inteligência, o comportamento arbitrário ou incompetente de alguém relacionado nos meios militares, tangencia-se, atingindo os sargentos no todo. É já um cacoete inserido no cotidiano, que se manifesta sem intenções ferinas contra os sargentos, como acaba de ocorrer com o prezado amigo, em sua coluna, ao referir-se ao sr. Ueki (TI de 30 pp).

Glosando a infeliz iniciativa de mandar ocupar as galerias do Congresso Nacional por Soldados (recrutas prestando serviços à Pátria) como claque de interesses políticos do governo e sua Aliança Renovadora submissa e subalterna, numa tentativa de abafamento das manifestações pela Anistia contra a anestesia proposta, o sr. Carlos Eduardo de Novaes, em sua apreciada página (JB de 26 pp) atribui àquela idiotice a iniciativa de um sargento. Deslocar do Quartel uma tropa de 800 homens em missão militar é atribuição regulamentar que nenhum oficial de Estado-Maior permitiria relegar a um sargento, cuja fração de comando não ultrapassa um pelotão de 50 homens, no máximo. E, missão de claque política, os regulamentos militares não consignam, e a História não registra, como responsabilidade das Forças Armadas, sua execução.

Como sátira desopiladora, revela-se. Até aí, tudo bem. Mas, daí, qualificar o sr. Ueki como Sargento (TI de 30 pp), é uma maldade que se faz aos sargentos, imperdoável no Jornalista Paulo Branco em permanente convívio com a História Política do Brasil, que sabe dos compromissos históricos da Instituição Militar com os destinos do Brasil, revelados por Alferes Tiradentes, por Caxias, Osório, Rondon, Teixeira Lott, Sargentos Wolf, Geraldo Santana, Marinheiros Henrique Dias, João Cândido, Capitão Sérgio Macaco, e tantos mais.

Nós, Sargentos, temos compromisso natural e inalienável assumidos com a Pátria, ainda que sem manifestações tribúnicas, por originarmos da periferia expoliada e massacrada da sociedade.

Repudiamos veementemente o convívio do sr. Ueki no Círculo dos Sargentos. Nós somos, no todo, nacionalistas verde-amarelo sem patriotada, mas convictos de que os testas-de-ferro das Multinacionais não conseguirão manter por muito mais tempo a farsa do desenvolvimento com o sacrifício do povo intimidado pela Segurança Nacional impingida às Forças Armadas como antídoto da infiltração comunista no seio da Nação, para, livres da opinião pública, efetuarem transações danosas ao Interesse Nacional: como remessa de lucros sem limite, contratos de risco, compra da Light de porteira fechada, Acordo Nuclear sob controle do sócio minoritário, abidicação da soberania nacional e extensa faixa do território, dívida externa comprometedora, etc .. Muito menos nos deixaremos empolgar por hidras ideológicas. Nós queremos o Brasil para os brasileiros, com suas riquezas exploradas e usadas em benefício da Nação, e não das Multinacionais (transnacionais ou que nome tenham) e seus testas-de-ferro de sorrisinhos amarelos e cínicos.

Como leitor constante e admirador pessoal, rogamos promover o sr. Ueki. E temos certeza que nos quadros dos srs. Oficiais a repulsa não será menor.

AFRÂNIO SANT'ANA

Exilados não preocupam militares

SÃO PAULO — "A volta dos exilados não causa preocupação para organizações como as das Forças Armadas" — disse ontem o general Tavares de Souza, logo após sua posse no comando do II Exército, quando respondeu a diversas perguntas feitas pela imprensa. "Somos um país de 110 milhões de habitantes — afirmou — emergindo do subdesenvolvimento. Um Exército, uma Marinha e uma Aeronáutica, com as suas tradições, são por demasiado grandes para se preocuparem com a volta de meia-dúzia de brasileiros. Eles não terão outra alternativa a não ser se integrarem na comunidade. Não há outra saída".

A imprensa quis saber qual sua interpretação da fala do ministro Walter Pires, ocorrida no próprio QG do Ibirapuera, quando afirmou que "ninguém incendiaria este, País". O novo comandante do II Exército, disse que "o nosso ministro externou o pensamento do Exército. O que ele disse, vocês podem interpretar. O ministro não disse nem mais nem menos do que estou dizendo, pois o pensamento de todo o Exército é um só".

Após afirmar que o Exército caminha sob a égide de Duque de Caxias, e que o entrosamento de civis e militares é a argamassa básica do grande Brasil", o general Milton acentuou que "a nossa democracia será cada vez mais plena". Disse ainda que "nós estamos firmes com o presidente João Figueiredo e convictos da necessidade de redemocratização paulatina. E temos de pagar para isso. Não só nós como todos os brasileiros. Temos enorme responsabilidade no momento — desde o presidente da República ao mais humilde trabalhador, pois acredito que estamos de acordo em desejar a abertura democrática e não a desordem".

Souza: O país não se preocupa com meia dúzia de exilados

A cerimônia de posse do general Milton Tavares de Souza foi realizada com a presença dos governadores de São Paulo, Paulo Salim Maluf, de Mato Grosso, Frederico Campos, de Mato Grosso do Sul, Marcelo Miranda, ocupando os lugares de honra e no palanque oficial os ministros Delfim Netto, do Planejamento e Murilo Macedo, do Trabalho, além do governador do Ceará, Virgílio Távora e o prefeito de São Paulo, Reynaldo de Barros.

Igreja mostra como controlar natalidade

BRASILIA — Os estudos desenvolvidos pela CNBB que servirão de subsídio para o simpósio sobre planejamento familiar que será realizado em Itaici, a partir do dia 21, defendem a utilização de três métodos naturais para o controle da natalidade que serão amplamente divulgados, através de um programa, promovido em todo país pela CNBB após o encontro. Os métodos aprovados dela igreja são os seguintes: Ogino Knaus, que é o mais conhecido e é feito através de utilização de tabelas que indicam o período de fertilidade; o método da Temperatura Basal, que estabelece a época fértil através das mudanças térmicas do corpo e o método Muco Cervical que analisa as transformações nas secreções femininas durante o ciclo menstrual.

Ao anunciar a realização do simpósio, em Brasília, o presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, voltou a afirmar que a igreja pretende sair de sua timidez tradicional na abordagem do assunto controle da natalidade, passando a adotar uma posição clara, sugerindo inclusive opções para este controle à população. "A própria medicina — afirmou Dom Ivo — Evoluiu de tal forma nos Estudos em torno dessa questão que depois de optar por métodos sofisticados está reconhecendo agora a eficácia dos métodos naturais, que não prejudicam a eficácia dos métodos naturais, que não prejudicam a saúde dos indivíduos".

O método do Muco cervical a tôdas as camadas da população. Ele foi desenvolvido pelo médico John Bellings e permite verificar as alterações, pela própria mulher, do seu muco cervital no período que precede da ovulação. A aparência da secreção altera substancialmente nesse período permitindo uma identificação clara do período da ovulação.

A CNBB rejeita os programas desenvolvidos por algumas entidades civis, como a Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar — BENFAM — visando à distribuição gratuita de anticoncepcionais, especialmente em regiões mais carentes do nordeste. "A igreja de forma alguma é contrária à realização de programas de planejamento familiar, pois reconhece que há casos em que o aumento da natalidade é recomendada e em outros que o seu controle é o mais indicado — afirmou Dom Ivo. O planejamento precisa, no entanto, ser conduzido com seriedade, com a utilização de métodos que não coloquem em risco a saúde das pessoas ou venham a ferir seus valores morais...

O secretário geral da CNBB, Dom Luciano Mendes, por outro lado, afirma que o argumento de que o controle da natalidade contribuirá para a solução dos problemas econômicos do país fere determinados valores básicos do homem. "A solução para os problemas do país — afirma — requer uma discussão mais complexa sacrifícios de todos e não só a restrição compulsória da Natalidade, exatamente junto às camadas mais pobres da população."

Logo após o simpósio de Itaici, a CNBB deverá encaminhar ao Ministério da Saúde as sugestões da Igreja para o programa da paternidade responsável que o governo federal pretende desenvolver.

Léa diz que empresas devem cumprir a CLT

Ao inaugurar na manhã de ontem, no Centro Bom Samaritano, em Ipanema, mais uma creche que a LBA está instalando para as famílias pobres do Rio em convênio com a Prefeitura, a presidente da Legião, Léa Leal, afirmou que a ampliação da rede de creches é a meta prioritária de sua administração, mas — frisou — "para que possamos ainda no governo Figueiredo eliminar o déficit de creches no País não basta somente o poder público desenvolver esforços. Há necessidade imperiosa de que as empresas cumpram o que estabelece a Consolidação das Leis do Trabalho e instalem também creches para os filhos de seus empregados e empregadas nos próprios locais de trabalho."

O prefeito Israel Klabin foi representado pelo chefe de seu Gabinete, Carlos Alberto Direito, que destacou a preocupação social da Prefeitura para com a população carente da cidade. Discursaram também o Secretário de Desenvolvimento So-Social, Marcos Candau, e o Cônsul Geral da Áustria, diplomata Somogy Andreas. Participou também da inauguração a sra. Miriam Backeuser, Coordenadora de Bem Estar Social do Município. A presença do Cônsul da Áustria decorre do fato de o Centro Bom Samaritano ser administrado por uma Igreja Protestante que congrega também a comunidade austríaca no Rio. O Secretário Marcos Candau destacou a importância do apoio da LBA, que está repassando à Prefeitura 18 milhões de cruzeiros para instalação de cem creches destinadas a atender à população pobre. A creche ontem inaugurada atenderá famílias pobres do morro do Cantagalo, na rua Barão da Torre.

Comandantes baianos estão tranqüilos

SALVADOR — Dois comandantes militares da Bahia — o vice-almirante Dilmar de Vasconcellos Rosa, do II Distrito Naval, e o major-brigadeiro Cyro de Souza Valente, do comando costeiro — reafirmaram ontem em Salvador, o ponto-de-vista que vem sendo externado pelas autoridades das forças armadas, declarando que a volta de exilados políticos como Leonel Brizola e Miguel Arraes, não representa transtornos para os militares, dando a entender que a transição política ora em curso no Brasil está totalmente sob controle do sistema.

Cyro Valente disse que "não há preocupação entre os militares, mas o cuidado que sempre deve haver, tanto com os exilados, como quem quer que seja". Sobre o comportamento dos políticos que estão retornando ao país, disse que "eles continuam com suas idéias e nós também continuamos com as nossas". Ele concorda com a declaração do presidente Figueiredo de que "lugar de brasileiro é no Brasil" acrescenta porém: "Mas brasileiro tem de ser brasileiro mesmo e não usar máscara". Com relação ao ex-preso político Theodomiro Romeiro dos Santos, que fugiu do país e apareceu em Paris, o comandante do comando costeiro comentou apenas que "Theodomiro passou a ser um problema da justiça e não é assunto da Aeronáutica".

Já o vice-almirante Dilmar Rosa declarou não haver "nada de especial" na volta dos exilados políticos, afirmando que "para isso nossos chefes pensaram muito, a fim de tomarem uma atitude magnanima, que foi a anistia, que significa uma esponja no passado". Disse ainda que as dificuldades atualmente enfrentadas pelo Brasil são naturais, dentro de um contexto mundial.

O contato deles com a imprensa ocorreu após a rápida solenidade em comemoração do 37.º Aniversário do II Distrito Naval, com a participação restrita aos componentes das Forças Armadas (o general Moraes Rego, comandante da VI Região Militar, estava também presente, mas se recusou a dar entrevista) e membros baianos da Associação dos Amigos da Marinha.

Na ordem do dia lida durante a solenidade, o vice-almirante Dilmar Rosa lembrou alguns episodios históricos a partir da instalação do II Distrito, advertindo: "Não nos deixemos influenciar por filosofias vans, unicamente alicerçadas em vaidades e ambições pessoais, pois o que nos cumpre zelar, o alvo que silhetamos no horizonte de nossas aspirações, somente poderá ser atingidos num clima de ordem e respeito mútuos".

Cartas

Sr. Redator:

Aguardado e buscado pelos trabalhadores conscientes, o Dia do FP (Dia do Fim dos Pelegos) está cada vez mais próximo: já rolou a primeira cabeça. Quem saiu pela porta dos fundos, no dia 25 de agosto passado, foi o pelego Rosalvo de Magalhães, até então o incontestável e inabalável presidente do Sindicato dos Professores de Nova Friburgo.

A criação do CEP e a força do movimento reivindicatório dos professores estaduais (o primeiro a estender-se da cidade ao campo, daí o pânico do regime e a subseqüente campanha de terror policial), acabou com a moral do Sindicato ou pelo menos com a moral de seu presidente, que parecia ser vitalício. Os professores mais jovens, ao entrarem na sua primeira luta trabalhista, sequer se preocuparam em ingressar numa organização cuja capacidade de representar-lhes era negativa de antemão. Daí o fato do CEP friburguense conseguir reunir até 800 pessoas, com o Rosalvo invariavelmente fazendo o papel de palhaço nestas reuniões. Mesmo assim, sindicalistas autênticos (empregados nos colégios particulares e cursinhos que proliferam pela cidade) buscam transformar o Sindicato num órgão representativo da classe trabalhadora. Para evitar enfrentar mais reuniões, o que invariavelmente traria à tona uma história terrível de peleguismo, Rosalvo tratou de cair fora. Convocou uma reunião em cima da hora, notificando um número reduzido de professores (tática que tem utilizado anteriormente, depois culpando o Correio) e marcando o mesmo horário da reunião do CEP. Chegando lá, alegou que por determinação médica precisava tirar licença. Disse que por "problemas pessoais" inexplicados, o vice-presidente não estava presente, e tratou de entregar o cargo à outra pessoa. Mas a fuga do Rosalvo não é apenas dos autênticos, é da Justiça. Recentemente, empregou dinheiro do Sindicato (arrancando à força dos trabalhadores via os descontos compulsórios de seus vencimentos) para finalidades ilegais (um "seminário" realizado ilegitimamente noutra organização que Rosalvo também presidia, para promover a sua imagem perante políticos locais). O rôlo em Friburgo está grande. Os autênticos receiam que o "Governo" use as falcatruas do Rosalvo como um pretexto de intervenção, para colocar um militar ou um burocrata qualquer na frente do Sindicato. Tal manobra permitiria a continuação da cobertura necessária para os donos dos estabelecimentos particulares continuarem à encher os seus bolsos às custas de alunos, professores, e o Tesouro Nacional, enquanto usam o Artigo 487 da Lei Trabalhista para demitir (sem justa causa) os professores conscientes e amedrontar o resto. Não é à toa que seus alunos lhe apelidaram de "Sapo Verde", pois Rosalvo mais uma vez evitou ser apanhado, pulando na hora H.

O fim de pelegos como Rosalvo é apenas o primeiro passo numa luta muito maior. Esta é a luta pelo fim da escravidão às multinacionais e aos safados locais, aos quais o trabalhador brasileiro encontra-se submetido. Líderes trabalhistas autênticos já começam a luta por um Código de Trabalho, em substituição à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), um instrumento de legislação fascista que há 40 anos nega os Direitos Humanos ao trabalhador, tal qual fez Stalin na Rússia e Hitler na Alemanha. O "Governo" dos generais e dos tecnocratas, para evitar qualquer mudança de verdade, enviou uma "reforma" da CLT ao Congresso Nacional. Além disso, procura garantir o regime de exploração através da reformulação partidária (dificultando votos contrários e desviando atenções e energias), da perseguição aos trabalhistas autênticos via a famigerada "Lei de Segurança Nacional", das demissões e dos inquéritos policiais, e outros artifícios e jeitinhos. Faz de tudo, pois tem de tudo na mão, menos o bom senso e a memória. Esquece que a História ensina que não há escravidão eterna, nem mesmo para o trabalhador brasileiro, pois Deus é grande e cuida dos humildes que Nele confiam.

CHRISTIAN K. HANSEN

TRIBUNA DA IMPRENSA
Diretor Redator-Chefe
Helio Fernandes
Redação — Editor Responsável
Helio Fernandes Filho
Chefe de Redação
Paulo Branco
Diretora Administrativa
Nice Garcia Brant

Redação, Administração e Oficinas
Rua do Lavradio, 98 — Telefone: 252-6040
Telex n.º (021) 22352 — TIM-BR

VENDA AVULSA

RJ	Cr$	7,00
ES, MG e SP	Cr$	10,00
AC, AL, BA, DF, GO, PB, PE, PI, PR, SC, SE, RN, RS e MS	Cr$	12,00

ASSINATURAS
Via Terrestre:
Semestral:

RJ	Cr$	1 300,00
Demais Estados	Cr$	1.500,00

Via aérea

Semestral	Cr$	2 400,00

Departamento de Circulação

Exemplares atrasados	Cr$	10,00

Das 9 às 16 horas
Sucursal de Brasília:
Super Center Venâncio, 2.000
Bloco B n.º 60 — Loja 102 — SS
Brasília-DF — Tels.: 223-5268 e 223-3876
Sucursal de Belo Horizonte:
Av. Afonso Pena, 774 — Sala 610
Tel.: 226-0732 — MG

Aviso de Pires não é com MDB

Stalin foi preso pelo computador dedo-duro

Os nomes de Vitório Sorothieuk e de Carol Stalin Pires Leal, dois dos três exilados brasileiros que voltaram ontem ao País, apareceram na tela do sistema de computadores que a Polícia Federal mantém no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, apesar de o ministro da Justiça, Petrônio Portella, ter declarado que ordenara a sua desativação. A detenção de Vitório e Carol, que foram levados para uma sala da Polícia Federal logo após a identificação dos dois na cabina de controle de passaportes, foi arbitrária, segundo declarou o deputado emedebista Modesto da Silveira. O parlamentar e advogado interviu junto às autoridades, mostrando certidões negativas autenticadas expedidas por um juiz, e conseguiu a liberação de Vitório e Carol duas horas após seu desembarque. E ao sair da Alfândega, bastante irritado, disse que os computadores estão mal alimentados, "porque só acusam os nomes de pessoas já absolvidas ou anistiadas".

Além de Vitório Sorothieuk e Carol Stalin, retornaram ontem ao País, Anivaldo Pereira Padilha, que veio a serviço da Federação Mundial de Estudantes Cristãos e depois voltará à Suíça, é a esposa e filha de Manuel da Conceição, Maria Denisa Barbosa Leal. Todos foram recebidos em ambiente festivo por familiares e um grande número de membros do Comitê Brasileiro Pela Anistia e Movimento Feminino Pela Anistia, que, liderados por seus dirigentes, levaram ao Aeroporto do Galeão diversas faixas com os dizeres "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita" e "A Luta Continua". Também estiveram presentes os deputados Modesto da Silveira, José Eudes e Walter Silva, este representando a liderança nacional do MDB.

Depois da aprovação do Projeto da Anistia, esta é a primeira vez que retornam ao País num só dia três exilados. Os dirigentes do Comitê Brasileiro Pela Anistia informaram que hoje e nos próximos dias chegarão outros grupos de brasileiros, que estavam apenas aguardando a aprovação do Projeto de Anistia para retornar ao País.

9 anos depois Dulce Maia voltou

SÃO PAULO — A banida Dulce de Souza Maia, de 41 anos, desembarcou ontem ao meio-dia no Aeroporto de Congonhas, onde viveu momentos de forte emoção ao encontrar familiares que não via há nove anos, quando foi enviada para a Argélia com outros 39 presos políticos em troca do embaixador alemão Ludwig Von Holleben, seqüestrado no Rio de Janeiro. Ela já estava decidida a retornar e afirmou que a anistia foi "uma questão de justiça", porque acreditava na sua absolvição. Contudo lamentou que a anistia não tenha sido ampla, geral e irrestrita, "para beneficiar outros exilados e várias pessoas que continuam presas".

Embora estivesse condenada a três anos de reclusão — um pela filiação à organização política (VPR — Vanguarda Popular Revolucionária) e os outros dois pela sua participação no atentado ao QG do II Exército, em que morreu o soldado Kozel Filho — Dulce de Souza já havia cumprido a metade da pena e foi anistiada porque a sentença ainda não transitara em julgado. No entanto, ela ainda poderá responder a processo se o promotor da 2.ª Auditoria Militar resolver apelar à Instância Superior. A explicação é do seu advogado Rubens Domato, que foi esperá-la ontem no aeroporto com um contra-mandado de prisão, expedido pelo juiz titular da 2.ª Auditoria, o que evitou eventuais problemas com as autoridades policiais após o desembarque.

Contagem anistia quem fere a lei eleitoral

BELO HORIZONTE — Com a anistia política aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da República, João Figueiredo, Contagem é a primeira cidade do país, que se tem notícia, a perdoar um infrator do Código Eleitoral Brasileiro, que iria a julgamento nos próximos dias por ter falsificado um título de eleitor em agosto de 1976. O motorista de táxi Antônio Raimundo Sales foi anistiado pelo juiz da Terceira Vara Criminal e Eleitoral da Comarca de Contagem, Emerson Tardieu Pereira, e já está de posse de seus direitos políticos e, também, livre de um julgamento que poderia condená-lo por até cinco anos de prisão por falsificação de documento público.

Em agosto de 1976, na campanha eleitoral para à Câmara de Vereadores de Contagem, o motorista Antônio Raimundo Sales procurou a candidata Werene Vieira Moreira, solicitando que a mesma o ajudasse a transferir seu título eleitoral de uma das zonas eleitorais de BH para o município de Contagem, onde a primeira disputava uma das cadeiras da Câmara.

Como Antônio trabalhava há muito tempo no bairro Amazonas, no outro município, com seu carro, Werene Vieira Moreira forneceu-lhe um formulário requerendo um atestado de residência, que foi por ele assinado e testemunhado por Ângela Cristina Moreira e Marcelo Moreira, ambos filhos da candidata à vereadora.

Entretanto, ao preencher o formulário, o motorista cometeu um engano, que levou as autoridades a descobrir a fraude e enquadrá-lo no Código Eleitoral Brasileiro. Traído por seu subconsciente, Antônio Raimundo Sales, ao invés de declarar sua residência, conforme constava no atestado (Rua G, número 21, Bairro JK) e onde falsamente dizia residir, escreveu no formulário do Tribunal Regional Eleitoral o seu verdadeiro endereço, Rua Independência, 398, Cabana Pai Tomaz, em Belo Horizonte.

Depois de instaurado o processo, o promotor Francisco Assunção, da Comarca de Contagem, revelou ainda que o réu, "usando de igual expediente, já ludibriou o Serviço de Trânsito da Delegacia de Polícia da Cidade Industrial, para conseguir o registro de seu veículo de aluguel".

Em seguida a Promotoria, denunciando Antônio Raimundo como incurso nas infrações do artigo 350 do Código Eleitoral, requereu o início da fase de instrução criminal, citando como testemunhas, Agostinho Paulo da Silva, Realino Quirino de Alvarenga e Alvair José Mota.

ANALISANDO, em Brasília, as palavras do Ministro do Exército, general Walter Pires Albuquerque, de advertência aos exilados que retornam, no sentido de não tentar "incendiar" o país, porque as Forças Armadas evitarão que isso ocorra, disse o deputado Freitas Nobre, líder da Oposição na Câmara, que a advertência, certamente, não atingia o MDB, isto porque a maior preocupação do Partido é o restabelecimento total das franquias democráticas e disso tem dado mostras continuamente. Observou ainda que os exilados que retornam, vítimas da Legislação de Exceção, têm a inteligência e a sensibilidade necessárias para compreender o momento de transição que o Brasil atravessa.

E, não obstante tenham sido vítimas da exceção, não há por que se preocupar com o seu retorno. Segundo informações que chegaram ao seu conhecimento, e pelos contatos que têm sido mantidos com eles por membros do MDB, todos se mostram dispostos a dar contribuição para que a normalidade democrática seja alcançada e o período de dificuldades, inclusive na área econômica, sejam superados.

Assim, integrando-se ou não em Partidos de oposição, os exilados pugnarão pela normalidade constitucional.

Os exilados que forem regressando ao país serão recebidos pelo MDB. Para tanto, será criada uma Comissão de Recepção, com várias subcomissões que viajarão aos diversos Estados, a fim de recepcionar os que voltam, ainda nos aeroportos. Essa Comissão deverá ser formada nos próximos dias e uma das preocupações dos dirigentes do MDB é evitar que ocorram manifestações que firmem graus de prestígio dos que retornarem ao Brasil, desde o mais simples, até aos de maior prestígio político.

Nobre: não temos nada com isso

Depois da fascistização ninguém incendeia o País

O deputado fluminense Edson Khair contestou ontem em Brasília as declarações do ministro do Exército de que "ninguém incendiará este País" e "não tememos inimigos de espécie alguma", referindo-se sobretudo à volta dos exilados Miguel Arraes e Leonel Brizola. "O ministro tem razão — argumentou — no que diz respeito a Arraes e Brizola, pois realmente eles não têm capacidade de incendiar o País. Não tiveram no passado, quando eram Governo e não terão agora quando chegam ao País 15 anos após o processo de fascistização em nossa pátria".

— Walter Pires não tem razão, porém — prosseguiu o parlamentar — quando afirma que o País é um mar de tranqüilidade e que as Forças Armadas são capazes de enfrentar qualquer perigo. Não tem razão quando não dá real dimensão ao que seja, por exemplo, a dívida externa de 50 bilhões de dólares. Este, sem sombra de dúvida, é um dos fatores que pode incendiar o País. O Brasil deve 50 bilhões de dólares, some-se a isso o fato do trabalhador brasileiro receber um salário-mínimo inferior ao do trabalhador do Paraguai, nação mais atrasada da América Latina, e teremos aí a correspondência sócio-econômica capaz de incendiar o País.

Para o deputado Edson Khair, a "situação do arrocho salarial, a extrema miséria do povo brasileiro, a existência de regiões como o Vale do Jequitinhonha e o Nordeste do país, cujo grau de miserabilidade só encontra paralelo em Biafra, ou na Índia, enfim, todos esses fatores de miséria, atraso, subdesenvolvimento e analfabetismo, devem realmente inquietar o país e podem, sim, incendiá-lo".

— Portanto — prossegue — o sr. ministro do Exército, que sustenta essa ordem social injusta há 15 anos, deve temer não o ex-governador Arraes, ou Brizola, nem os poucos presos políticos que deixam as cadeias em conta-gotas a uma anistia de meia-confecção e capenga, mas sim àqueles fatores sociais altamente explosivos. E essa política altamente concentracionista da renda que o exército tem sustentado por sua cúpula militar, tem permitido o encostamento dos trabalhadores na parede pelas multinacionais e pelo insensível patronato nacional. Talvez por isso se diga que neste país houve um dia um milagre brasileiro. Foi o milagre do trabalhador conseguir sobreviver com um salário mínimo inferior ao paraguaio.

Edson: respondendo ao ministro

Khair discordou ainda a falta do ministro Walter Pires, assegurando que os elementos capazes de incendiar esse país "são exatamente a extrema miséria e penúria do povo brasileiro e a dívida externa, aliados ao acordo nuclear, que se concretizado dobrará a dívida, que ficara em torno de 100 bilhões de dólares conforme denunciou Kurt Mirow em seu elucidativo livro **Loucura Nuclear**. Essa é a combustão que não só o ministro do Exército deve temer, mas todos nós enquanto membros da sociedade brasileira".

Sarney acha declarações normais

BRASÍLIA — O presidente da Arena, Senador José Sarney, interpretou ontem as declarações de anteontem do ministro do Exército, Walter Pires, como "um ato normal".

Observou que "o ministro nada mais fez do que explicitar a missão constitucional das Forças Armadas, que não é outra, senão se resguardar a ordem pública e manter as instituições.

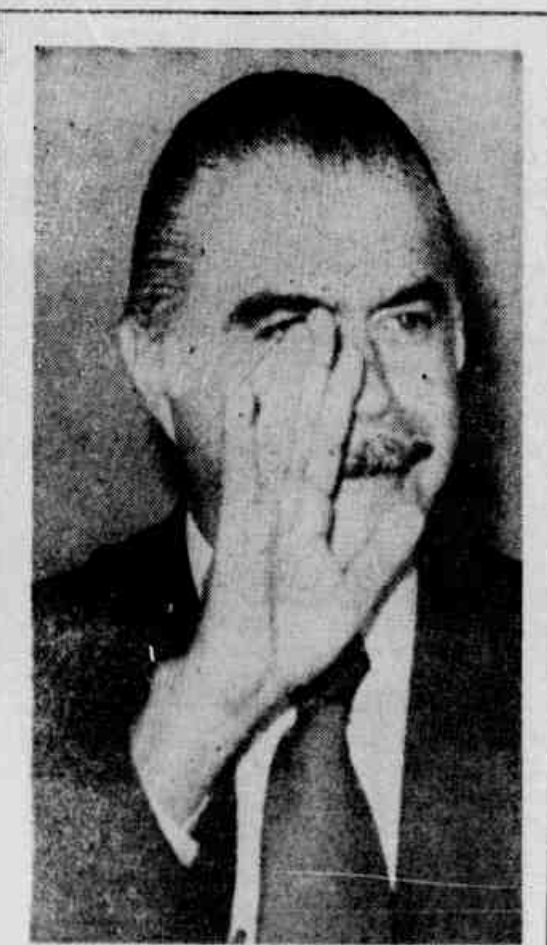
— E toda a nação — prosseguiu — julga que a unidade, o preparo e o patriotismo das forças armadas é sem dúvida um fator de estabilidade e ao mesmo tempo assegurado do processo de abertura, em que está empenhado o presidente João Figueiredo.

O senador ressaltou ainda o que ele encara como "avanço excepcional" da distensão política do atual governo, que proporcionou, no seu entender, um debate democrático no país inteiro, com a participação de todos os setores da população.

Anotou ainda o dirigente da Arena que "o próprio Congresso é hoje um forum permanente de debate, crítica e Fiscalização do Governo, enquanto a Arena é um exemplo de vigência democrática".

Sarney mencionou que seu partido estabeleceu uma ampla liberdade de opinião entre seus membros, principalmente na hora em que o governo se dispõe a abrir o leque partidário, para que outros setores da sociedade venham a participar mais ativamente da vida nacional.

Ele reconheceu, no entanto, que o governo vive dificuldades de ordem econômica, ditadas por uma conjuntura internacional adversa, mas manifestou confiança no desempenho político da Administração para contorná-las.

Lembrou que "é desse prisma que se deve atentar para a política de mão estendida lançada pelo presidente Fegueiredo, que procura, através da aproximação com os setores oposicionistas, buscar a união de todos os brasileiros.

José Sarney: tudo normal

O Somoza fluminense

É como está sendo chamado o "governador" (sempre entre aspas) Chagas Freitas... Pelos professores, pelo funcionalismo, e por setores oposicionistas, em geral...

De fato, não se falava de outra coisa, ontem à tarde, na "esquina do pedido" — São José com D. Manoel, em frente à Assembléia — sobretudo, registrando a surpresa com que se registra o crescimento da impopularidade de Chagas Freitas.

Deputados estaduais, não muito vinculados ao esquema chaguista, embora a ele transigentes, já manifestam sua disposição de exigir do cacique do MDB fluminense melhor tratamento a suas reivindicações. O reforço eleitoral tentado, nos últimos dias, com as massificantes nomeações efetuadas, em cargos em comissão, são, na realidade, uma atitude de desespero, e objetivavam garantir uma vitória, afinal, diminúida, pelas condições em que se verificou.

A ingenuidade daqueles que tanto se esforçaram, para não conseguir que suas chapas fossem à disputa, ou que nem conseguiram dar entrada nas filiações, bem como a esperança de que o Diretório Nacional do partido aprovasse a expulsão de Chagas, que, a bem da verdade, em nada alteraria a composição do MDB fluminense, precisa ser perdoado. Repetir tal erro de estratégia, entretanto, não é uma questão de ingenuidade, apenas. Significa continuar coonestando a liderança de Chagas Freitas, o Somoza fluminense, que, a cada dia, mais tripudia sobre aqueles que não encontram condições parecidas para um enfrentamento.

xxx

O vereador Edgar de Carvalho, desesperado com a reformulação partidária, ávido de prestar bons serviços ao esquema Chagas Freitas, e desejando confundir o eleitorado progressista, apresentou a corrente a que pertence como progressista. E foi pela dedução do bom clima de diálogo entre o "governador" (sempre entre aspas) Chagas Freitas e o deputado Miro Teixeira, com os deputados Marcelo Cerqueira e Raimundo de Oliveira.

xxx

O senador Tancredo Neves (MDB-MG), na sua iniciativa demagógica de promover a devolução das medalhas e condecorações a Juscelino, o que não foi feito em vida, esqueceu-se de tomar a iniciativa que, talvez, mais alegrasse Juscelino. Tancredo devia ter apresentado emenda tornando a Anistia, irrestrita, como a tornou JK...

Aliás, o empresário Gilberto Rabelo, uma das vítimas da gigolagem no MDB fluminense, efetuada por Chagas Freitas e seus áulicos, perguntava, ontem, no almoço da Associação Comercial:

— Porque só promover a medida em favor de Juscelino, exclusivamente, e não a estender a todos aqueles que foram vítimas de ato de tamanho radicalismo?

E lembrava a necessidade de, o governo, reabilitar a figura de Carlos Lacerda...

xxx

O que objetivou o Ministro Walter Pires, com sua séria advertência? Criar nas classes conservadoras a noção de que os militares não avalisam as efervescências reivindicatórias, que afloraram à Nação? Não deve ter sido isso, mormente num País, em que as Forças Armadas são constituídas de oficiais saídos dos meios mais pobres da população brasileira, majoritariamente pobre.

Na realidade, o Ministro objetivou, dando seqüência às declarações prestadas, por ocasião do Seminário Trabalhista de Lisboa, em junho, ameaçar certos setores das oposições, ingenuamente, supondo que já estão no poder, e que, para os comandos militares, parecem haver ultrapassado os limites da relação preconceitual entre oposicionistas e contestadores.

É bem verdade que, reconhecendo a existência de um sistema (que, até bem pouco tempo, era composto pelos generais Odylo Denis e Lira Tavares, e agora compreende, também os generais Médici e Geisel, acentuo), tornou-o — definitivamente — factual.

E, além de denunciar infiltrações na imprensa, o Ministro do Exército revelou, na realidade, o quanto está longe do processo armado pelo general Golbery para evitar, aí sim, uma convulsão incendiária e desregrada das massas miseráveis e famintas, até porque desempregadas, cada vez mais numerosas.

Uma Nação só se incendeia com palavras, já que as armas estão com as Forças Armadas — quando há terreno fértil para uma pregação de cunho oposicionista. Mas que as massas, hoje, estão em permanente combustão, até espontânea, os serviços de informação do Ministro precisam detectar, para que não fique perdendo o nosso tempo (e o dele também, com ameaças, que não ficam bem, na sua investidura. O Ministro precisa ser mais sensível à realidade de uma conjuntura, do que à retórica. Na primeira está a necessidade de levar, em banho-maria, para as transformações sociais desejadas pela maioria de seu povo; na segunda está o eco de oralidade, que, nem sempre, consegue ser entendido, se bem formulado.

xxx

O lançamento do **Jornal da República** e da **Hora do Povo** marcam, no afunilado mercado de trabalho jornalístico, novas oportunidades na ampliação do mercado de trabalho jornalístico.

Mino Carta, com a edição de um diário — o **Jornal da República**, voltado para o jornalismo interpretado, prova, em definitivo, a viabilidade e a necessidade das pequenas e eficientes redações, prontas a, custando menos, oferecer um jornalismo mais descompromissado do que o das grandes empresas.

A **Hora do Povo**, cumprindo os objetivos que a inspiram, não pode se deixar levar pelo sectarismo, ou a intransigência. Tem responsabilidades, as quais não admitem qualquer tipo de transigência com o adversário comum, o "governador" (sempre entre aspas) Chagas Freitas, o Somoza fluminense.

Que eu espero, sinceramente, sejam mantidos!...

Do sucesso dos dois, dependerá sua sobrevivência, originada pela escolha popular...

xxx

O senador biônico João Calmon, caminhava ontem, pela **Rua México**, quando um jornalista parou, e ficou contemplando-o, até dobrar, na esquina de **Pedro Lessa**. Ao que, um colega arguiu:

— É o João Calmon, porque o olha tanto?

— Este é preciso olhar bem, porque é preciso conhecer o homem que conseguiu desmoronar o império do Chateaubriand...

É mesmo!

O programa Debate Livre de amanhã, na **Rádio Guanabara**, das 9 às 10 horas, será dedicado aos jornalistas Arthur José Poerner, analista do Poder Jovem dos anos 60, e Hermano Alves, que agora encerram seu exílio. A postos os participantes, Paulo Carvalho, Fernando Barros, Jorge França e quem lhes escreve. A produção é de Ary Ahmed. Não percam!...

NONATO CRUZ

Preto no Branco

Normalmente circulam estagiárias da Faculdade de Jornalismo aqui na redação do programa "Abertura", à procura de respostas. Geralmente são bonitas e saudáveis. Intelectualmente costumam sofrer de miopia grave ou são distraídas. Outro dia uma queria saber a cor da cueca do Chacrinha. Hoje, Irina, algemou-me, numa entrevista:

— Você conhece o Flávio Cavalcanti?

— Conheço.

— Você o admira?

— Onde tu queres chegar?

— Estou querendo saber se você o admira e o respeita.

— Não existe uma ponte entre, gostar do Flávio ou não gostar. Gosta-se ou não. Naturalmente quando se gosta. Passionalmente quando não se gosta.

— Eu não gosto.

— Por quê?

— Reconheço que ele é um repórter. Mas é um jornalista preocupado somente com os efeitos, não com as causas. Outro dia ele estava horrorizado com os crimes e assaltos atuais. Não teve a menor curiosidade com a origem de tudo isso. Você não acha?

— Primeiro deixa eu esclarecer uma coisa simples. Gosto e admiro o Flávio Cavalcanti. É o melhor comunicador brasileiro. Não existe mais safra dos Flávios.

— Você não acha o Sílvio Santos melhor do que o Flávio?

— Primeiro o Sílvio Santos não é um comunicador brasileiro. Ele é um xérox dos apresentadores americanos. E vende no ar produtos, e quando digo produtos entenda idéias americanas, copiadas, sem pagar *roialtes*.

— Não diga que o Flávio...

— Digo. O Flávio é um criador de idéias. Não imita ninguém. Já trabalhamos muitas vezes juntos.

— Mas ele mente muito.

— Outro engano teu, Irina. Não mente. No ar, ou distante de uma câmara de televisão, é o mesmo. E vou te contar uma coisa. É um verdadeiro *gentleman*. A televisão brasileira é uma feijoada, a soma de tudo que tu possas imaginar. Raras pessoas são tão amigas e generosas como ele.

— E aquele jeito dele de gemer, chorar, se escandalizar, todo aquele suspense dramático. Ninguém pode levá-lo a sério.

— É o estilo dele, sua maneira de ser, sua impressão digital Há mais de vinte anos está diante de uma câmara e não vejo, no comunicador e no jornalista, nenhuma ruga ifeccionada. Ele luta sozinho contra um Fantástico milionário, abastecido de todos os recursos, e lá está ele num canto do ringue, enfrentando geralmente com uma atiradeira e uma flor seu adversário, comodamente instalado num tanque. É uma briga enjoada. Mas o Flávio não se dá bem com os nocautes da vida.

— Disseram-se que ele não aceitou que você dirigisse o seu programa, este ano.

— Quem te disse isso?

— Um amigo meu da *TV Tupi*.

— Não é verdade. Isso é uma história complicada, de um certo ângulo. Houve realmente um relatório meu sobre o seu programa. A direção geral da *TV Tupi* pediu-me. Ela queria e o Flávio Cavalcanti foi quem indicou o meu nome para ser o supervisor do seu programa. Assisti mais de seis reuniões com sua equipe e fiz o relatório. Mais de 40 páginas. O primeiro a lê-lo, foi o próprio Flávio. Foi uma das raras pessoas que leu. A caminho da direção geral da TV, em São Paulo, o relatório desapareceu. Não era um Relatório Saraiva... Minha amizade e admiração pelo Flávio não tem raízes somente plantadas na história de nossa televisão.

— Você é uma das raras pessoas que gosta do Flávio.

— Estás maluca? Não conheço NENHUMA pessoa que conheça o Flávio pessoalmente que não goste dele. Já te disse, ele é um *gentleman* e bastante generoso.

— Como você definiria o Flávio Cavalcanti?

— Flávio Cavalcanti é um ser humano habitado por um anjo chamado Belinha

Carlos Alberto

Política

JOSÉ COSTA

A luta pela popularidade tem sido uma constante em todos os governos. No tempo em que os presidentes da República não tiravam (em público, naturalmente) o paletó, já se cuidava de dar uma feição à imagem dos que estavam no governo. Somente depois de Getúlio, na sua volta ao poder em 1950, os governantes apareciam em mangas de camisa. O primeiro foi Ademar de Barros que se deixava fotografar com a barriga enorme e as mangas de foto arregaçadas, afirmando que era candidato à presidência porque "o Brasil precisava de um gerente". Derrotado uma vez, Ademar não se conformaria, tentando chegar ao governo com o seu "Desta vez vamos".

* * *

As campanhas presidenciais eram por demais exaustivas. Alguns candidatos percorriam o país de Norte a Sul sem tirar o paletó. Assim foi com o brigadeiro, com Cristiano Machado e com Getúlio que os derrotaria. A vantagem é que, no Sul, Getúlio ia de bombachas folgadas nas pernas e que terminavam com um par de botas a que não faltavam as esporas, símbolo dos gaúchos.

* * *

Um inovador em matéria de campanha foi o ex-presidente Jânio Quadros. Depois de ter falado em quase todas as cidades de blusão, nos seus sete meses de governo, daria ao país uma inovação. O uso de um costume branco, calça e blusão de mangas curtas, semelhante ao adotado na Índia por Javaharlal Pandit Nehru, seguidor de Mahatma Gandhi e seu sucessor como primeiro-ministro daquele país, proliferou. A roupa era uma espécie de cópia dos velhos uniformes do Exército colonial inglês adaptado às necessidades indianas. E Jânio, presidente da República, fazia absoluta questão de usá-las para seus despachos com os seus ministros de Estado, que logo adotariam a vestimenta.

* * *

O ex-presidente João Goulart, nos seus tempos de ministro do Trabalho, também costumava tirar o paletó para conversar com os trabalhadores. Mas, isto só ocorria nos momentos informais, sem a presença de fotógrafos. Ainda assim, pelas suas atitudes, seu jeito aberto ao diálogo, ele ganharia logo a fama de "descamisado". Jango também era gaúcho e não lhe faltariam, como ocorreu com Getúlio, am bombachas, a camisa aberta ao peito.

* * *

De março de 64 para cá, todos os presidentes da República até o advento de Figueiredo usaram normalmente ternos. Castelo não aparecia em mangas de camisa. E nas suas vindas ao Rio, quando o Palácio das Laranjeiras, no Parque Guinle, ainda era sede do governo, ele jamais apareceu a não ser de terno. Ao seu tempo de presidente Castelo restabeleceu um velho costume saudosista, o de ir à ópera no Municipal, onde os costumes das noites de gala exigiam ou o rigor ou o terno escuro. Seu sucessor, o presidente Artur da Costa e Silva, também não aparecia em mangas de camisa, o que só viria a ocorrer, esporadicamente com o presidente Médici. Geisel, sempre erecto no seu terno escuro, algumas vezes, nas longas viagens pelo interior do país, apareceu muitas vezes em mangas de camisa. Coube a Figueiredo nos dias de hoje, a adoção do traje esporte nas suas vindas ao Rio para o cumprimento de programas familiares ou visitas informais.

* * *

O traje esporte normalmente usado por qualquer pessoa há mais de 20 anos sempre foi vetado aos mais importantes mandatários do país. Com a mudança de costumes, um dia todos terminam chegando lá. Abolindo de uma vez por todas com o terno que ainda hoje é exigido nos gabinetes do Executivo, do Judiciário e do Legislativo. É certo que com o correr dos tempos alguns velhos preceitos foram sendo derrubados permitindo-se o ingresso da mulher na Academia, acabando-se com a proibição das calças compridas para as mulheres no plenário das Casas Legislativas e em outros setores da vida pública.

* * *

O uso do terno, de uma certa forma, tinha o defeito de distanciar o mandatário do povo. O blusão, a vestimenta informal traduz uma familiaridade, dando seja a quem for a condição de "gente". Esta, aliás, é uma das faces da moderna técnica de comunicação, que repele o formalismo, predispondo ao que está distante do poder uma identificação sublimar, mas que não garante a ninguém a popularidade que os publicitários tentam atingir. Esse ingresso no coração do povo continua sendo difícil mesmo em toda a informalidade.

Reforma salarial

FRANCISCO PEDRO DO COUTTO

A fórmula a que chegou o Conselho de Desenvolvimento Econômico para estabelecer a reforma salarial no país e reajustar os vencimentos dos trabalhadores de seis em seis meses é justa no que se refere a proporcionar índices mais elevados para as categorias que percebem menos, mas ainda representa, em sua essência, uma iniciativa conservadora quando determina que os salários mais altos terão correções menores. A medida, para a maioria dos que vivem de seu esforço, certamente será bem recebida e, inclusive, traz consigo, pelo menos na forma aparente, um sistema de produtividade capaz de permitir que os vencimentos sejam acrescidos de valores percentuais acima das taxas de aumento do custo de vida. Quanto a isso não há dúvida. Mas é conservadora, quando deveria ser pelo menos reformista, na medida em que se volta para comprimir as funções de remuneração mais elevada.

Conservadora. Conservadora porque, no fundo, propõe uma compensação ao sistema empresarial, ou seja aquele cuja renda decorre dos ganhos do capital. O sistema empresarial, provavelmente em função dos cálculos básicos projetados, continuará desembolsando valores idênticos aos que desembolsa hoje, apenas com uma diferença de destinação. Destinação sem dúvida mais justa, socialmente. Mas não estruturalmente. O que o Conselho de Desenvolvimento Econômico formalizou foi compensar os desembolsos salariais. O montante das folhas de salários, claro computadas as correções monetárias, permanecerá sem qualquer desestabilização em função da reforma.

Ainda que tal fenômeno possa contribuir para uma melhor distribuição de renda, ele não representa uma transferência dos ganhos do capital para os ganhos do trabalho. E, ainda mais, ao reduzir a progressão proporcional dos salários mais elevados, através do tempo, contribuirá para uma aproximação entre os valores, que também não representa solução das melhores, quando se sabe que a melhor solução é reduzir as diferenças do lucro do capital para tornar mais justos os salários. Ou então incentivar, direta e indiretamente, o sistema de produtividade para que ele possa se refletir em escala ponderável na produção e, ao mesmo tempo, na remuneração daqueles que vivem de seu trabalho.

Não terminam ainda aí as razões existentes que aconselham, desde logo, antes do fato consumido, uma alteração substancial na proposição acolhida pelo CDE. Está evidente que aqueles que percebem salários mais elevados também desempenham tarefas de maior responsabilidade, de chefia e comando, portanto são aqueles que, em muitos casos, são responsáveis pelo desempenho da produção. Ora dentro de tais circunstâncias, estes necessitam também de incentivo. E, se não o tiverem, tal fato acarretará problemas de peso em todo o processo produtivo e na própria estrutura do trabalho. Motivação salarial é algo que deve ser estendido a todos, sem discriminações. Cada um exerce uma tarefa, possui uma responsabilidade, tem a seu cargo atribuições e todos, sem exceção, precisam ser motivados. A fórmula do CDE, no fundo, contribui para desmotivar aqueles que percebem vencimentos mais altos e se assim ocorre, está claro, é por alguma razão. Os empresários não vão pagar salários mais altos à-toa. Ao contrário. Se pagam, por exemplo, 50 mil cruzeiros a alguém, todos podem estar perfeitamente certos que o trabalho desenvolvido vale pelo menos o dobro. Senão não pagariam. Pois a acumulação de capital decorre, em boa parte, da diferença entre o valor da remuneração e sua exata importância no processo produtivo. Mas esta é outra questão essencial brasileira, no campo da remuneração do trabalho, é que os salários, na verdade, não podem ser considerados fatores inflacionários por si. Eles podem dar margem a especulações e pressões em sua função. Mas isso é outro caso. Os salários não podem ser considerados inflacionários simplesmente porque nós estamos num país em que, segundo revela o próprio IBGE, 45 por cento da mão-de-obra empregada ganha até um salário-mínimo por mês. E como recentemente afirmou o ministro Murilo Macedo oitenta por cento dos que trabalham ganham menos que 20 mil cruzeiros. E tem mais: os que percebem até 3 salários-mínimos representam 67 por cento da força de trabalho. Ora, num contexto assim, como falar em influência de maior peso dos salários na escala da inflação? Quase metade dos trabalhadores — veja-se bem — ganha o mínimo. O que dizer do mínimo? O que existe abaixo dele? Logicamente nada. Então, as correções salariais são feitas sempre em índices muito inferiores aos da correção dos preços. Desta forma, para dividir melhor a renda, o que se deve fazer é distribuir melhor os ganhos do capital. Não os ganhos (suados) do trabalho humano.

Todo dia é dia

PEDRO PORFÍRIO

Você viu que na semana passada destinei duas colunas para a resposta do Conselho Regional do SENAC, Victor de Victor de Araujo Martins. Antes, já havia publicado carta do presidente da Confederação Nacional do Comércio, senador Jessé Pinto Freire. E como prometi, vamos a alguns comentários:

1) Em relação à carta do senador Freire, destaco o seguinte trecho:

> **"Não conheço o diretor mencionado no noticiário em apreço, nem tenho conhecimento próximo ou remoto dos fatos ali citados".**

Acontece que no dia 16 de janeiro de 1978, o senador Jessé Pinto Freire assinou carta ao Juiz de Direito da 15.ª Vara Civil de solidariedade ao diretor regional, Hilton de Almeida a propósito de processo movido pelo professor Sérgio Maurício Wanderley, demitido sumariamente, juntamente com a professora Renata Cataldi Freire.

Nessa carta, o senador Jessé Pinto Freire escreveu textualmente:

> "De qualquer forma, urge deixar evidenciado que a Administração Nacional prestigia os atos da Administração Regional do Estado do Rio de Janeiro, a qual, idoneamente dirigida pelo Conselho Regional e por seu presidente, credencia-se à solidariedade da instituição".

Convém lembrar que na mesma carta o senador afirma que o sr. Hilton de Almeida representará contra o advogado e professor Wanderley em nome da Administração Regional do SENAC.

Estou citando esse processo apenas para lembrar ao senador que ele não estava indiferente ao que acontecia no SENAC sob o controle absoluto do sr. Hilton de Almeida. Levantei esse processo na 15.ª Vara (tem o número 80.324), porque ali há algumas sérias acusações sobre os desmandos do diretor-regional. Lá, o sr. Sérgio Maurício Wanderley relata:

... "O diretor-regional, no dia 3 de outubro pp, convidou o suplicante e os demais professores do referido curso de Corretor de Imóveis, em número de oito (8) e a portas fechadas "hui clos" a cada um "per si" fez a seguinte proposta — verdadeiro dilema —: ou solicitar licença, sem vencimentos, até o reinício do curso (março de 78) ou ser dispensado.

...Uns não sucumbiram a coação, como é o caso do suplicante e de sua colega, também advogada, a professora Dra. Renata Cataldi Freire, que foram dispensados sumariamente; outros, constrangidos ilegalmente, assinaram requerimentos adrede regididos pelo Diretor, solicitando redução de sua carga horária, como ocorreu com os professores Hélio Lopes de Castro e José Luiz da Costa; outros ainda tiveram aproveitamento em diferentes cursos e, finalmente, um sucumbiu a coação e entrou de licença sem vencimentos — Prof. Carlos Alberto Pereira da Silva"...

Pelo que pude deduzir do processo, o sr. Hilton de Almeida iludiu também o presidente do Conselho do SENAC, pois em memorando de 3 de outubro de 1977, alegou que não haveria necessidade dos serviços do professor Sérgio Maurício Wanderley, por falta de cursos.

Enquanto ele alegava isso para forçar a demissão desse professor, o SENAC recebia inscrições para um curso de Técnico em Transações Imobiliárias, na prática o mesmo curso, com nome diferente somente para justificar as demissões arbitrárias. Esse curso, sobre o que há parecer do Conselho Federal de Educação (61/76) foi, aliás, amplamente noticiado pelo **Jornal do Brasil** em 15 de setembro. Sobre isso, aliás, o SENAC tinha até agido com dignidade, ao rejeitar pressão do Sindicato dos Corretores, que queria impedir um curso gratuito ali para não prejudicar o seu curso pago.

Está claro que este não é o único "caso" que tenho em mãos. Mas o meu espaço é pequeno e, à medida em que assuntos mais urgentes (de atualidade) não forem ocupando meu tempo, voltarei com outros comentários.

Em todo caso, gostaria de fazer duas advertências: 1) ao Presidente da CNC, senador Jessé Pinto Freire e ao Presidente do Conselho, Victor D'Araujo Martins: evitem se envolver de olhos fechados nessa briga que é, praticamente de todos os funcionários contra o sr. Hilton de Almeida, pois já estão cansados de arbitrariedades. 2) Ao sr. Hilton de Almeida, que evite usar nomes de certos órgãos para se dizer protegido. Foi uma bobagem, por exemplo, tirar cópias da carta do presidente do Conselho e fazer farta distribuição dela dentro e fora do SENAC. Não tenha dúvida, que publicarei todas as respostas, todas as alegações, aqui mesmo, neste espaço. Seja de quem for. O que não vou PERMITIR é que esses mesmos órgãos tidos como padrinhos do sr. Hilton de Almeida fechem os olhos para escândalos como o do computador, sobre o qual falarei quando voltar ao assunto.

CORRESPONDÊNCIA

Lauro Muller, 86/606 — Tel. 295-7769.

"O CHARME" DA NOVA DIREITA FRANCESA

SÉRGIO BARCELLOS

O escritor Raimond Aron reconhece "a inspiração" da nova direita francesa surgida de maio de 68, como uma resposta ao malogrado movimento estudantil. Aron sempre foi simpático aos movimentos políticos contrários à mistificação "do marxismo-leninismo que hoje ronda a Europa Ocidental, mais rica e mais civilizada do que a outra". Apesar do respeito intelectual que tenho pelo autor de "Plaidoyer pour L'Europe Decadente", acho-o um pouco exagerado quanto aos temores de um domínio soviético em toda a Europa.

Seria importante que Aron observasse o outro lado, ou seja, o crescimento das multinacionais que à guisa de uma hidra (a nova direita, identifica o inimigo errado) ameaça a Europa e num sentido mais abrangente, o mundo todo. O imperialismo soviético é insignificante diante deste inimigo polimórfico, que nos acena com a tecnologia, contratos de risco e muitas outras "delícias". Aron é suficientemente inteligente para saber disto e não se prestar a ser cabeça de ponte de um fascismo mais atraente e aparentemente menos arrogante.

Não é por coincidência que a França — mais uma vez — foi escolhida como laboratório de experiências políticas. Desde os tempos da Revolução Francesa, da Comuna e do interregno jacobino a França foi a pátria política do mundo. O que é hoje conhecido como "socialismo africano" ou "socialismo asiático", prevalecentes em áreas que não aceitaram o comunismo, em suas formas estalinistas ou maoístas é uma variante de Saint-Simon, ou da doutrina que tem o seu nome. Marx sempre estudou com atenção o socialismo francês e muito especialmente Proudhon e sua obra "Qu'est-ce que la propriété?", não poupando Auguste Comte e todo o fabianismo.

Na França como em todo o mundo, a esquerda pensou e a direita sempre foi governo. No século XVIII a teoria da democracia de Jean Jacques Rousseau — que no sentido lockheano não era liberal ou individualista — inspirou Montesquieu, Voltaire e Diderot e também os primitivos socialistas como Fourrier Saint-Simon. Rousseau inintencionalmente inaugurou uma linha de pensamento que haveria de ser o divisor de águas entre liberais e socialistas.

O epílogo da Revolução Francesa chamou-se Bonaparte, ou a direita no poder. Desde então os direitistas jamais deixaram de ter o poder nas mãos, com alguns sustos como as revoluções de 1830 e 1848 Ao chegarmos à década dos 30, a França nada mudara em termos de luta pelo poder: a direita e esquerda minando as instituições da Terceira República e a primeira conquistando os louros da vitória. O jornal fascista, *L'Action Française*, com o apoio do Clero e dos empresários e de intelectuais pouco expressivos em idéias, mas atuantes politicamente, como Maurras, Brasilach, Drieu, etc. Havia, é verdade, Céline, mas este era um capítulo à parte.

Com a derrota do fascismo e a perseguição implacável ao "fascismo vermelho", a direita pôde retornar como agora, na França, Inglaterra e Alemanha. Os maneirosos rapazes da nova direita francesa trocaram o Conde de Cobineau pelos gurus Alainde Benois e Louis Pauwels.

Este último é autor de "O Despertar dos Mágicos", uma obra ambiciosa e vazia. Não se pode ignorar a tiragem do livro que é colossal. A obra que pretende ser de idéias é um emaranhado de citações e uma introdução ao "realismo fantástico" (*), onde o autor se reporta ao passado e à biologia. Esta é uma obsessão dos direitistas. "A revolução biológica não se separa, no reino humano, da evolução da cultura. Não existe mais raça francesa do que alemã ou mais raça ariana." A velha "síndrome da inferioridade" da cultura francesa com relação à cultura alemã. O exemplo mais típico pertence a André Glucksman, em seu "Les Maitres Penseurs", um libelo histérico contra o pensamento alemão, não poupando Kant, Fichte, Hegel, Marx e outros ilustres. Mas, Glucksman é do grupo dos "novos filósofos" (as aspas correm por conta de seus críticos) e por isto ignorado pela nova direita. Benoist e Pauwels falam em "patrimônio genético". O QI de cada indivíduo depende mais da hereditariedade do que do meio.

Assim temos: filhos de pais deficientes cumprem o mesmo destino. O "iluminado" Alain de Benoist, escreveu "Vu de Droite", uma "brilhante" constatação que Marx, Freud e seus discípulos eram judeus, o que é uma maravilhosa descoberta no campo de idéias. O mais melancólico é o apoio de Raimond Aron a este grupo idiota, racista e oco.

Sinal de senectude ou calhordice. Como Aron é judeu, acho que sua inteligência está tendo recaídas perigosas.

Arena gaúcha decide não recassar vereadores

Acordo com bancários para evitar greves

— O ministro do Trabalho, Murilo Macedo, disse ontem em Belém que foi pessoalmente ao Rio de Janeiro solicitar aos banqueiros que aceitassem conceder índices de reajuste salarial mais elevado como forma de esvaziar a possibilidade de uma greve geral dos bancários, que já preocupa o governo. "Acredito que as negociações terminem com resultados positivos", afirmou Murilo Macedo.

Para o ministro do Trabalho, o governo está fazendo a reforma salarial "mais audaciosa dos últimos tempos". Segundo ele, no governo de João Goulart houve uma preocupação igual. "Em termos de reivindicações por melhores salários — acrescentou Macedo — temos que reconhecer uma coisa: com o aumento do índice inflacionário e com a perda do poder de compra do nosso operariado, estes foram obrigados a reivindicar aumentos maiores, daí a razão pela qual estamos com um projeto de reforma salarial, aprovado pelo presidente Figueiredo, em condições de ser bem encaminhado no Congresso Nacional no decorrer da próxima semana".

Banqueiros do Rio não aceitam conciliação

Não houve acordo entre banqueiros e bancários, durante audiência conciliatória realizada ontem no Tribunal Regional do Trabalho. Amanhã *haverá assembléia dos bancários.* Houve consenso quanto à escolha do prazo de cinco dias sucessivos a contar a partir de segunda-feira, para apresentação das contestações e razões finais de ambas as partes.

Com a mediação do presidente do TRT, Hiaty Leal, o presidente do Sindicato dos Bancários, Ivan Martins Pinheiro, propôs o adiamento da audiência, para que a assembléia de amanhã às 16 horas na quadra do Salgueiro fosse consultada. O representante dos bancos, Theophilo Azeredo dos Santos, pediu o rito sumaríssimo. O presidente do TST negou a oportunidade do procedimento, considerando o dissídio comum. Acrescentou, ainda, que "nada impede que as partes cheguem a um acordo que seja homologado segunda-feira. "Theophilo, entretanto, recusou-se a apresentar outra proposta, dizendo que "isto é o que o Ivan quer; querias mas não te dou!"

A proposta dos bancários prevê pisos salariais de cinco mil, cinco e quinhentos e seis mil cruzeiros, para funcionários de portaria, escritório e tesouraria, além de aumentos de 20% para quem ganha menos de três salários-mínimos, 17,5% para a faixa de 3 a 5 salários, 15% de 5 a 7, 12,5% de 7 a 10 e de 10 salários em diante 10%, anuênio de 320 cruzeiros, todos os percentuais acima do índice oficial, contados a partir de 1/9/78. Na proposta dos empregadores os pisos salariais são de 3.450, 3.900 e 4.200 e os aumentos por faixa salarial são de 5 a 10% menores que a proposta dos bancários, em média.

Ivan disse que a mobilização da classe está sendo feita e, à assembléia no domingo, espera-se o comparecimento de 15 a 20 mil bancários. Entre outras amabilidades, Theóphilo elogiou a contestação de 9 laudas, feita pelo advogado dos bancários, Celso Soares, considerando-a brilhante. Theóphilo disse que a posição de Ivan é "a mais certa: defesa intransigente dos interesses da classe, como a que deve ser a de todo líder sindical." Ivan destacou o comportamento contraditório do representante patronal, pois apesar de defender o diálogo, pede o rito sumaríssimo. O presidente do TST declarou que, caso seja iniciada a greve, considerará o movimento dos bancários ilegal, pois à categoria não é permitido o exercício da greve. Theóphilo disse que aceitou o prazo de 5 dias, pois acredita que "a maioria dos bancários não irá se sublevar." Ivan afirmou que só poderá avaliar a disposição real dos bancários, durante a assembléia de domingo.

Reunião de vigilantes na rua Irineu Marinho

A assembléia dos vigilantes, a ser realizada hoje às 21 horas, foi transferida para a Rua Irineu Marinho, 30, em frente à sede da ABRAVIG, em virtude da proibição de sua realização no Círculo Policial Brasileiro, conforme havia sido autorizado anteriormente, declarou ontem o representante dos vigilantes, Fernando Bandeira.

Bandeira não acredita que o secretário de Segurança tenha manifestado o desejo de proibir uma assembléia de trabalhadores desarmados, para discutir reivindicações salariais. A intenção de realizar a assembléia no Círculo Policial se deve à preocupação em não expor a classe à infiltração de elementos estranhos, a mando dos patrões para tumultuar a reunião, como pode ocorrer em local aberto.

Ficou claro, ontem, após declarações do assessor de Comunicações Sociais da SSP, Edgar Facanha, que a ordem de apreensão das armas dos vigilantes partiu mesmo do secretário Edmundo Murgel, o que contraria frontalmente resoluções da própria Secretaria. A resolução SSP n.º 0129/76, por exemplo, diz textualmente: "Os serviços de proteção têm caráter ostensivo, e por isso serão desenvolvidos por pessoal uniformizado e armado."

Figueiredo insiste em que não vai fazer milagre

FOZ DO AREIA (PR) — "Não sou santo para fazer milagre, mas vou fazer o possível para conseguir um milagre." Essa foi a resposta do presidente João Baptista de Figueiredo, ao ser questionado ontem, durante sua visita à usina de Foz do Areia, no Paraná, se a presença de Delfim Netto, no Ministério do Planejamento, seria uma tentativa de repetir o milagre econômico brasileiro durante o seu governo.

Bem humorado, o presidente não evitou as perguntas dos repórteres,

Visita foi para dizer que não faz milagre

mas respondeu com evasivas. Ele disse não saber, por exemplo, se a nova política de reajustes salariais semestrais será suficiente para estancar os movimentos grevistas no país: "Eu não sou um profeta, só o futuro dirá." O mesmo fez quando alguém lhe perguntou sobre a concessão de indultos aos excluídos da anistia política: "Eu venho de Brasília até aqui e você vem me perguntar sobre indulto. Eu quero é falar sobre hidrelétrica."

E foi justamente uma pergunta sobre a inundação das áreas agricultáveis com a construção de grandes hidrelétricas, que chegou a causar certa irritação no presidente. "Se não compensasse ou trouxesse prejuízos, eu não construiria nenhuma hidrelétrica. O Brasil tem oito milhões de quilômetros quadrados e não serão alguns reservatórios a mais que vão trazer prejuízos."

O presidente chegou a Foz do Areia às 14h30min e mal subiu ao palanque, montado pela Companhia Paranaense de Energia, começou a chorar de emoção, quando 200 crianças começaram a cantar a música "Amigo", de Roberto Carlos. Ele beijou uma menina que lhe deu de presente um capacete usado pelos operários da usina de Foz do Areia.

Num discurso de saudação ao presidente, o governador Ney Braga defendeu a existência no Brasil de "uma democracia pluralista que aceite a convivência dos contrários que defendam com honestidade, idéias diferentes". Disse que "o que se quer preservar é a verdadeira liberdade de pensar e crer, de optar, de trabalhar e de construir — não entendemos os que a usam para iludir e destruir". Acrescentando que "é por essa democracia, a mais autêntica, vinda do povo, que estaremos atuantes na vida partidária".

Terminado o discurso do governador, o presidente ameaçou deixar o palanque, mas, novamente aplaudido pelas crianças, tomou o microfone e falou de improviso: "Agradeço por demais sensibilizado, a acolhida que me faz o Paraná e as palavras do governador Ney Braga, que não me surpreendem, porque, como meu colega de turma de 32, em Realengo, ele é suspeito para elogiar minha pessoa e meu governo. Tenho certeza que quando eu for velho ou estiver no céu, essas crianças estarão continuando o que o governo do Paraná vem fazendo pela grandeza do país. Essas crianças são os futuros dirigentes do país."

Logo depois, ele e seus ministros — Amaury Stabile, da Agricultura; Saraiva Guerreiro, das Relações Exteriores; Said Farhat, da Comunicação Social; César Cals, das Minas e Energia; Karlos Rischbieter, da Fazenda; e Danilo Venturini, da Casa Militar — assistiram a um áudio-visual da copel sobre a usina de Foz do Areia.

Em seguida, num microônibus, a comitiva foi visitar as obras da hidrelétrica. Depois de descerrar uma placa situada no ponto mais alto da barragem, Figueiredo conversou alguns instantes com Ney Braga e os diretores da Copel sobre os detalhes técnicos da obra. Foi quando, vendo que um fotógrafo se aproximava demais do precipício para fotografá-lo, o presidente alertou: "Cuidado, rapaz, vai cair aí, foi assim que o diabo inventou o inferno." Antes de retornar ao ônibus ele se dispôs a responder as perguntas dos repórteres, mas a entrevista acabou sendo prejudicada por sua segurança pessoal: seu ordenança, Dias Dourado, chegou a torcer o braço de dois repórteres que tentavam gravar as resposta do presidente. A comitiva presidencial deixou a usina de Foz do Areia pouco antes das 17 horas, indo para Curitiba, onde após uma rápida escala técnica para troca de aviões, rumou para o Rio de Janeiro.

Seabra Fagundes contra medida do indulto

BELÉM — O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Eduardo Seabra Fagundes, manifestou-se ontem em Belém contrário à medida do indulto, que poderá ser tomada pelo governo para os presos políticos que não foram atingidos pela anistia. "Eu acho que, se é para indultar todos os criminosos políticos condenados, não havia por que ter negado a anistia. Não faz sentido você negar a anistia hoje e logo em seguida indultar todo mundo. Não tem sentido recusar a libertação de meia dúzia de jovens que não oferecem nenhum risco à segurança nacional."

A princípio, Eduardo Seabra Fagundes disse que era favorável ao amplo esquecimento de atos de torturadores, terroristas, seqüestradores, porque "não chegou a hora do Brasil virar a página, começar a vida nova sem olhar para trás. Mas no momento — em que no projeto de anistia se discriminou entre pessoas que se opuseram ao regime, mantendo algumas no cárcere, eu já não sou favorável a que se esqueçam os crimes cometidos pelos torturadores, que são até muito piores do que daqueles rapazes, que pegaram em armas contra o regime".

"Crime de torturadores — afirmou o presidente da OAB — é um crime marcado por uma certa desigualdade entre o criminoso e a vítima. Bem, como eu acho que pelo teor da Lei de Anistia os torturadores não estão alcançados na medida, porque aquela conexão cuidadosamente posta num dos dispositivos não vai ao ponto de alcançá-los, eu me sinto no direito de, sempre que houver oportunidade, sustentar que eles devem ser responsabilizados. Irei sempre me opor a que os casos de tortura sejam simplesmente arquivados."

Fagundes: Zangado contra indulto

PORTO ALEGRE — O governo gaúcho deverá entrar com recurso segunda-feira na Justiça Estadual contra o ato da Câmara Municipal de Porto Alegre que promoveu a reintegração dos vereadores Glênio Peres e Marcos Klassmann, cassados em 1977 e beneficiados pela Lei de Anistia. O recurso deveria ter sido apresentado ontem, mas, por falta de tempo, o governador Amaral de Souza deixou para o fim de semana o estudo das alternativas sugeridas por sua assessoria jurídica.

O secretário da Justiça, Celestino Goulart, o procurador-geral do Estado, Mondercil Paulo Moraes, e o consultor-geral, Mário Bernardo Sesta fizeram várias reuniões ontem, para discutir as possibilidades de recurso contra o retorno de Klassmann e Peres à Câmara. Ao final da tarde, Celestino Goulart, que também falou sobre o assunto por telefone com o Ministro Petrônio Portella, entregou ao governador um relatório, com as três alternativas consideradas mais viáveis. Além de anexar a ata da sessão da Câmara em que os dois foram reempossados, o relatório fez referência a um parecer preparado pelo ex-vice-prefeito de Porto Alegre, advogado Ajadil de Lemos (cassado em 1964) para quem os ex-vereadores não têm direito a cumprir parte restante de seus mandatos, mesmo com a Lei de Anistia.

A assessoria do Palácio Piratini não revelou quais as três alternativas sugeridas ao governador. Entretanto, é certo que duas delas implicariam numa ação direta do governo, através da Procuradoria — uma seria, possivelmente, um mandado de segurança e a terceira partidária da bancada da área na Câmara. A dificuldade maior, neste caso, é que a bancada municipal arenista anunciou ontem, sua "decisão política" de não tentar qualquer recurso contra Marcos Klassmann e Glênio Peres, da mesma forma que o prefeito Guilherme Socias Villela já havia adiantado sua disposição de não interferir no problema.

Como viajará a Brasília domingo à noite, só retornando terça-feira, Amaral deverá — segundo seus assessores — deixar o assunto definido, com instruções para que a Procuradoria apresente o recurso segunda-feira.

Petrônio Portella reiterou ontem no Rio, sua disposição de não intervir diretamente no problema criado com a decisão da Câmara de Porto Alegre de reempossar os vereadores. O Ministro da Justiça assegurou que os termos da Lei são claros e a reintegração dos dois configurava "um ato de violência".

"No entanto, o Ministério da Justiça não interferirá nem dará qualquer orientação às autoridades gaúchas. Trata-se de uma questão que deverá ser solucionada a nível estadual, pela Justiça do Estado" — acrescentou.

Petrônio Portella lamentou que advogados, "entre eles alguns detalhes", continuem a confundir "anistia com absolvição", dando à Lei sancionada esta semana pelo Presidente da República" uma interpretação muito mais abrangente do que ela tem". Para o Ministro da Justiça, o caso dos vereadores gaúchos ilustra bem essa deturpação.

— A Lei é muito clara e não abre qualquer brecha que justifique o fato da Câmara reempossar os dois vereadores. O Artigo Primeiro, por exemplo, anistia servidores da administração direta e indireta e dos Poderes Legislativo e Judiciário. Vereadores não são servidores do Poder Legislativo, mas membros desse Poder, e não estão, portanto, contemplados. Não tem procedência, do mesmo modo, a interpretação de que o Artigo 11 se refere apenas a questões patrimoniais e neste sentido recomendo a leitura atenta de seu texto, a fim de evitar quaisquer dúvidas".

O Artigo em questão diz, textualmente: "esta Lei, além dos direitos nela expressos, não gera quaisquer outros, inclusive aqueles relativos a vencimentos, soldos, salários, proventos, restituições, atrasados, indenizações, promoções ou ressarcimentos".

Petrônio continua advertindo, mas não encontra apoio

Reinaldo xinga preso antes de soltá-lo

BRASILIA — "Eu não olho o preso, nós aplicamos a Lei de Anistia, mas esse, se eu pudesse, eu não soltaria: ele é um assaltante, assassino, um vagabundo mercenário." Este comentário foi feito ontem pelo presidente do Superior Tribunal Militar, general Reynaldo Mello de Almeida, com relação ao preso político Jesus Paredes Soto, que, por não ter sentença definitiva no processo de assalto e seqüestro foi beneficiado e deixará a prisão, no Rio de Janeiro.

Além desse, o STM julgou anteontem mais sete processos, aplicando a Lei de Anistia a oito pessoas: a Elza Monerat (SP), Hélio da Silva (RJ), Carlos Alberto Salles (RJ), Pedro Pereira do Nascimento (desaparecido), Moacir Urbano Vilela (responde processo em liberdade), Marcilio César Ramos Krieger (revel), Paulo Henrique de Oliveira Rocha Lins (RJ) e Alberto Vinicius Melo do Nascimento (PE). Depois da anistia aplicada pelo STM, a situação de cada um passa a ser a seguinte: Elza Monerat será libertada do presídio Barro Branco, porque o STM acolheu telex de seu advogado, tratando-o como um pedido de *habeas-corpus*, em que ela desistia de recurso no Supremo Tribunal Federal. O mesmo tratamento obteve um telex em favor de Paulo Henrique de Oliveira Rocha Lins, que foi anistiado dos crimes de assalto e terrorismo, que não tinham transitado em julgado.

A Carlos Alberto Sales e Hélio da Silva — que foram responsabilizados pela morte do marinheiro inglês — ambos presos no Rio, o STM lhes aplicou a Lei da Anistia, durante sessão secreta, pelo crime a que estavam condenados a 10 anos, por tentativa de "desmembrar parte do território nacional, para constituir país independente". Apesar de anistiados por esse processo, permanecerão presos. O Tribunal anistiou, anteontem, Pedro Pereira do Nascimento, que foi condenado à revelia pela prática do crime de pertencer a associações ilegais. Para o STM, além de revel ele está "desaparecido". Moacir Urbano Vilela anistiado também pelo mesmo crime, encontra-se respondendo processo em liberdade, com uma condenação de dois anos e seis meses. O revel Marcilio César Ramos Krieger foi anistiado da sentença de 21 anos de prisão.

Em favor de Paulo Henrique de Oliveira Rocha Lins, preso no Rio de Janeiro, o STM expediu ordem de soltura, pela anistia do crime de assalto e seqüestro e, ainda anteontem, deveria ser colocado em liberdade condicional por crime igual. O último processo julgado foi do preso político do Recife, Alberto Vinicius Melo do Nascimento, a quem o Tribunal aplicou a anistia pelo crime de reorganização de Partido ilegal, cuja pena de dois anos e seis meses já cumpriu. A segunda parte do julgamento do seu processo foi com relação à adequação de penas, da antiga para a nova Lei de Segurança Nacional. Ele seqüestrou, com morte, e foi condenado à prisão perpétua, depois transformada em 30 anos. O juiz auditor de Recife adequou segundo a nova LSN, para 12 anos. Quando o STM julgava o recurso em que ele pedia a adequação para oito anos, o ministro Bierrenbach pediu vistas no processo. Ocorre que Alberto Vinicius já cumpriu nove anos de prisão e tem no STM um pedido de livramento condicional. Qualquer que seja a sua decisão, ele deverá deixar a cadeia nas próximas semanas.

Segundo o general Reynaldo, o primeiro passo na aplicação da Lei de Anistia está quase concluído: a apreciação de todos os processos que se encontravam nos tribunais e auditorias, com réus passíveis dos benefícios. O segundo passo será o exame final dos pedidos de livramento condicional, daqueles que ainda permanecerão nas prisões. E, finalmente o terceiro e último passo será a apreciação daqueles pedidos que forem feitos ao Tribunal, solicitando a equidade na aplicação da Lei. Todos os que já possuem processos findos poderão requerer ao STM e às auditorias a extensão do benefício. O outro aspecto, com relação à equidade, admite o general Reynaldo, poderá ser solicitado por

Mello de Almeida: botando as mangas de fora

aqueles que, por terem sentenças definitivas, não serão anistiados, ao passo que aqueles que praticaram o mesmo crime e são revéis, ou não têm sentença definitiva, o são.

O procurador-geral da Justiça Militar, Dr. Milton Menezes, informou, anteontem, após o STM ter julgado 47 processos aplicando a anistia a 335 pessoas, que "o Supremo não receberá nenhum processo originário da Justiça Militar.

Supremo sem pressa em aplicar a anistia

BRASILIA — Os processos procedentes do Superior Tribunal Militar que estão tramitando no Supremo Tribunal Federal, embora relacionados entre os que tratam de crimes passíveis de anistia "seguem a rotina normal dos demais casos, e serão apreciados à medida que forem levados ao plenário ou a sessão de uma das turmas pelos seus relatores".

Essa informação foi dada anteontem pelo ministro Antonio Neder, presidente do STF, ao ser ouvido pela imprensa. Após esclarecer que tem andamento normal os processos de interesse dos anistiáveis, Antonio Neder disse que "não estamos prejudicando ninguém". Acrescentou que "se algum réu se sentir prejudicado, basta recorrer através de advogado que seu processo será imediatamente julgado".

Segundo se apurou na secretaria do STF, um dos ministros que já relacionou todos os seus processos procedentes do STM e de possível interesse para os anistiados, foi o ministro Xavier de Albuquerque. Mesmo "seguindo a rotina anunciada pelo ministro-presidente, acredita-se que dentro das sessões do STF, os demais relatores decidam apreciar em conjunto todos os casos de recursos procedentes da justiça militar. A tendência, de acordo com a interpretação da Lei da Anistia é a da remessa de todos os casos ao STM. Ontem o ministro Djaci Falcão, relator dos dois pedidos de habeas corpus requerido pelo advogado Wilson Mirza, em favor de Leonel Brizola, recebeu informações do STM para instruir o julgamento dos crimes atribuídos ao anistiado.

Visão da Bolsa

ROGÉRIO MARQUES

COMPORTAMENTO DO MERCADO

O Mercado de ações da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro operou em alta com movimento maior do que o dia anterior. Foram negociados 145.219.001 títulos (+ 47,72%) no valor de Cr$ 224.001.284,76 (+ 49,99%): Cr$ 112.004.023,94 em ações de empresas governamentais (50,00%) e Cr$ 111.997.260,82 em ações de empresas privadas (50,00%).

INDICES GERAIS

O Indice Geral de Lucratividade (IBV) registrou, na média, alta de 0,4%, ao fixar-se em 5.502 pontos. No fechamento, apresentou alta de 0,3%, situando-se em 5.517. Os indicadores de empresas governamentais e de empresas privadas situaram-se, respectivamente, em 5.258 pontos (+ 0,6%) e 3.563 pontos (+ 0,1%).

O Indice Geral de Preços (IPBV) subiu 0,9%, atingindo 543 pontos. Os indicadores de empresas governamentais e de empresas privadas situaram-se respectivamente, em 282 (+ 1,1%) e 637 pontos (+ 0,8%).

OPERAÇÕES A VISTA

A vista, foram negociados 96.329.001 ações no valor de Cr$ 149.812.804,76, representando 66,33% do total em títulos e 66,88% do total em dinheiro. No mercado fracionário foram negociadas 196.847 ações, no valor de Cr$ 283.530,82.

Os papéis mais negociados a vista foram:

No volume em dinheiro: Banco do Brasil pp Cr$ 28.174 mil (18,81%); Petrobrás pp Cr$ 14.978 mil (10,00%); Olvebra pp Cr$ 10.480 mil (7,00%); Docas de Santos op Cr$ 9.465 mil (6,30%); e Investimento Itaú ppe Cr$ 8.580 mil (5,73%).

Na quantidade de títulos: Banco do Brasil pp 18.921 mil (19,64%); Petrobrás pp 10.198 mil (10,59%); Mannesmann pp 5.019 mil (5,21%); Sid. Pains pp 5.000 mil (5,19%); e Olvebra pp 4.000 mil 4,15%).

Os negócios realizados com estes papéis, conforme percentuais acima, representaram, respectivamente 47,84% do volume em dinheiro a vista (Cr$ 71.677 mil) e 44.78% da quantidade de títulos a vista (43.138 mil).

Das 30 ações componentes do IBV, 17 estiveram em alta; 4 registraram baixa; 4 permaneceram estáveis; 3 não foram negociadas hoje: (Tibrás c/"A"; Riograndense pp; e Supergasbrás op); e 2 não foram negociadas no pregão anterior: (Fertisul pp e Gerdau pp).

Maiores altas:

Vale do Rio Doce pp 5,91%; Belgo op 3,53%; Mesbla ep 3,42%; Café Solúvel Brasília pp 2,66%; e Mesblas pp 2,27%.

Maiores baixas:

Brahma pp 7.28% Brahma op 6,90%; Docas de Santos op 2,36%; e Light op 1,67%.

OPERAÇÃO A TERMO

A termo foram negociadas 2.480.000 ações no valor de Cr$ 3.469.780,00 representando 1,71% do total em títulos e 1,55% do total em dinheiro. Em relação às operações a vista os percentuais foram, respectivamente, de 2,57% e 2,32%.

Os maiores contratos a termo foram registrados com os seguintes papéis.

Banco do Brasil on 30 dias — Cr$ 1.771.800,00 (1.200.00 x 1,48); White Martins op 60 dias — Cr$ .... Cr$ 541.250,00 (260.000 x 2,08); Petrobrás on 90 dias — Cr$ 378.000,00 (300.000 x 1,26); Samitri op-c 30 dias — Cr$ 22.610,00 (200.000 x 1,11); Samitri op-c 60 dias — Cr$ 174.000,00 (150.000 x 1,16).

Os contratos a termo liquidados ontem na Caixa de Registro e Liquidação da Bolsa do Rio totalizaram: Cr$ 23.927.340,00.

MERCADO A FUTURO

A futuro foram negociadas 46.410.000 ações, no valor de Cr$ 70.718.700,00, representando 31,96% do total de títulos e 31,57% do volume em dinheiro. Em relação ao mercado a vista representou, respectivamente, 48,18% e 47,20%. Comparado ao Termo 1.771,4% em ações e 1.938,0% em dinheiro.

Os contratos registrados ontem foram:

Banco do Brasil op dezembro (16.360.000 x 1,65 — 1,66 — 1,64); Petrobrás op dezembro (7.500.000 x 1,63 — 1,64 — 1,62); Sid. Pains op dezembro (5.000.000 x 0,89 — 0,88); Petrobrás op setembro (3.400.000 x 1,48 — 1,47); Docas de Santos op dezembro)3.370.000 x 2,74 — 2,80).

Déficit este ano vai a US$ 1,5 bi

SÃO PAULO — O deficit na balança comercial brasileira será este ano, de aproximadamente 1,5 bilhão de dólares, segundo estimativas preliminares da Carteira de Comércio Exterior (Cacex), divulgadas ontem, por Benedito Moreira, em São Paulo. As exportações brasileiras poderão alcançar 15 bilhões de dólares contra cerca de 16,5 bilhões de dólares de importações. Para o mês de agosto, Benedito Moreira prevê "um bom resultado" nas exportações que, segundo ele, chegaram a aproximadamente 1,2 bilhão de dólares, sem contar os resultados do café. Até agora o recorde das exportações foi registrado em julho: 1,4 bilhão. E é provável que em agosto, com o café, este recorde seja batido.

Benedito Moreira observou que "a esta altura é difícil prever com relativa segurança qual o gasto com as importações: as oscilações dos preços do petróleo têm reflexos diretos nos preços dos produtos. O Brasil exporta principalmente produtos agro-industriais, com preços mais estáveis e que só oscilam com alterações das safras dos outros países. Os produtos importados sofrem mais de perto os reflexos do petróleo."

Benedito Moreira esteve em São Paulo para manter um contato informal com industriais do setor de bens de capital (com a diretoria da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base). O encontro, realizado no Nacional Clube e reservado, "foi produtivo", segundo Benedito Moreira e os industriais. Teve por objetivo "estudar mecanismos para aperfeiçoar o apoio às exportações de bens de capital de um modo geral e sobretudo as propostas integradas", explicou Moreira.

Industriais e Cacex chegaram a um consenso: as exportações devem ser orientadas com base em regras bastante automáticas nos financiamentos. "Hoje a Cacex aprova prefinanciamentos, isto é, financia a produção com juros baratos e financia a exportação a longo prazo. Mas cada caso é um caso e exige do pessoal da Cacex muito tempo na apreciação individual. As regras gerais permitiram às exportações mais automaticidade de venda e rapidez", observou Benedito Moreira.

Carro sobe e fusca passa a Cr$ 101 mil

SANTO ANDRE — A Ford, General Motors e Volkswagen liberaram ontem as novas tabelas de preços dos seus veículos a vigorar a partir de segunda-feira. Este é o sexto aumento do ano, num total médio de 32 por cento, para os automóveis. Os preços novos não incluem opcionais, nem a taxa de frete. Segundo as fábricas, este aumento vem complementar aquele solicitado ao Conselho Interministerial de preços em junho passado, quando, por sugestão do órgão, ficou desdobrado em duas parcelas. O primeiro em julho, variando de 4,5 a cinco por cento e este variando de cinco a 7,1 por cento para automóveis e comerciais leves, respectivamente.

Com o novo aumento, um "fusca" passa a custar Cr$ 101.620,00; o Corcel II ... Cr$ 108.352,88; o Chevette L .... Cr$ 143.352,00; o Opala L Cr$ 183.233,00; a Caravan 4cc Cr$ 203.744,0 e a Veraneio L Cr$ 263.429,00.

Stabile nega mas a carne está mais cara

FOZ DO IGUAÇU — O preço da carne ao consumidor vai ser estabilizado com a entrada dos estoques da Companhia Brasileira de Alimentos no Mercado — quem garantiu foi o ministro da Agricultura, Amaury Stabile, explicando que a empresa governamental comprará os estoques dos frigoríficos, assegurando o preço atual de mil cruzeiros a arroba, além de regularizar a distribuição ao mercado.

Conforme o ministro, dessa maneira será resolvida a questão, atingindo diretamente três setores — produtor, industrial e consumidor.

Otimista, Stabile, que em Foz do Iguaçu desligava-se da comitiva presidencial e seguia para São Paulo, acredita que já no próximo ano, se confirmada a perspectiva de boa safra, começam a ser solucionadas algumas das dificuldades existentes no setor de abastecimento.

Uma providência imediata será a redução da cadeia de mediação de produtos agrícolas que o ministro justifica como fórmula capaz de pressionar a baixa dos preços. Atualmente, em seu gabinete, uma equipe de assessores estão absorvidos em um trabalho que tem como objetivo definir a estratégia do Governo. Stabile acredita que já na próxima semana possa ter novidades a respeito.

Para o consumidor, entretanto, a nova política da carne representa um aumento real, já que, antes do nivelamento dos preços do produto dos supermercados ao dos açougues, o consumidor tinha opção de comprá-lo mais barato, se quisesse, nos atacadistas.

CARTAS

— Encontram-se na Secretaria de Planejamento para ser encaminhada ao Conselho Interministerial de Preço — CIP — uma exposição de motivos da ECT solicitando uma antecipação de reajuste tarifário da ordem de 28 por cento, previsto para março de 1980, portanto, o novo preço da carta simples que passará de Cr$ 2,50 para Cr$ 3,20 deverá entrar em vigor no próximo dia 15.

A partir de ontem todos funcionários da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos estarão percebendo 20 por cento a mais de antecipação do aumento que fariam juz em março do próximo ano. Além disso foi autorizada uma correção para os menores níveis salariais, a título de aumento que beneficiará 90 por cento dos funcionários da ECT.

Figueiredo: programa nuclear está atrasado

FOZ DO IGUAÇU — O atraso do Programa Nuclear Brasileiro está deixando as regiões Sudeste e Sul do País ainda mais dependentes da energia a ser obtida com Itaipu. E assim estamos dispostos a mostrar que Itaipu não deve e não pode atrasar". Foi principalmente isto o que o general Costa Cavalcanti, diretor da Binacional de Itaipu, disse ao presidente Figueiredo, que, ao lado do chanceler Saraiva Guerreiro, dos ministros César Cals, Karlos Rischbieter e Angelo Stabile, visitou o canteiro de obras da hidrelétrica em Foz do Iguaçu, ontem pela manhã.

Numa exposição a Figueiredo, Costa Cavalcanti mostrou que as obras civis da usina estão adiantadas de três a quatro meses em relação ao cronograma e que todos os problemas do canteiro estão resolvidos ou pelo menos equacionados. Para exemplificar, Costa Cavalcanti disse que as obras civis já estão entrando no chamado pico de produção e lançamento de concreto, o que estava previsto para ser atingido apenas em janeiro de 80: "No início do ano deveremos estar lançando 300 mil metros cúbicos de concreto por mês, uma produção que daria para construirmos três estádios iguais ao Maracanã".

O presidente chegou a Foz do Iguaçu pouco depois das 9 horas sob a expectativa de que seu colega paraguaio Alfredo Stroessner também poderia visitar de surpresa as obras da hidrelétrica. Stroessner acabou não aparecendo e Said Farhat, ministro da Comunicação Social, e o próprio chanceler Saraiva Guerreiro, tiveram que desmentir aos jornalistas a informação de que a vinda do presidente paraguaio estaria trazendo alguma preocupação a Figueiredo: "O Paraguai é um país soberano e o Brasil não interfere em seus assuntos domésticos", disse o chanceler brasileiro respondendo a uma pergunta sobre possíveis constrangimentos no relacionamento Figueiredo-Stroessner, depois que Somoza passou a residir no Paraguai.

Ueki dá às nacionais vantagens limitadas

As negociações entre a Petrobrás e o consórcio IPT-CESP estão em fase final e a partir do dia 10 de setembro já haverá condições para assinatura de contrato, revelou ontem no Rio o presidente da empresa estatal, Shigeaki Ueki. Restam ainda alguns detalhes sobre as condições de pagamento ao consórcio a serem discutidas. Já o presidente da CESP, Antônio Souza Dias, acredita que dentro de dois meses o contrato estará firmado.

Ueki garantiu que a Petrobrás dará todas as facilidades possíveis ao consórcio paulista. No entanto, nem todos os requisitos defendidos pelo grupo de São Paulo poderão ser atendidos, disse ele, sem revelar quais seriam estes itens.

Depois de fazer uma exposição sobre o modelo energético, no seminário que ontem foi encerrado no Hotel Sheraton, o presidente da Petrobrás, afirmou que "há possibilidade de se descobrir petróleo em São Paulo", lembrando que a própria Petrobrás já descobriu petróleo e gás no Estado, mas em escala que não justificou a exploração comercial.

Serão colocados em licitação internacional, em setembro, 123 blocos para exploração de petróleo através de contratos de risco, segundo anunciou ontem a Petrobrás, esclarecendo que 98 blocos se situam nas bacias terrestres e 25 na plataforma continental.

Fim da correção

ITAPERUNA — O governo deve extinguir a correção monetária, para evitar que os proprietários rurais prefiram se desfazer de suas terras para colocar o dinheiro em cadernetas de poupança. A recomendação foi feita pelo presidente da Federação de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, Darly Alves Branco, ao analisar as proposições apresentadas durante o I Encontro Rural do Norte e Noroeste Fluminense, encerrada anteontem. E assinalou ainda que "o governo precisa parar com os gastos faustosos, como a Transamazônica, usina nuclear e sedes faraônicas de seus órgãos, no trabalho de ensinar todo mundo a ser rico. É preciso dizer que somos um país pobre". Preço justo e financiamento rápido foram as principais reivindicações feitas pelos produtores e que a federação vai levar às autoridades para solução.

Intermediário

"Esses intermediários sempre burlam a Lei. A única saída não seria botar esse pessoal na cadeia?" A esta pergunta feita ontem pela imprensa, o ministro Delfim Netto, do Planejamento, respondeu: "Não. Uma boa solução realmente será produzir mais. A concorrência sempre foi mais eficiente do que a grade".

Delfim considerou uma "generalização um pouco abusiva" afirmar, como fez um repórter, que os intermediários encarecem os preços dos produtos agrícolas".

Petrobrás

Antes do final do ano a produção nacional de petróleo ultrapassará 200 mil barris diários — volume até hoje não atingido — afirmou ontem o diretor de produção da Petrobrás, engenheiro José Marques Netto, acrescentando que atualmente a média diária da produção doméstica alcança 174 mil barris por dia. Para atingir o recorde de 200 mil barris por dia — que corresponderá a cerca de 18 por cento do consumo atual de 1.150 barris — conta a Petrobrás com a entrada em produção de mais três poços situados na bacia de Campos, que deverão proporcionar extração avaliada em torno de 5 mil barris diários.

Petróleo

A Comissão de Inquérito que investigou o desaparecimento de 98.910 barris de petróleo destinados à Petrobrás concluiu que "a responsabilidade pela carga não entregue é exclusiva do armador e a Petrobrás será ressarcida do seu valor pela companhia seguradora". Segundo a nota oficial da empresa, "ainda deve ser considerada a possibilidade de cobertura pelo Protection Indeminity Club".

Desnacionalização

BRASILIA — A Companhia Vale do Rio Doce — CVRD, formalizou, através de ofício, a oferta à Petrobrás para a venda do controle acionário da Mineração Vale do Paranaíba S.A — VALEP localizada em Tapira e Salitre, no Triângulo Mineiro. O ministro das Minas e Energia, César Cals, deu o sinal verde para a realização do negócio, cujos detalhes estão sendo discutidos pelas duas empresas.

Levantamentos promovidos pela CVRD demonstraram que a VALEP tem um patrimônio de Cr$ 2,9 bilhões e um passivo de Cr$ 3,0 bilhões que teria de ser assumido pela empresa adquirente. Quanto à Petrobrás, seu interesse na VALEP prende-se à necessidade de complementar o conjunto mineral pois ela já adquiriu da própria Vale a Valefertil e agora necessita de uma mina de fosfato do volume de Tapira, cuja reserva é de 750 milhões de toneladas de minério, com teor de 8,66 por cento de pentoxido de fósforo. A VALEP conta também com uma reserva de 200 milhões de toneladas de fósforo em salitre, no Alto Paranaíba.

O interesse da CVRD de desfazer-se da VALEP é baseado da decisão da empresa de concentrar-se na produção de produtos industrializados de minério de ferro, abstendo-se da diversificação de atividades que caracterizou com mais intensidade sua atuação nos últimos anos.

Usina

FOZ DA AREIA — Uma nova usina hidrelétrica a de Salto Segredo, com potencial gerador de 1,6 milhão de quilowatts, começará a ser construída ainda este ano no Rio Iguaçu, no Paraná. A notícia foi dada ontem pelo general Figueiredo ao governador Ney Braga, durante sua visita às obras da Usina de Foz de Areia também no Rio Iguaçu, que entrará em operação no primeiro semestre de próximo ano, gerando 2,5 milhões de quilowatts.

Bolsa

TÍTULOS		QTD.	ABT.	FCH.	MAX.	MIN.	MED.
Acesita A E. Itabira	op	3.611.000	1,10	1,04	1,10	1,02	1,03
São Paulo Alpargatas	pp	1.100.000	2,68	2,67	2,68	2,67	2,67
Açonorte	pp	322.000	1,90	1,90	1,90	1,90	1,90
Aratu	op	85.000	0,60	0,58	0,60	0,58	0,60
Bahema	pn	70.000	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Casas da Banha C. I.	op	5.000	4,27	4,27	4,27	4,27	4,27
Barbará	op	1.500.000	1,25	1,30	1,33	1,25	1,31
Banco da Amazônia	on	18.000	0,61	0,60	0,61	0,60	0,61
Banco do Brasil	on	3.474.000	1,42	1,42	1,42	1,40	1,41
Banco do Brasil	pp	18.921.000	1,48	1,49	1,49	1,48	1,49
Banco Créd. Real M.G.	pp	11.000	0,80	0,80	0,80	0,80	0,80
Belgo Mineira	op	347.000	1,71	1,78	1,78	1,71	1,76
Banco Estado Rio Janeiro	on	35.000	0,62	0,63	0,63	0,62	0,63
Banco Estado de S.P.	pp	61.000	0,60	0,65	0,65	0,60	0,65
Unibanco Banco Inv.	on	3.000	1,35	1,35	1,35	1,35	1,35
Unibanco Banco Inv.	pn	1.000	1,35	1,35	1,35	1,35	1,35
Banco Nacional	on	176.000	1,06	1,06	1,06	1,06	1,06
Banco Nacional	pn	54.000	1,06	1,06	1,06	1,06	1,06
Banco do Nordeste	pp	201.000	1,00	1,02	1,02	1,00	1,01
Bozano Sim—Com. Ind.	pp	11.000	1,75	1,73	1,75	1,73	1,73
Banco Brasileiro Desc.	on	199.000	1,80	1,80	1,80	1,80	1,80
Banco Brasileiro Desc.	pn	204.000	1,80	1,80	1,80	1,80	1,80
Brahma	op	1.016.000	1,35	1,35	1,37	1,34	1,35
Brahma	pn	5.000	1,30	1,30	1,30	1,30	1,30
Brahma	pp	2.458.000	1,46	1,40	1,46	1,39	1,40
CIA Cacique Caf. Sol.	pp	350.000	3,90	3,95	3,95	3,90	3,92
Bangu Desenv. Partic	pp	100.000	0,70	0,70	0,70	0,70	0,70
Bras. Energia Elétric	op	278.000	0,58	0,57	0,58	0,57	0,58
Cédula S/A	on	141.000	1,20	1,20	1,20	1,20	1,20
Casa José Silva Con.	pp	54.000	5,45	5,45	5,45	5,45	5,45
CEMIG—Cent. Elet. M.G.	pp	2.124.000	0,57	0,56	0,57	0,56	0,56
Paulista Fertil. Copa	op	5.000	0,90	0,90	0,90	0,90	0,90
Corrêa Ribeiro S/A	on	500.000	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50
Corrêa Ribeiro S/A	pp	30.000	3,20	3,20	3,20	3,20	3,20

TÍTULOS		QTD.	ABT.	FCH.	MAX.	MIN.	MED.
Souza Cruz Ind. Com.	op	744.000	2,60	2,60	2,62	2,60	2,61
Souza Cruz Ind. Com.	op	99.000	2,48	2,45	2,48	2,43	2,45
Café Sol. Brasília	pp	209.000	2,70	2,70	2,70	2,70	2,70
CIA. Sid. Nacional	pp	206.000	0,50	0,49	0,50	0,49	0,50
Docas de Santos	op	3.814.000	2,50	2,52	2,52	2,48	2,48
Duratex S/A	pp	61.000	2,55	2,55	2,55	2,55	2,55
Met. Abramo Eberle	op	1.000	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50
Met. Abramo Eberle	pp	250.000	2,01	2,00	2,01	2,00	2,00
Eletrobrás Classe A	pp	5.000	0,60	0,60	0,60	0,60	0,60
Eletrobrás Classe B	pp	12.000	0,60	0,60	0,60	0,60	0,60
Engesa	pp	10.000	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00
Fábrica Bangu	pp	1.100.000	0,80	0,80	0,80	0,80	0,80
Ferbasa	pe	42.000	1,29	1,30	1,29	1,29	1,30
Ferbasa	pp	437.000	1,40	1,37	1,40	1,37	1,38
Fertisul—Fert. do Sul	pp	12.000	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00
F. L. Cat. Leopoldina	pp	50.000	1,06	1,06	1,06	1,06	1,06
C. I. Finam	ci	325.110	0,34	0,34	0,34	0,34	0,34
C. I. Finor	ci	410.534	0,26	0,26	0,26	0,26	0,26
Ford Brasil	op	1.000	4,60	4,60	4,60	4,60	4,60
C. I. Fiset Reflo	ci	2.861.510	0,27	0,27	0,27	0,27	0,27
Metalúrgica Gerdau	op	129.000	3,21	3,21	3,21	3,21	3,21
Metalúrgica Gerdau	pp	102.000	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
C. Fabrini	op	1.156.000	1,10	1,10	1,10	1,10	1,10
Ifema S/A Cond. Elet.	op	50.000	1,20	1,20	1,20	1,20	1,20
Ifema S/A Cond. Elet.	pp	40.000	1,29	1,30	1,30	1,29	1,30
Invest. Itaú S/A	pp	2.400.000	3,50	3,70	3,70	3,50	3,58
Cim. Portland Itaú	pp	700.000	2,33	2,33	2,33	2,33	2,33
Ind. Villares	pp	150.000	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50
João Fortes Engenharia	op	20.000	1,80	1,80	1,80	1,80	1,80
Brasiljuta	pp	186.000	0,75	0,78	0,79	0,75	0,78
Light	op	90.000	0,59	0,59	0,59	0,59	0,59
Lojas Americanas	op	2.273.000	1,85	1,92	1,92	1,85	1,87
Lojas Brasileiras	pp	50.000	2,40	2,40	2,40	2,40	2,40
Manasa Madeira Nac	op	290.000	2,85	2,85	2,85	2,85	2,85
Manasa Madeira Nac	pp	300.000	2,95	2,95	2,95	2,95	2,95

TÍTULOS		QTD.	ABT.	FCH.	MAX.	MIN.	MED.
Mannesmann S/A	op	1.572.000	1,00	0,98	1,00	0,98	0,99
Mannesmann S/A	pp	5.019.000	0,90	0,90	0,90	0,90	0,90
Mesbla Div/54 2/Parc	op	56.000	2,60	2,80	2,61	2,60	2,72
Mesbla Div/54 2/Parc	pp	1.382.000	2,75	2,90	2,90	2,75	2,83
Moinho Flum. Ind. Ger.	op	5.000	4,25	4,25	4,25	4,25	4,25
Metalon	op	250.000	0,26	0,25	0,26	0,25	0,25
Montreal	pp	300.000	0,85	0,85	0,85	0,85	0,85
Nova América	op	800.000	1,40	1,40	1,40	1,40	1,40
Olvebra	pp	4.000.000	2,60	2,64	2,64	2,60	2,62
Sid. Pains	pp	5.000.000	0,80	0,80	0,80	0,80	0,80
Petrobrás	on	648.000	1,12	1,12	1,13	1,11	1,12
Petrobrás	pn	1.000	1,37	1,37	1,37	1,37	1,37
Petrobrás	pp	10.198.000	1,47	1,46	1,48	1,45	1,47
Paulista Força Luz	on	6.000	0,52	0,52	0,52	0,52	0,52
Paulista Força Luz	op	78.000	0,57	0,60	0,60	0,57	0,58
Pirelli	op	100.000	1,30	1,30	1,30	1,30	1,30
Marcopolo S/A	pp	280.000	2,65	2,65	2,65	2,65	2,65
Pet. Ipiranga	pp	2.000	3,95	3,95	3,95	3,95	3,95
Real Café Solúvel	ma	60.000	4,70	4,70	4,70	4,70	4,70
Samitri—Min. da Trind	op	978.000	1,07	1,07	1,10	1,06	1,08
Schlosser	op	1.000	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50
Sharp S/A	pp	3.740.000	1,60	1,60	1,60	1,60	1,60
Solorrico	pp	200.000	0,75	0,75	0,75	0,75	0,75
Sondotécnica	pp	64.000	1,79	1,79	1,79	1,79	1,79
Servix Engenharia	op	550.000	0,47	0,47	0,47	0,47	0,47
Tibrás	an	5.000	5,50	5,50	5,50	5,50	5,50
Tibrás	eb	50.000	5,15	5,15	5,15	5,15	5,15
T. Janer Com. e Ind.	pp	18.000	1,71	1,68	1,71	1,68	1,70
Unibanco União Banco	pp	28.000	1,45	1,45	1,45	1,45	1,45
Unipar—Un Ind. Petrq.	oe	15.000	3,15	3,15	3,15	3,15	3,15
Unipar—Un. Ind. Petrq.	pe	100.000	4,05	4,05	4,05	4,05	4,05
Santa Olímpia	op	200.000	2,80	2,80	2,80	2,80	2,80
Vale do Rio Doce	pp	2.237.000	1,87	2,04	2,05	1,87	1,97
Vidraria Santa Marina	op	1.811.000	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50
White Martins	op	322.000	1,91	1,92	1,94	1,91	1,93

Brizola é boquirroto e delator diz deputado

Farhat anuncia a Lei Orgânica dos Partidos

FOZ DO IGUAÇU — Até o fim do ano deverá ser apreciada uma Lei Orgânica dos Partidos para ser adequada à emenda Constitucional 11 — limitou-se a informar o Ministro Said Farhat, da Comunicação Social, ao desembarcar ontem, em Foz do Iguaçu, mas não quis fazer nenhum comentário a respeito do impasse surgido em Porto Alegre com a posse de dois vereadores.

Por ser um assunto de competência do Ministério da Justiça, deixava para seu colega Petrônio Portella manifestar. Esse comportamento de Said Farhat foi seguido pelos demais membros da comitiva presidencial que ontem, estiveram em Foz de Iguaçu, tratando do assunto com bastante cautela e discreção.

Said Farhat voltou a afirmar que não há nenhuma decisão tomada pelo Presidente João Baptista Figueiredo para concessão do indulto, frisando que se vier esse benefício, "conseqüência do processo aberto com a decretação da anistia, o governo deverá adotar o critério de examinar caso por caso, como é próprio em todos os países onde o Instituto é utilizado".

Decreto do Executivo vai ser rejeitado

SÃO PAULO — Pela primeira vez, após o movimento de 64, um Decreto-Lei do Presidente da República será rejeitado pelo Legislativo: é o que eleva para duas vezes e meia o valor da Taxa Rodoviária Única.

Essa informação foi prestada ontem nesta capital pelo líder do MDB na Câmara Federal, deputado Freitas Nobre. Ele explicou que o Decreto-Lei, em face das disposições legais existentes, não pode ser emendado e nem mesmo corrigido os seus erros gramaticais mais grossos. O Decreto-Lei só pode ser aprovado ou rejeitado.

Freitas declarou que o Decreto que elevou o valor da Taxa Rodoviária Única será rejeitado pela Câmara, embora ele já tenha entrado em vigor, com o que o Governo terá que devolver o excesso que já tiver cobrado de proprietários de veículos.

O deputado oposicionista disse que a razão da rejeição é que, além deste "violento aumento na Taxa Rodoviária Única, alcançando setores da classe média e motoristas profissionais, essa majoração vai também refletir-se no aumento do custo de vida, na movimentação das vendas de veículos e, até mesmo, na queda de produção de automóveis."

Torturado vai processar os seus torturadores

ARACAJU — O ex-funcionário da Petrobrás, Milton Coelho Carvalho, que ficou cego em conseqüência de torturas sofridas quando foi preso, em 1976, por motivos políticos, quis saber em Aracaju, se a Lei de Anistia beneficiará os torturadores, pois se não, segundo declarou, moverá uma ação para apurar a responsabilidade dos causadores de lesão que o invalidou.

Milton Carvalho disse que já passou procuração para a advogada Ronilda Noblat mover, além dessa ação, uma outra, de ressarcimento de danos, contra o Estado. Para ele, os torturadores não podem se beneficiar da anistia, uma vez que a lei não estendeu o benefício àqueles que pegaram em armas para defender seus ideais.

Milton foi preso em fevereiro de 76, sendo levado, segundo conta, para o quartel do Vigésimo Oitavo Batalhão de Caçadores do Exército, em Aracaju, de onde saiu com a visão deformada, marcas de ferro nos pulsos e outros hematomas, posteriormente constatados em exame de corpo de delito realizado em Salvador. Julgado no ano passado na 6ª Circunscrição da Justiça Militar, de Salvador, ele foi absolvido da acusação de tentativa de reorganização do Partido Comunista Brasileiro, juntamente com outras 18 pessoas. Com 37 anos, tem dois filhos-de um e dois anos de idade.

Inquérito contra polícia leva 17 anos

Um inquérito instaurado contra policiais no Rio, que deveria estar concluído pela própria polícia no dia 24 de agosto de 1962, somente ontem, com 17 anos de atraso, foi encerrado, com um pedido de arquivamento por parte do promotor Nilson Araújo da Cruz, do município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. O inquérito, que tem o número 66/62, deveria apurar o espancamento sofrido por Jorge Luís dos Santos, no interior da delegacia de Nova Iguaçu. A vítima era suspeita do furto de um cavalo e ficou paralítico. O inquérito chega ao fim vencido 205 vezes o prazo em que deveria estar pronto e entregue à Justiça.

BRASÍLIA — O ex-governador Leonel Brizola foi acusado, da tribuna da Câmara, pelo deputado José Freire (MDB-GO) de delator e de estar a serviço da trilateral ao afirmar que 8 deputados do MDB foram eleitos pelos comunistas

— Onde teria ido o sr. Leonel Brizola buscar essas informações sobre deputados do MDB eleitos pelos comunistas, mostrando-se nesse tipo de investigação vergonhosa mais eficiente do que o próprio SNI? Seria a sua fonte de informação e financiamento, a decantada trilateral, de inspiração fascistas? Afinal o sr. Brizola está há 15 anos em vilegiatura no exterior vivendo uma vida nababesca — argumentou o parlamentar.

Freire: abrindo o velho

Observou José Freire que "sem qualquer arranhão na pele, no gozo pleno de seus direitos políticos, retorna o sr. Leonel Brizola boquirroto como sempre soube ser". Disse o oposicionista que isso "é típico de homem de bravatas, dos malfadados "Grupo dos Onze", mas inconseqüente política e ideològicamente, como assaz demonstrou nestes 15 anos de confortável exílio".

— E o sr. Leonel Brizola, num típico gesto de quem gosta de cumprimentar com o chapéu alheio, volta para, numa tentativa desesperada de se assenhorear do prestígio político do MDB, criar o apelegado PTB, que nenhuma saudade deixou neste País como organização partidária — acusou José Freire.

"Mas enquanto Brizola gozava de seu confortável exílio", prosseguiu o parlamentar emedebista, "nós, aqui, filiados a um MDB vigiado, perseguido e punido pelos detentores do poder, lutávamos pelo restabelecimento dos direitos democráticos, lutávamos contra as prisões e as cassações, lutávamos pelo retorno dos exilados — inclusive Brizola — lutávamos por uma melhor distribuição da riqueza nacional e não descansávamos de gritar contra os atos de exceção, contra o arbítrio e a tortura, e tínhamos as cabeças roladas, como foi o caso dos companheiros Nadyr Rosseti, Amaury Müller, Marcos Tito, Lysâneas Maciel, Marcelo Gato e Alencar Furtado".

— Mas agora retorna o sr. Leonel Brizola e, bravejante, procura denegrir essa gloriosa luta pela democracia, na qual tantos tombaram nestes 15 anos. E volta vociferante, acusando, denegrindo. O bom senso, porém, prevalecerá e "o cavaleiro da triste figura voltará ao isolamento onde esperamos venha fazer autocrítica dos erros que cometeu em sua vida política e que contribuíram para o estado de coisas que o Brasil viveu e sofreu nestes 15 anos de arbítrio e escuridão — concluiu o deputado José Freire.

Theodomiro aparece em Paris e vai contar tudo

SALVADOR — Theodomiro Romeiro dos Santos, o preso político que fugiu da Penitenciária Lemos Brito, em Salvador, está em Paris. Esta informação foi fornecida na capital baiana pela advogada Ronilda Noblat, que defende Theodomiro, comunicando ter sido avisada por Maria Conceição Gontijo de Lacerda, mulher do fugitivo, pouco depois da libertação de Haroldo Lima, o outro preso político que divulgou uma carta anunciando a fuga.

Ronilda Noblat informou ter recebido uma ligação telefônica de Maria Conceição, avisando que, também por telefone, fora procurada em Brasília por uma "pessoa de confiança", que de Paris deu-lhe ciência do paradeiro do marido e transmitiu o recado de que Theodomiro reclamava a presença da mulher e dos filhos na França. A notícia provocou o maior alvoroço nas redações de jornais de Salvador e uma verdadeira corrida às autoridades de segurança do Estado, aos advogados de presos políticos, movimentos de anistia e ao gabinete do governador do Estado. Antônio Carlos Magalhães, evitou a imprensa a maior parte do dia, e terminou sendo localizado à tarde, no Cemitério do Campo Santo, na saída de um funeral e travou um rápido diálogo com o repórter.

— Governador, o senhor já deve estar sabendo que Theodomiro está em Paris. E agora?

— Agora, ele é que tem que dizer tudo, contar como fugiu.

— O fato de ele estar em Paris deixa claro, que ele não fugiu no sábado, como concluiu a Comissão de Inquérito.

— Então, fugiu depois?

— E o senhor, como está se sentindo?

— Aliviado. Pode escrever aí: perguntado como se sentia, o governador Antônio Carlos Magalhães respondeu que estava aliviado ao saber que Theodomiro estava em Paris.

— Por que aliviado?

— Porque estou aliviado. Você tire as suas conclusões.

— E quanto às apurações e ao inquérito instaurado para descobrir como Theodomiro fugiu, alguma novidade?

— Não, basta você dizer que eu estou aliviado.

Ronilda Noblat não forneceu qualquer outra informação, além do telefonema recebido, mas confirmou que vai requerer junto ao STM a extinção de punibilidade de Theodomiro, dizendo, inclusive, que, se não for atendida, em uma etapa posterior, pretende mesmo argüir a inconstitucionalidade da Lei de Segurança Nacional.

Pela força eles não vão dissolver o MDB

SÃO PAULO — O líder do MDB na Câmara Federal, deputado Freitas Nobre, garantiu ontem nesta capital que o Governo federal não conseguirá "dissolver a minoria com a força numérica da maioria".

Freitas explicou que o Governo somente poderia tentar "cometer essa violência" forçando a maioria que a Arena reúne no Congresso. Na Câmara Federal — segundo ele — não há como a representação arenista se solidarizar com essa idéia, especialmente depois do que ocorreu esta semana na Comissão de Constituição e Justiça. Lembrou que este órgão técnico rejeitou, por considerá-lo inconstitucional, projeto de iniciativa de um arenista, com parecer favorável de outro arenista, dissolvendo os atuais partidos. Em 46 deputados, observou Freitas, apenas três arenistas que formam nesta Comissão enfrentaram corajosamente a aventura de votar favoravelmente ao Projeto. Este fato, na opinião do líder do MDB, revela a disposição existente no plenário da Câmara em relação à tese de dissolução da "minoria incômoda".

Freitas Nobre garantiu que nem a Arena, na Câmara, votaria a dissolução dos partidos, acrescentando que em problemas de questão de fechamento, na bancada do Governo, tem amplo significado o resultado da votação da anistia ampla e irrestrita contida na Emenda do deputado Djalma Marinho: 12 arenistas permaneceram no corredor, sem participar da votação, e 15 foram ao plenário manifestar-se a favor da Emenda.

Na opinião de Freitas Nobre, o único caminho que resta ao Governo, se este quiser sair-se bem deste episódio, será propor uma estrutura partidária democrática, a mais ampla que desejar, através de Emenda Constitucional, mas sem esmagar a maioria. Observou que se o Governo pretender a votação da extinção do bipartidarismo a partir do Senado, ainda que a idéia da dissolução conte com os votos dos biônicos, Freitas não vê como forçar a representação arenista na Câmara para a aprovação deste ato antidemocrático.

HELIO FERNANDES

Em Primeira Mão

Murilo Macedo

O famoso Joel Silveira, glória do jornalismo brasileiro, ainda hoje o grande repórter que viaja aos lugares mais difíceis apenas para trazer uma reportagem, foi demitido do cargo que ocupava há 10 anos, de Diretor do Serviço de Documentação. O autor do ato de demissão de Joel Silveira foi o Ministro do Trabalho Jarbas Passarinho, e isso ocorreu em 1969.

Agora, Joel Silveira foi um dos primeiros a requerer a sua reintegração, de acordo com o que está no projeto de anistia, aprovado pelo Congresso e sancionado pelo general João Figueiredo. O jornalista Joel Silveira mandou um telegrama ao Ministro Murilo Macedo e está à sua disposição, esperando as providências do Ministro do Trabalho. Ontem ao me mandar a cópia do telegrama enviado ao Ministro Murilo Macedo, o jornalista Joel Silveira me mandou o seguinte bilhete, que transcrevo na íntegra, (fato raríssimo nesta coluna) numa homenagem toda especial a Joel Silveira, e pela singular posição que ocupa no jornalismo (verdadeiro) do Brasil.

***

Meu caro Helio:
Como v. não ignora, em junho de 1969 o patife do Jarbas Passarinho, ora posando de democrata, me afastou do Ministério do Trabalho, do qual eu era funcionário desde 1946 e onde vinha exercendo por mais de 10 anos o cargo de Diretor do Serviço de Documentação. O ato foi de uma arbitrariedade sem par, e inteiramente ilegal, pois ignorou inclusive a minha condição de "pracinha", portador das Medalhas de Campanha e de Guerra — e nessa condição impossibilitado por lei de ser posto em disponibilidade.
Estou mandando hoje o telegrama junto (para o qual pediria divulgação aí na sua brava TRIBUNA) ao Murilo Macedo, primeiro passo que tomo para corrigir uma injustiça que carrego há mais de um decênio. Aliás, a história toda do procedimento do Passarinho a meu respeito é de uma ignomínia sem par, que merecia ser lembrada. Se v. se interessar pelo caso, mande um dos seus repórteres conversar comigo. É um bom prato, lhe garanto.
O abraço sempre amigo do leitor de todo dia
Joel Silveira

***

Depois da concretização do chamado "salário móvel", virá reformulação do salário mínimo. É evidente que os salários não poderão ser reajustados e aumentados de 6 em 6 meses e o salário mínimo só sofre um reajustamento anual, a cada 1.º de maio. Mas o "governo" primeiro tratará do "salário móvel" e depois então cuidará do salário mínimo.

***

Confirmou-se sobre o assunto, o que eu disse aqui: o "governo" quer ser o dono de todas as enchentes, não dará "paternidade" de coisa alguma a ninguém. É fácil perceber isso na questão do "salário móvel". O "governo" abandonou e desprezou desdenhosamente os projetos dos senadores Nélson Carneiro e Mauro Benevides e um outro do deputado Alceu Colares, para aprovar o seu, que é rigorosamente igual aos outros. Esse negócio de Três Poderes não funciona muito bem no papel, pensam os "cérebros" do "governo".

***

José Sarney e Petrônio Portella **têm se desgastado muito com o general** João Figueiredo. **O general** João Figueiredo **acha que** os **dois subestimam a sua capacidade política, o seu entendimento, e até a velocidade do seu raciocínio. E como o general já disse,** "ele é franco, conciliador, mas não é trouxa". E Petrônio **e** Sarney **não perceberam isso.**

***

No caso do Ministro da Justiça, **Petrônio Portella,** o general **João Figueiredo** "não engoliu de maneira alguma", aquela história dele ter perdido o projeto da anistia, projeto que 24 horas depois era publicado na íntegra em **O Globo.** A interpretação geral do Palácio do Planalto, é que o Ministro da Justiça não perdeu coisa alguma. Ele deu propositadamente (ou **mandou alguém dar**) a cópia do seu projeto de anistia a **O Globo,** "para **que ficasse publicado e notório, que a sua concepção de anistia era muito mais avançada e progressista do que a do Planalto",** que afinal foi a que o Congresso recebeu. Mas é incrível que um homem vivido e experiente como **Petrônio Portella,** não acredite nas reações dos outros. Então ele não percebeu que todo mundo ia saber logo de cara que ninguém perde um trabalho desses, principalmente quando está sendo feito por um homem só?

***

Essa história do "projeto perdido" está atravessada na garganta do general João Figueiredo, **e ele é muito homem de cobrar a história do Ministro num momento qualquer. Quanto ao senador** Sarney **seu desgaste se deve à questão do voto Distrital e da sublegenda dentro do pluripartidarismo. O general** João Figueiredo (e todo o Planalto, sem exceção) **considera que o senador do Maranhão está pensando mais nele mesmo do que no "governo" e no País, e não está gostando de como as coisas se desenrolam.**

***

Onde é que já se viu sublegenda dentro do pluripartidarismo? Nem no bipartidarismo se admite ou se admitiria sublegenda, embora com 2 partidos apenas, a sublegenda, embora fosse um absurdo poderia ter como justificativa a unificação do partido, às vezes com mais candidatos do que a legenda poderia aguentar. Mas sublegenda no pluri-partidarismo é demais. E essa o general **João Figueiredo** também não engoliu.

***

O físico José Goldemberg, convidado por Delfim Netto para a presidência do CNPq, foi entrevistado na televisão. Apesar de convidado por Delfim Netto eu disse aqui que ele não seria nomeado, pois a lista dos seus vetos era maior do que o seu próprio nome. Delfim Netto **insistiu e acabou queimando o cientista que não foi nomeado mesmo, pois afinal, quando eu faço uma afirmação categórica, em 90 por cento dos casos ela vem da própria fonte geradora da notícia, do ato, do fato.**

***

Mas o cientista acabou se revelando um esgrimista habilíssimo. Entrevistado num programa de televisão (evidentemente por mais tímida que seja a televisão brasileira), tiveram que lhe perguntar se era verdade se ele tinha sido vetado. E ele fez todo mundo rir, ao dizer: **"Eu não fui vetado não; quem foi vetada foi a minha nomeação".** Realmente foi uma estocada que atingiu o alvo em cheio. Bem na mosca.

UR-GENTE

Os senhores Diplomatas da Embrafilme estão tão loucos por dinheiro, que fizeram um Plano para um Pólo Cinematográfico no Rio de Janeiro. Inicialmente a vítima seria o "Governo" do Estado. Esse seria o meio de arrancar dinheiro para as suas transas de Festivais e Adiantamentos para filmes de amigos e apaniguados.

—◆—

Com a Indústria de reajustes de Orçamentos criada pelo Superintendente **Antônio César Costa Pereira,** quase todos os filmes Co-Produzidos pela Embrafilme, pararam totalmente as suas Produções, pois a grana que viria posteriormente salvaria a todos e a tudo. Como a Embrafilme não consegue mais Recursos, tudo leva a crer que mais de 25 filmes não chegarão nem a ir para as prateleiras. E o que já foi gasto?

—◆—

Na entrevista que o Diplomata Celso Amorim **concedeu depois do encontro que teve com o presidente do Banco do Brasil, Osvaldo Colim, onde não conseguiu nada pois a Embrafilme já está bastante grandinha (apenas muito mal Administrada) e deveria cuidar da sua vida, um dos jornalistas perguntou se eram verdadeiras as acusações de Corrupção dentro da Empresa. E a resposta não poderia ser outra, ou seja:** "até agora não existe nada comprovado" **(então realmente a Corrupção ainda existe). O Globo de 25-07-79.**

—◆—

Os senhores Diretores Diplomatas **Celso Amorim** e **Samuel P. Guimarães** vivem em reuniões diárias com os Senhores **José Paulo Albuquerque** — Chefe do Departamento de Pessoal, **Antônio Esteves** — Chefe do Departamento Financeiro, **Sylvio Medela** — Chefe do Departamento de Suprimento e Manutenção. Todos três são considerados comprovadamente os maiores Corruptos da Embrafilme. Querem despedir no mínimo 30 funcionários de preferência os mais antigos a fim de que a folha de pagamento que já está atingindo a 9.500.000,00 mensais seja reduzida. Por incrível que pareça todos os Chefetes que sempre comandaram a Corrupção por ordem de **Roberto Farias** e **Tonico Loureiro** vão continuar e provavelmente serão promovidos. O mais estranho é que os Senhores Diplomatas ainda têm a coragem de dialogar e de ouvir esses indivíduos.

—◆—

Atualmente a Embrafilme tem uma Perita principalmente para assuntos Trabalhistas. Trata-se da Sra. Valéria Viana de Azevedo, que de acordo com as dispensas que vêm ocorrendo dentro da Embrafilme, (ela ganha por parecer 5.000,00), já deve estar ganhando mais que o próprio Diretor Geral — Celso Amorim. **A referida Perita é exatamente a esposa do Chefe do Departamento Pessoal, o falso primo de Tonico Loureiro, José Paulo Albuquerque.**

Foi lançado ontem no Clube do Congresso, em Brasília, com filas imensas, o livro do jornalista *Clóvis Sena* (*Correio Braziliense*) intitulado *Neiva Moreira, Testemunha de Acusação.* ◆ O livro tem depoimentos especiais de *Carlos Castelo Branco, Roberto Saturnino Braga, Ferreira Gular* e outros que conheceram muito bem *Neiva Moreira.* ◆ *Saturnino Braga* diz a *Clóvis Sena*: *"Esperemos que Neiva Moreira volte logo ao Brasil para nos ajudar nas lutas nacionalistas, e pelo desenvolvimento das técnicas do aproveitamento do álcool, da qual ele foi um dos pioneiros".* ◆ Depois diz também *Saturnino Braga*: *"Havia um homem que lutava tanto pelo aproveitamento do álcool que acabou sendo demitido do cargo que ocupava. Seu nome é Severo Gomes, e era ministro da Indústria e do Comércio".* ◆ Conversando demoradamente ontem, na Câmara dos Deputados o ex-governador da Guanabara, *Rafael de Almeida Magalhães* e o presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, *Djalma Marinho*. Uma coisa é certa nessa confusão toda: *Rafael e Djalma Marinho* ficarão no mesmo programa, seja ele qual for. ◆ Também conversando por longo tempo e saindo ambos muito sorridentes e contentes, o ex-governador *Magalhães Pinto* e o quase "governador" de São Paulo, *Rafael Baldacci*. O atual "governador" *Maluf* atrapalhou completamente a vida de *Baldacci*. Pois agora, com a fila extensa de candidatos que existem em São Paulo, como é que *Baldacci* conseguirá se eleger? Só se esperar até o ano 2 mil. ◆ O reitor da Universidade de Brasília, *José Carlos Azevedo* virá ao Rio exclusivamente para fazer uma conferência na Escola de Guerra Naval. Tema, *Problemas da Educação no Brasil*. O convite foi do próprio diretor da escola, almirante *Henrique Sabóia.* ◆ *Nemésio Nogueira*, diretor da Salles-Interamericana, elogiando bastante a coluna de *Consuelo Badra*, no *Jornal de Brasília*. É realmente uma coluna que faria sucesso em qualquer jornal do Rio ou de São Paulo. ◆ *Altamirando Ferreira*, presidente da LBA em Brasília, fazendo um excelente serviço à frente desse órgão. Sua dedicação é total, e quem se dedica com amor ao que faz, só pode obter sucesso e reconhecimento. ◆ O programa da Rádio Guanabara, Debate Livre, vai homenagear amanhã, de 9 às 10 da manhã, dois grandes jornalistas que voltam definitivamente ao Brasil: *Hermano Alves* e *Artur Poerner*. Que voltem com a mesma disposição de luta com que partiram.

A iniciativa de Dayan

SEBASTIÃO LOBO NETO

Moshe Dayan resolveu pegar o touro pelo chifre e partir para a única atitude que pode levar a qualquer coisa de construtivo entre palestinos e judeus: entrar em contato com a OLP e discutir o assunto. Dayan é inteligente, embora um pouco vigarista, e sabe que o problema é sério e não pode ficar à mercê do terrorista Begin e de seu delinqüente Ministro da Agricultura, Ariel Sharon. Sharon é o homem responsável pela colonização das terras que Israel ocupou ilegalmente e hoje, também ilegalmente, anexa com a desfaçatez que só Begin é capaz de ter. "I will buldoze the Sinai", dizia ele há algum tempo, o que traduzido quer dizer: "vou meter os tratores de lâmina nas aldeias palestinas; escorraçar os ditos para os campos de concentração, e implantar as novas colônias israelenses". Magnificamente criminoso, como diria Shaw. Se algum palestino quiser resistir será chamado de terrorista. Nesse caso despacha-se o dito com família e tudo para o Líbano e lá, sob os auspícios da aviação israelense, ele terá o destino que merece: napalm. Servirá de exemplo aos outros, que assim saberão o que acontece com quem tem o desplante de provocar a ira do Senhor.

Esta é, em suma, a política do facinoroso Primeiro-Ministro israelense, que não satisfeito com seu prontuário de terrorista, público e notório, sofisticou os métodos. Não mata mais a faca; usa napalm. Parece aquela manjada história do assassino que se define, defende dizendo "eu não mato não senhor. Só faço o furo. Quem mata é Deus..."

Mas Dayan é outra coisa. Primeiro porque conhece como ninguém o temperamento árabe, já que nasceu na Síria e passou a maior parte da sua vida em contato com o povo da região, ao contrário de Begin que veio da Polônia. E segundo porque usa a cabeça, além de enxergar mais com um olho do que Begin e amigos. Sabe que se mantiver a atitude de ignorar a OLP, e por tabela ignorar os palestinos já que a dita é a sua legítima representante, vai cavar a própria sepultura. Dayan não esquece a frase de Napoleão: "pode se fazer tudo com baionetas, menos sentar nelas". A cada bombardeio israelense sobre as aldeias palestinas ou os "campos de concentração", o braço armado aumenta. Ninguém vendo seus filhos queimados por napalm pode pensar em entendimento. Vai é concluir que a única linguagem é a violência e portanto parte para a dita. Mecanismo elementar e conhecidíssimo, que, todavia o Primeiro-Ministro ignora. Ou finge ignorar.

Por outro lado o chanceler israelense também sabe que o povo judeu não está preparado para fazer concessões aos palestinos. Não porque os judeus sejam aprioristicamente maus ou intolerantes. Isso é besteirol anti-semita. Mas o fato é que os povos são manipulados pela fortíssima propaganda política que seus respectivos governos fazem, e portanto podem ter em grupo atitudes que não teriam isolados, de resto mecanismo que Freud analisou tão bem em "psicologia de Grupo" partindo das concepções de Le Bon.

Dayan então dá os primeiros passos para uma mudança na atitude de israelense, mudança que terá que ser feita com cuidado já que as condições de violência que sempre cercaram a região levaram a uma radicalização de parte à parte. Notem que Andrew Young espinafra Israel mas cuida de advertir a OLP para que também faça concessões, a mais importante delas sendo aceitas o Estado de Israel. É óbvio que Arafat toparia o negócio desde que tivesse garantia de um Estado Palestino, o que para o atual governo israelense é anátema. O resultado é que qualquer negociação entre Israel e Egito não ultrapassará nunca os problemas entre os dois países apenas. A "liderança" de Sadat junto aos palestinos é nula e não se pode impor líderes por decreto.

Dayan é uma chance, não tenham dúvida e, se tivermos um pouco de sorte (não posso escapar ao otimismo, sentimento que não suporto já que irreal) Ted Kennedy pode entrar, e com ele Young na vice-Presidência) e talvez tenhamos uma solução para a questão em futuro próximo.

Em pouco saberemos.

Flashback

Farid Sawan respondeu na segunda-feira próxima passada, na seção de cartas aqui da TRIBUNA, ao meu pedido de esclarecimento sobre a questão de Deir Yassim. O representante da OLP no Brasil foi claro, objetivo e direto ao assunto. Aguardei a resposta de Sawan não porque não tivesse meios de contestar a afirmativa da Embaixada de Israel, via o porta-voz Gideon, mas sim porque entendi que, melhor do que ninguém, um palestino poderia dar a versão palestina do massacre. Notem que o porta-voz da embaixada israelense afirmou, quando da sua carta, que as minhas acusações à respeito do terrorista Begin eram infundadas. Em outras palavras: o diplomata israelense disse que eu acusava Begin sem fundamento, o que para quem se propõe a ser um crítico é uma coisa grave. Por isso aguardei a resposta de Sawan.

Pois bem, Sr. Gideon Ben Ami, porta-voz da Embaixada de Israel no Brasil: como é que fica?

Quem está mistificando e desinformando?

O sr. Farid Sawan mostrou vários textos, de autores israelitas, sobre as atividades de Begin antes e depois de ser primeiro-ministro. A citação que fiz do livro de Begin foi comprovada por Sawan dando **número da página**. Será que os porta-vozes da Embaixada de Israel, quando afirmam que o primeiro-ministro do seu Estado não praticou um massacre não tem o que o próprio diz?

Será que os porta-vozes da Embaixada de Israel não têm noção da inteligência alheia?

Se fui acusado de leviandade no tratamento de Begin e provo que o dito foi quem comandou o terror do IRGUM, eu pergunto:

Quem é leviano?

Com a palavra o sr. Gideon (ou qualquer outro).

—

Com relação à nota anterior devo esclarecer aos srs. em questão que aguardo resposta. Mas não me venham com citações bíblicas ou então baboseiras do tipo "a verdade sobre Deir Yassim" segundo o porta-voz da embaixada. Mencionem textos, documentos, livros ou então estabeleçam um argumento sólido. A "solid case" como diriam os ingleses. Caso contrário não vou perder meu tempo respondendo. Paciência tem limite.

—

Dois jornais satíricos estão brigando na Europa, o **Canard Enchaimé** da França e o **Krokodil**, o último sendo soviético. O motivo é muito simples. A turma do **Canard** recebeu um convite da municipalidade de Forte de Marmi para participar de uma exposição de "cartuns" em **Pisa**, este mês, e na sua resposta disseram que aceitariam dada a proximidade de Pisa à região de onde sai famoso vinho "Chianti". Muito bem.

Quando souberam que a Embaixada da URSS tinha conseguido que o convite fosse também feito a **Krokodil, o Canard** botou em dúvida a "virilidade satírica do jornal soviético" e, para não perderem a oportunidade mandaram um telegrama aos promotores da exibição afirmando que só participariam se os artistas russos Boris Mukhametshin e Vyacheslav Sesoyev também fosse.

Os dois estão condenados a sete anos por fazerem "propaganda anti-soviética"...

—

O Observer **(conservador) já começa a estrilar com a política de Maggie Thatcher. O colunista Wynne Godley começou no domingo passado a sua coluna com a seguinte pergunta: "O que vai acontecer ao nosso país?"**

São os primeiros resultados da eleição da sra. Thatcher. Pessoalmente acho que a dita senhora não vai agüentar mais 6 meses.

—

Dando o que falar na Inglaterra a reportagem do **Observer** sobre os "arquivos pessoais" de Lord Baden-Powel. Baden-Powell foi quem criou o escotismo, é bom que se frise, e segundo seus arquivos pessoais só conseguiu salvar a vida dos brancos que residiam num forte porque expulsou milhares de africanos do dito, condenando-os a morrer de fome. Vou ler e depois comento.

Premier iraniano renuncia

O Primeiro-Ministro iraniano, Mehdi Bazargan, anunciou ontem, pela televisão, que apresentara a sua renúncia ao cargo ao líder máximo da Revolução Islâmica, o "ayatollah" Komeini. Bazargan afirmou que seu gesto era conseqüência das críticas que lhe vinham sendo feitas por elementos mais radicais dentro da hierarquia xiita, assim como as que procederam dos grupos mais ligados aos "ayatollah" Komeini. Essas críticas, que no entender de Barzagan não diminuíram com as severas limitações impostas à imprensa, tornaram-se insuportáveis para o Primeiro-Ministro já que era acusado de "não ser suficientemente revolucionário".

Mehdi Bazargan foi nomeado Primeiro-Ministro assim que a Revolução Islâmica, do "ayatollah" Komeini se estabeleceu no poder após a queda do Xá Reza Pahlevi. Político habilidoso, além de ter sido do Ministério do Mossadeq — deposto por nacionalizar o petróleo na década de 50 —, Bazargan foi o responsável pela articulação política de todas as forças que se opunham ao regime Pahlevi. Com a vitória da revolução, e o conseqüente aumento progressivo da influência religiosa xiita no governo, Bazargan teve que lidar com uma situação quase que impossível de ser resolvida: o Irã passava a ter dois governos. Um, o governo propriamente dito que Bazargan chefiava; o outro as decisões e deliberações da hierarquia xiita que interferiam na condução dos negócios de Estado. Durante este período o Primeiro-Ministro foi severamente criticado por se opor, muitas vezes, às decisões da hierarquia religiosa, tendo, inclusive, ameaçado renunciar.

As constantes intervenções dos "ayatollahs" mais ligados ao ortodoxia xiita levaram o Primeiro-Ministro a ter que ir, muitas vezes contra Komeini, o que abalou seu prestígio junto às correntes mais moderadas. Se, por um lado, Bazargan discordava de Komeini, por outro, não se punha em alinhamento direto com os opositores da linha islâmica, o que lhe valeu críticas dos dois pólos. Recentemente, em Paris, o ex-Primeiro-Ministro (nomeado por Pahlevi) Shapur Baktiar, em entrevista coletiva à imprensa sugeriu a renúncia de Bazargan já que este não tinha mais autoridade

Crise entre EUA e Moscou: Brigada soviética em Cuba

— Uma nova crise, de imprevisíveis conseqüências, estourou ontem entre Washington e Moscou, somente 3 dias após o caso do bailarino Godunov, devido à presença em Cuba de uma brigada soviética de combate integrada por 3 mil homens. A presença desta brigada em Cuba foi revelada por Frank Church, presidente da poderosa Comissão de Relações Exteriores do Senado, durante uma entrevista a imprensa em Oise (Ohio) e, posteriormente, confirmada pela Casa Branca. Segundo Church, a presença da brigada foi confirmada tanto pelos serviços secretos norte-americanos quanto pelo secretário de Estado Cyrus Vance, que imediatamente pediu explicações a Moscou. Até ontem à noite, a URSS não divulgou sua resposta.

Church, cuja reeleição em 1980 parece ameaçada, dá a impressão de haver decidido explorar intensamente esse episodio, que colocou o Presidente Jimmy Carter numa posição difícil. "Os Estados Unidos não podem tolerar que Cuba se converta numa base militar soviética a 90 milhas de nossas costas", afirmou o senador. "Tampouco podemos aceitar que essa ilha seja utilizada pelos soviéticos como trampolim para suas intervenções militares no hemisfério ocidental", acrescentou, ao pedir a Carter que exija a imediata retirada dessa brigada.

Washington confirmou oficialmente a presença dos 3 mil soviéticos em Cuba, mas o porta-voz do Departamento de Estado, Hodding Carter, disse que, "no momento, não constitui uma ameaça para os Estados Unidos". É provável que Carter, que passa o longo fim de semana do Dia do Trabalho em sua cidade natal de Plains, seguramente tornará pública sua posição antes de regressar a Casa Branca na segunda-feira.

Nos meios políticos comentou-se que o episódio terá graves repercussões, um dos candidatos republicanos às próximas eleições presidenciais, o senador Roberto Dole, declarou que a iniciativa soviética, provavelmente, questionará a ratificação do tratado SALT-2 sobre limitação de armas nucleares estratégicas. Uma vez mais, o presidente Carter terá que enfrentar uma difícil opção.

Um enfrentamento com os soviéticos, exigindo a retirada dessas tropas de combate, agravará a tensão entre Washington e Moscou num momento inoportuno, porque o governo ainda não tem ganha a batalha parlamentar para obter a ratificação dos acordos SALT-2. Porém, não fazer nada, segundo fontes oficiais, teria conseqüências ainda mais graves. Nesse caso, Carter seria novamente acusado de fraqueza frente ao expansionismo soviético e provavelmente, sua atitude será submetida a uma comporação com a firme atitude de John Kennedy em 1962, quando da famosa "crise dos foguetes".

"Para os soviéticos, uma coisa é enviar tropas à Etiópia ou Angola e outra, muito diferente, e vir a uma área que sempre foi considerada como nosso quintal", declarou Church. Os observadores se interrogam sobre os motivos que levaram a URSS a reforçar dessa maneira sua presença em Cuba, onde já tem entre 2 e 3 mil conselheiros e 8 ou 9 mil especialistas civis.

Alguns especialistas acreditam que esse envio de tropas constitui uma manobra destinada a pôr a prova as reações norte-americanas. Porém, dois meses após a queda de Anastásio Somoza na Nicarágua, e num momento em que a América Central entrou num processo de ebulição, essa iniciativa foi considerada por todos os setores políticos como uma verdadeira provocação à Washington.

Assessor de Young assume representação na ONU

O presidente Jimmy Carter elogiou as virtudes de negociador de Donald McHenry, designado ontem para o cargo de representante permanente dos Estados Unidos na ONU, em substituição ao embaixador renunciante Andrew Young.

McHenry, um diplomata de carreira de 42 anos de idade, era o adjunto direto de Young, que foi obrigado a apresentar sua renúncia no último dia 15, depois de ter se reunido sem autorização do governo, com um delegado da Organização para a Libertação da Palestina (OLP)

A designação de McHenry, anunciada em Plains, na Geórgia, onde Carter passa alguns dias de férias, não causou nenhuma surpresa nos meios políticos e diplomáticos de Washington.

McHenry, negro como seu antecessor, não participou no grande movimento da década passada em favor dos direitos civis.

A princípio, sua designação à frente da missão norte-americana na ONU deve apaziguar o descontentamento criado na comunidade negra dos Estados Unidos, suscitado pela partida de Andrew Young.

Como diplomata McHenry teve uma influência determinante nas negociações, que ainda prosseguem, sobre a questão da Namíbia e nas conversações iniciadas entre Washington e Luanda para normalizar as relações entre os Estados Unidos e Angola.

Foi McHenry o diplomata que no último fim de semana conduziu as negociações no aeroporto Kennedy, de Nova Iorque, durante o episódio criado pela confusa situação da bailarina soviética Ludmila Vlasova, esposa de Alexander Godunov, que pediu asilo nos Estados Unidos.

Funcionário do Departamento de Estado de 1963 a 1973, ganhou sua reputação nos meios universitários e no influente mundo das "fundações" norte-americanas, como a Brookings Institution e a Fundacion Carnegie.

Nascido no dia 13 de outubro de 1936, foi professor de literatura em duas universidades do sul dos Estados Unidos.

Divorciado, é pai de duas filhas, amigas dos filhos de David Sibeko, o nacionalista sul-africano que foi assassinado em Dar Es Salaam.

Ao comentar a designação de McHenry, Carter afirmou que essa nomeação "traduz a importância que o governo norte-americano concede à ONU como instrumento de paz e de estabilidade internacional".

O presidente assinalou que era importante designar nesse posto McHenry "braço direito" de Young porque será capaz de abordar sem demora os assuntos "urgentes, complexos e diversos" que se discutem atualmente na ONU e aos quais já está acostumado.

Sonda espacial poderá descobrir vida em Saturno

Hoje o mundo assistirá um acontecimento espacial sem precedentes, quando a sonda norte-americana "Pionner", de 257,6 quilos, passar "roçando" o misterioso planeta Saturno e seus anéis, para fotografá-lo antes de perder-se fora do Sistema Solar.

Segundo os últimos cálculos da Nasa, será hoje, sábado, às 11h30 de Brasília, que a sonda atravessará, em menos de um segundo, o plano dos anéis de Saturno, a fase mais "delicada" de sua missão. Somente 86 minutos mais tarde — tempo que os sinais emitidos pela nave demoram para chegar à Terra — se saberá se a "Pionner" escapou ilesa de sua missão.

Lançada há 6 anos e meio de Cabo Canaveral, a "Pionner" passará à 21.400 km da parte superior da capa de nuvens de Saturno, a uma velocidade de 114 mil km/h, devido à atração do planeta. Embora Saturno esteja situado a 1.400 milhões de km da Terra, a sonda percorreu desde seu lançamento cerca de 3 bilhões de km, devido aos desvios feitos durante sua trajetória para examinar, no final de 1974, o planeta Júpiter.

A missão "Pionner" foi concebida pela Nasa para abrir caminho a outras duas sondas, "Voyageur-1" e "Voyageur-2". Equipadas com meios de pesquisa muito importantes, essas sondas já estão à caminho de Saturno. As informações transmitidas pela "Pionner" permitirão definirá missão final e a maneira de abordar o planeta mais distante da Terra.

Ainda não está confirmado que a trajetória seguida por "Pionner" para abordar Saturno seja a mais conveniente, os técnicos da Nasa calcularam que a operação tem cerca de 50% de possibilidades de êxito. A estratosfera de Saturno poderia conter, nas proximidades dos anéis, micrometeoritos capazes de danificar ou destruir a sonda. Mesmo que o "Pionner" fique destruída hoje, ao atravessar o plano dos anéis, sua missão não terá sido em vão. Há mais de uma semana, a sonda — cujos instrumentos funcionam perfeitamente — enviou à Terra uma quantidade importante de informações, particularmente fotografias sobre Saturno.

Se a "Pioneer" atravessar sem problemas a zona perigosa, não só estará em condições de fornecer informações mais precisas sobre o planeta, como também no domingo poderá aproximar-se de Titã, o maior satélite de Saturno. Segundo os cientistas, Titã possui uma atmosfera semelhante a da Terra, capaz de apresentar certas formas primitivas de vida.

Furação "David" já causou 24 mortes e enormes danos

Pelo menos 24 mortos, centenas de feridos, milhares de pessoas sem onde morar, milhões de dólares perdidos na agricultura e no comércio, é o saldo deixado pelo furacão "David", após sua passagem por Porto Rico, Haiti e República Dominicana.

O ciclone provocou chuvas torrenciais ininterruptas durante 24 horas e ventos de até 70 milhas por hora, causando o caos nas linhas de comunicação terrestre, destroçando as linhas elétricas, deixando dois terços da cidade às escuras. O furacão também provocou o transbordamento dos principais rios de Porto Rico e enormes ondas na costa. O governador Carlos Romero Barcelo pediu ajuda à Defesa Civil, Voluntários da Guarda Nacional, entidades cívicas e religiosa e ao povo em geral. As 12 universidades públicas e católicas do país interromperam as aulas até a próxima terça-feira e mais de 7 mil pessoas encontram-se no aeroporto internacional, após o cancelamento de mais de duzentos vôos.

A região turística do condado sofreu bastante com a passagem do ciclone "David". A ponte, que une os hotéis Holiday e Flamboyant, ficou quase que inutilizada. Também Martinica e Guadalupe sofreram muito com a passagem do furacão, segundo fontes oficiais francesas. Nessas ilhas, os bananais ficaram completmente destruídos, e será necessário um ano para sua reconstirução. Segundo as fontes francesas, também os setores agrícolas (frutas, hortaliças, cana-de-açúcar etc) sofreram enormes perdas.

Presidente dos EUA nega a chantagem árabe do petróleo

O presidente Jimmy Carter revelou ontem — em entrevista aos diretores dos Diários da Flórida, divulgada em Plains, na Georgia — que nunca um dirigente árabe lhe confessou, em particular, seu desejo de ver a criação de um Estado Palestino independente.

Carter lembrou que já se encontrou de maneira privada, com dirigentes jordanianos, egípcios, sírios e sauditas.

"Publicamente, todos esses dirigentes aderem à causa de um Estado Palestino independente porque se comprometeram a fazê-lo durante a Conferência de Rabat", disse o Chefe da Casa Branca.

Entretanto, acrescentou, "o tom diplomático das conversações privadas é muito mais moderado do que alguns dizem ou do que aparece na imprensa".

Carter que, recentemente, reafirmou sua absoluta oposição à criação de um Estado Palestino independente, afirmou que respeitará a promessa dos EUA feita em 1975, de rejeitar o diálogo com a Organização de Libertação da Palestina (OLP), enquanto seus dirigentes negarem-se à reconhecer o direito a existência de Israel. A negativa de dialogar com a OLP não era minha política mas a aceitei e a respeitarei", disse Carter. Por outro lado, na entrevista aos diretores de jornais assegurou que nunca foi alvo da menor "chantagem" petrolífera por parte dos países membros da OPEP.

"Nunca — disse — um dirigente árabe ou estrangeiro me ameaçou ou insinuou que nossas provisões de petróleo podiam ser interrompidas se desenvolvêssemos esta ou aquela política".

Declarando — "não permitirei que um país árabe utilize o recurso da chantagem contra nossa nação" — Carter advertiu que todas as opções para o caso do petróleo ser utilizado como arma contra os EUA, foram consideradas.

"Trata-se — reconheceu — de uma dificílima questão militar".

Por fim, Carter afirmou que a decisão da Arábia Saudita de aumentar sua produção petrolífera em um milhão de barris diários está desligada da evolução das negociações de paz entre Egito e Israel".

Hugo Banzer no banco dos réus por ajudar as multis

O Congresso boliviano colocou no banco dos réus ao ex-presidente Hugo Banzer. O deputado socialista, Marcelo Quiroga, apresentou uma solicitação de julgamento de responsabilidades contra o ex-presidente Hugo Banzer, cujo conteúdo não pode ser completado porque o presidente do Congresso boliviano, o sacerdote católico Leônidas Sanchez, decidiu estabelecer "um quarto período de descanso". Quiroga apresentou uma longa introdução jurídica, denunciando as arbitrariedades legais cometidas durante o regime autoritário de Banzer (1971-1978).

O deputado socialista falou durante quase três horas em uma das sessões mais tensas da presente legislatura Boliviana, e sustentou que Banzer "desnacionalizou a exploração petrolífera" em benefício das multinacionais norte-americanas.

Quiroga assinalou que a dívida externa boliviana subiu três vezes mais durante os sete anos do governo de Banzer até chegar ao final de seu mandato em 1978 a 2 bilhões e 500 milhões de dólares.

Nuclebrás reafirma o acordo

O presidente da Nuclebrás, Paulo Nogueira Batista, afirmou ontem no Rio, que "os interesses contrariados, no plano interno como no externo, não conseguirão nos desviar de nossos propósitos", destacando que "todos os acordos na área nuclear serão firmemente cumpridos pelo governo brasileiro, a despeito das incompreensões ocasionais ou da falta de visão de alguns".

Na posse do novo presidente da Nuclep, Alfredo do Amaral Osório, em que a imprensa foi mantida afastada mais uma vez, Nogueira Batista lembrou que as críticas de que a Nuclep não virá produzir nada que já não pudesse ser fabricado e que ela está superdimensionada, não havendo mercado para sua produção, são repetidas sistematicamente, na tentativa de perturbar a opinião pública e prejudicar a implantação do programa nuclear.

Dirigindo-se aos empresários, Paulo Nogueira afirmou que, no primeiro semestre de 1975, antes da assinatura do acordo teuto-brasileiro e da constituição da Nuclep e da Nuclen, os empresários do setor de bens de capital, representados pelo presidente e pelo vice-presidente da Abdib, receberam informações sobre o projeto e sobre o esquema de promoção industrial na área nuclear.

"Na ocasião — acentua — foi acertada uma divisão de trabalho segundo a qual os empresários privados ficariam com a responsabilidade do fornecimento dos componentes não-nucleares das usinas, dando-se preferência as empresas sob controle de brasileiros. À Nuclep foram reservados os equipamentos pesados que a indústria nacional não tinha condições de fabricar". A empresa se constituiu com predominância de capital da Nuclebrás, pela impossibilidade dos empresários nacionais aceitarem, na época, o convite para assumirem conosco uma co-participação no empreendimento".

Segundo Nogueira Batista, os investimentos para a implantação da Nuclep, de 220 milhões de dólares, ficarão aquém da previsão inicial de 240 milhões de dólares. Previu ainda, com a entrada em operação da Nuclep, um índice de nacionalização de 30 por cento para os equipamentos de Angra II, percentagem cinco vezes maior da alcançada por Angra I, comprada à Westinghouse. Lembrou, finalmente, que a participação da Nuclep é de apenas 10 por cento nos custos de uma usina, uma vez que as obras civis e montagem representam 50 por cento.

Quebra do acordo poderá levar cartel à falência

A economista Maria da Conceição Tavares disse ontem, no Rio, durante um debate sobre a crise nacional, realizado na Associação Scholem Aleichem, que "o cartel elétrico mundial, assim como o Chase Manhatam e o Citycom, podem ir à falência se o Brasil capotar, ou pelo menos ficar bichado". Isto porque, segundo a economista, "o Brasil é o 7.º mercado do mundo, do ponto de vista do capitalismo mundial, e os grupos que representam este capitalismo no Brasil dependem desta plataforma de expansão — uma das poucas". Esses grupos têm 20 por cento de seus lucros a custo de operações no Brasil".

— O cartel elétrico mundial, que tem no momento o seu maior negócio no Brasil, está na seguinte posição: ou continua a situação de energia elétrica no Brasil, ou simplesmente, como ele não tem poder igual na União Soviética — país com programa de energia semelhante ao nosso —, não tem mercado nem lucro, porque ninguém vai fazer programa de energia em cima de suas costas, acentuou Conceição Tavares.

"Facistóide"

Sobre a política de Delfim, Conceição afirmou que o ministro criará a ilusão de que está fazendo coisa nova mas na realidade está consertando os desastres que provocou quando era ministro da Fazenda. "Do jeito que as coisas vão, pode retornar coro das vozes raivosas, e vamos verificar os aspectos fascistóides ressurgirem procurando comunistas e bodes expiatórios para a crise debaixo da mesa".

"Delfim criará um revertério das expectativas até o final do ano. Tirará muitos coelhos da cartola, mas os coelhos não terão cores homogêneas, e algumas cores não agradarão a certos setores", sentenciou a economista.

Quanto à notícia de que o governo iniciará a privatização dos seus latifúndios, Conceição questiona: "O governo não é o maior latifundiário do Brasil, é sim a maior fonte de grilagem: e outra coisa é que as terras do governo não são mepeadas." Devido a esses dois fatores Conceição não crê na possibilidade da privatização das terras achando-a difícil.

No entendimento de Conceição, Delfim também não está preocupado com os 40 milhões de pobres rurais do Nordeste. "Para ele só interessa atender as populações rurais do Sudeste e do Centro-Sul." Conceição Tavares explica por que Delfim não se interessará pelo Nordeste: "Eles não têm como produzir para si, quanto mais para exportar."

Cientista critica Maluf: "um curioso com muita fé"

RIBEIRÃO PRETO — O entusiasmo do Governo paulista para encontrar petróleo é até "meio curioso", pois se baseia apenas num ato de fé e não em informações científicas. A observação foi feita pelo físico José Goldemberg, presidente em exercício da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), durante conferência que pronunciou em Ribeirão Preto, na III Semana de Estudos da Realidade Brasileira, promovida pela Câmara Municipal.

Goldemberg disse que "seria ótimo achar petróleo em São Paulo, pois esse é um problema que nos preocupa muito", mas não se mostra muito convencido dessa possibilidade, embora, segundo disse, não queira ironizar o governador Paulo Salim Maluf, porque também participa "desse ato de fé".

José Goldemberg confirmou ter recebido convite do ministro Delfim Netto para presidir a Comissão Nacional de Pesquisas, não aceitando face a outras prioridades. Achou interessante o convite pelo aspecto de "quebrar o degelo" nas relações entre Governo e cientistas.

Sindicatos divulgam nota de apoio à Petrobrás

Os dirigentes sindicais do petróleo, reunidos, ontem, no Rio, divulgaram nota denunciando manobras lideradas pelo governador Paulo Maluf, de São Paulo, contra a Petrobrás. O documento, sob o título de *Petrobrás. Conquista do Povo Brasileiro*, é o seguinte, na íntegra:

Neste grave momento que a Nação atravessa, um assunto que nos chama atenção é o ataque calunioso e sistemático que sofre a *Petrobrás*, por parte de alguns "brasileiros", conhecidos aves de rapina a serviço das multinacionais.

Agora é o governador biônico do Estado de São Paulo, Paulo Salim Maluf, que com seu egocentrismo e necessidade de permanecer nas manchetes, endossado por certa imprensa brasileira, mancomunada no mesmo objetivo, ataca de maneira voraz, criminosa e antipatriótica o monopólio estatal do petróleo.

Esquece esse cidadão que a *Petrobrás* é intocável, pela vontade soberana de um povo, e que é uma conquista da luta de verdadeiros brasileiros.

Os dirigentes sindicais do petróleo, reunidos no Rio de Janeiro, repudiam todo e qualquer ataque que vem sendo feito à *Petrobrás*, pelo que, estão dispostos a fazer prevalecer sua intocabilidade, evitando que aconteça com nossa empresa, o que desgraçadamente já aconteceu com nossa indústria química-farmacêutica, automobilística, médico-hospitalar e, também, alimentar, todas controladas por empresas multinacionais, exploradoras do povo brasileiro.

Precisamos dar um basta a tudo isso e comecemos por defender um dos maiores patrimônios do povo brasileiro, que é a *Petrobrás*.

Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1979

(Ass:) Sindipetro — Manaus, — Fortaleza, — Bahia, — Minas Gerais, — Rio de Janeiro, — Duque de Caxias/RJ, — Cubatão/SP, — Mauá/SP, — Campinas e Paulínea/SP, — Paraná, — Porto Alegre, Canoas e Osório, S. T. I. Extração — Pará, Amazonas, Maranhão, — Alagoas, Sergipe e — Bahia. Sindiquímica — Bahia e — Duque de Caxias/RJ e S. T. C. de Minérios e Derivados do Petróleo/RJ.

CPI quer documentos da Nuclen em sessão aberta

BRASÍLIA — O presidente da CPI Nuclear, senador Itamar Franco (MDB-MG), vai porpor que a reunião convocada para a próxima quarta-feira, a fim de tomar conhecimento dos documentos do acordo de acionistas entre a Nuclen e a KWU, seja pública e não secreta, como ficou definido através de acordo mantido entre as liderança do MDB e Arena no Senado.

Os outros senadores do MDB que integram a CPI, Roberto Saturnino e Dirceu Cardoso, concordam com a decisão do presidente da Comissão. Para Dirceu Cardoso, como "o acordo envolve questão de soberania nacional é necessário que a opinião pública tome conhecimento da documentação". Segundo Itamar Franco, não pode existir documentos secretos no Congresso Nacional, uma vez que este poder exerce, essencialmente, uma função de fiscalizador dos atos do Executivo.

O presidente da CPI disse ainda que, antes da reunião de quarta-feira, o presidente do Congresso, senador Luiz Vianna Filho, precisa responder ao ofício que lhe foi encaminhado, dia 27 de junho deste ano, quando a CPI pediu providências no sentido de que a relação de documentos solicitada aos órgãos do Governo fosse imediatamente remetida ao Congresso Nacional. Dos sete ofícios enviados ao Ministério das Minas e Energia, Eletrobrás e Furnas, apenas esses dois últimos foram atendidos.

Ao ministro César Cals, das Minas e Energia, a CPI solicitou cópia da correspondência de autoridades americanas relacionada com as negociações entre o Brasil e Estados Unidos, a respeito de compra de reatores e transferência de tecnologia, efetuada antes de ser efetivado o acordo nuclear Brasil—Alemanha; cópia do acordo entre acionistas, assinado pela KWU e Nuclebrás; cópia do protocolo de cooperação industrial firmado em 27 de junho de 1975, entre o Brasil e Alemanha, e o acordo de Brasília, acordo de aconistas, da Nuclei, partes aditivas ao acordo de acionistas e diretrizes específicas para a execução do Acordo Nuclear.

Engenheiro quer opinião do povo na decisão sobre obras

Aproveitamento integrado dos recursos hídricos é um termo freqüentemente usado nos planos e diretrizes de cada nova gestão governamental. Daí a sua concretização, no entanto, anos e anos já se passaram sem que fosse dado um único passo para o estudo sério do problema, e sem que as comunidades diretamente interessadas, ou seja, a população que habita os vales hidrográficos, fosse ouvida na hora de se optar por um ou outro projeto de aproveitamento dos rios.

Apenas uma voz isolada se levantou durante o III Simpósio Brasileiro de Hidrologia, realizado na semana passada em Brasília, para denunciar a omissão crônica dos órgãos governamentais com relação a este assunto. Foi a do engenheiro e professor de Hidrologia da PUC, Cláudio Simões Barbosa, o único a apresentar trabalho sobre planejamento integrado de recursos hídricos, e a criticar duramente a marginalização da comunidade na elaboração de projetos atualmente em andamento do DNAEE — Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica.

Cláudio Barbosa: o governo é omisso

CENTRALIZAÇÃO

A próxima etapa das atividades da Associação Brasileira de Hidrologia e Recursos Hídricos, criada em 77 e da qual o professor Cláudio Barbosa é membro junto com cerca de 400 hidrologistas, poderá ser a criação de um Conselho Consultivo, com o objetivo de encaminhar ao governo sugestões em sua área de atuação e mesmo denúncias contra projetos mal concebidos. Existem, porém, limitações internas a começar pela própria diretoria escolhida no último simpósio: sem entrar no mérito do valor profissional de seus integrantes, aliás bastante conceituados em sua área, estes são elementos vinculados, em sua maioria, a órgãos e empresas subordinadas ao governo.

A política de aproveitamento de recursos hídricos no Brasil está, segundo o engenheiro Cláudio Barbosa, centralizada demais em torno do Ministério das Minas e Energia, e principalmente em torno da Eletrobrás. E no entanto a energia elétrica é apenas uma das muitas formas de aproveitamento dos recursos hídricos, como a navegação interior, o abastecimento urbano e rural, a pesca e a recreação. Isto sem falar na utilização para o combate às inundações, controle de qualidade e contra erosão. Embora todas essas aplicações envolvam pelo menos quatro órgãos diferentes, tanto federais quanto estaduais, a Eletrobrás polariza praticamente todo o poder de decisão quanto ao aproveitamento do recurso água no Brasil.

No que tange à participação popular na elaboração dos projetos, Barbosa citou um exemplo bastante representativo. No projeto sobre aproveitamento múltiplo do Rio Paraíba do Sul, em elaboração no DNAEE, os únicos representantes da comunidade servida pelo Rio são os prefeitos, e mesmo assim sem direito a voto. "No momento em que os poderes da sociedade civil passarem de objeto a sujeito do Estado — afirmou — aí estará aberto o caminho para um planejamento nacional sério".

PATRIMÔNIO

Como todo profissional consciente de seus compromissos com a sociedade, e que apreendeu dos livros a premissa fundamental do que a água como recurso natural é parte integrante do patromônio nacional, Cláudio Simões Barbosa faz questão de denunciar, como fez o ano passado no I Congresso Interno da PUC, a "tecnocracia arrogante que sobe no pedestral da prepotência imaginando que a posse de qualificações universitárias pagas com o sacrifício da comunidade outorga-lhe o dom da verdade absoluta para decidir o que bem entender".

Lembrando a força com que a opinião pública se impôs em países desenvolvidos, no que tange a qualquer obra pública a ser executada, Cláudio Barbosa traçou um paralelo com o Brasil, onde ainda se vê projetos como o da Transamazônica, onde segundo informação do senador Evandro Carreira, mais de 100 quilômetros serão inundados no trecho paraense pela represa da hidrelétrica de Tucuruí e como o da ferrovia de Carajás, "cuja construção foi recomendada por duvidosa consultoria realizada por um consórcio multinacional, e dificilmente será utilizada pois o caminho natural mais econômico será o fluvial".

— O caráter dinâmico ou dialético do planejamento — concluiu Barbosa — que só pode ser concebido como um processo contínuo e permanente de revisão periódica e constante, não pode ser garantido por um continuísmo administrativo de um poder elitista. Por tratar-se de um problema de consciência, a execução e a vigilância do Plano são tarefas coletivas, e jamais serão bem sucedidas enquanto o Estado estiver isolado da sociedade.

JOÃO PINHEIRO NETO

Exportações: recorde no mês

SUELY CALDAS, para a GAZETA MERCANTIL, informa o resultado das exportações

A receita cambial com exportação em julho último bateu o recorde dos últimos anos, somando um total de US$ 1,42 bilhão, ... 21% superior à média mensal deste ano, segundo dados estatísticos divulgados ontem pela Cacex. Até julho, o total exportado atingiu, portanto, US$ 8,22 bilhões.

Apesar disso, a balança comercial em julho deverá fechar em deficit, porque as importações foram muito elevadas, segundo revelou há alguns dias o diretor da Cacex, Benedito Moreira. O Ministério da Fazenda informava que os dados de importação referentes a julho chegarão hoje às mãos do Ministro da Fazenda e só então serão divulgados.

O crescimento da receita cambial em julho foi conseqüência não só do aumento das vendas de produtos industrializados — que atingiram também o nível recorde de US$ 774 milhões — mas também do aumento das exportações de produtos básicos, alimentado pela dinamização dos embarques de produtos agrícolas, cujas colheitas começam no final do primeiro semestre.

O crescimento da receita com os produtos básicos foi provado principalmente pelo aumento da receita com o café cru embarcado em julho, refletindo a melhoria dos preços do produto no mercado internacional no período que sucedeu à geada no Brasil. A vendas de café cru em julho somaram US$ 206 milhões, enquanto a média mensal até então era de US$ 120 milhões. Também contribuíram para os US$ 642 milhões apurados em julho com os produtos básicos o cacau em amêndoas, farelo e torta de soja, fumo em folhas e minério de ferro. Cresceram ainda as exportações de banana, camarão, carne de frango, castanha-do-Pará, lagosta e melaço, enquanto se vêm reduzindo as de carne de boi, lã e pimenta em grão, além de algodão em rama, arroz e milho, cujas vendas são apenas simbólicas.

Os produtos industrializados renderam em julho uma receita de US$ 774 milhões, alcançando um resultado 30% superior à média anual. Apoiados pelos bons preços no mercado internacional, os produtos semimanufaturados vêm obtendo performances este ano e até julho sua receita cresceu 54,5% em relação à do ano passado. Além do óleo de soja, cuja receita representa 40% do total dos semimanufaturados, também contribuíram para o aumento dos semi-industrializados os produtos siderúrgicos, manteiga e pasta de cacau, óleo vegetais, pasta para fabricação de papel e peles e couros preparados e curtidos, cujo preço cresceu 54% do ano passado para cá.

Nos sete primeiros meses do ano, os manufaturados aumentaram 32% a sua receita cambial, refletindo o bom desempenho dos calçados, produtos siderúrgicos, suco de laranja, alguns têxteis e máquinas, caldeiras e instrumentos mecânicos e do item "material de transporte". Para este último item, cujas vendas renderam US$ 591 milhões até julho, a indústria automobilística contribuiu com US$ 416 milhões; embarcações marítimas, com US$ 133 milhões e aviões, com US$ 28 milhões.

Pobreza em São Paulo

A repórter Belisa Contino analisa importantes resultados da PNAD:

São Paulo — o Estado mais rico do País — ainda apresenta todos os sintomas que podem caracterizar o subdesenvolvimento. A PNAD/1977 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE, com últimos dados oficiais disponíveis) revela pobreza — 54,8% das pessoas ocupadas que recebem rendimentos do trabalho ganham menos de dois salários-mínimos; analfabeto — 16,9% da população acima da idade escolar; e condições de trabalho insatisfatórias; além de o desemprego aberto atingir 2,6% da população economicamente ativa, 28% das pessoas ocupadas trabalham mais de 8 horas por dia e mais de 2 milhões de empregados não possuem carteira profissional assinada pelo empregador.

A divisão da população ocupa com rendimentos por faixas salariais em relação ao salário-mínimo mostra que recebe menos de um salário 21% do total. A faixa que recebe entre 2 a 5 salários-mínimos abrange 30,7% da população ocupada. Os que ganham entre 5 a 10 salários são apenas 9,1%. E as camadas de renda mais alta registram a percentagem de 3,7% para os que recebem entre 10 e 20 salários. E apenas 1,4% para os que ganham acima de 20 salários-mínimos (114 043 pessoas em todo o estado).

Os desempregados eram, em 1977, 243.045, a maioria homens residentes nas cidades, com 18 a 29 anos, e procurando trabalho há mais de 2 meses. Registraram-se ainda na PNAD 257.005 pessoas (2,8% do total de ocupados) trabalhando sem receber qualquer espécie de rendimento e uma taxa ainda baixa — embora superior à das demais regiões — de atividade econômica: apenas ... 53,6% da população acima de 10 anos é economicamente ativa. Entre a população não ativa, a maioria absoluta é de mulheres, que registram como causa da inatividade a ocupação em afazeres domésticos (mais de 3 milhões e 600 mil).

A divisão da população por atividade econômica mostra que a indústria de transformação ocupa a maior parte da população (29,2%), seguida pelo setor de serviços (19,6%), agricultura (14,8%, taxa alta para uma população rural de apenas 12,8% do total), comércio (10,5%) e construção civil (7,3%). O trabalho autônomo (onde se inclui também o subemprego, segundo os próprios técnicos do IBGE) ocupa 13,2% da população.

NOTAS

Partindo do pressuposto de que é ilógico ocupar solo altamente produtivo com a pecuária, a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), que de início incentivou aquela atividade — no papel pioneiro de implantar empresas que demonstrariam a viabilidade econômica da região — está agora concedendo prioridade aos projetos agrícolas e de colonização. Como resultado de sua política inicial a Volkswagen e o grupo Pão de Açúcar fizeram grandes investimentos em pecuária, que de qualquer forma, além de ser uma atividade economicamente útil, é ainda adequada, dado o espaço relativamente pequeno que ocupa. A SUDAM aprovou ao todo 350 projetos agropecuários, onde o total de cabeças de gado atingirá centenas de milhares em poucos anos. No entanto a área assim ocupada não chega a representar 1 por cento da Amazônia.

Terminou ontem dia 30 o prazo para que as empresas se beneficiem do desconto de 60 por cento sobre multas e correção monetária dos débitos para com a Previdência Social. A partir de 1º de setembro — hoje — mudará o esquema de fiscalização, sendo emitidas fichas de contacorrentes de empresas de pequeno e médio porte — mais de 100 empregados — que continuem em débito. Só a partir de outubro a fiscalização atingirá empresas de maior porte.

As instituições financeiras Itaú aumentaram suas participações de 8,28 por cento para 8,79 por cento no ano passado, conforme recente informação do grupo que, no mesmo período, obteve uma liderança nacional na colocação de títulos de renda fixa. O Banco Itaú, por exemplo, elevou os depósitos para Cr$ 29,3 bilhões, isto é, mais 49,5 por cento.

Durante o mês de agosto, o I Simpósio de Produtos Galvanizados promovido pelo Consider, entre outros órgãos discutiu a necessidade daqueles recursos contra a corrosão que mais estimulado para atender ao consumidor nacional, que ainda não sabe explorar suas possibilidades, devido, principalmente à falha de informações técnicas sobre o processo.

No foco de Rogério Ehrlich.

Festinha para Reinaldo Loy

Reinaldo Loy, no momento fatal do bolo

ENTRE as muitas homenagens que o colunista Reinaldo Loy recebeu pela passagem de seu aniversário, a mais badalada foi a que Yone de Almeida ofereceu com um grande jantar para 250 pessoas em sua residência na Vieira Souto. Antes das devidas comidinhas, todas assistiram em duas televisões, a peça escrita pelo aniversariante (Deu Porco na Cabeça) apresentada em Aplauso que é um dos especiais da Globo. Aplaudida por todos, o autor declarou que a censura havia sido muito severa, cortando várias cenas da peça. Ao jantar, tudo que havia de direito estava à mesa para os apetites mais variados. O grande momento foi a hora do bolo, que tinha o formato de uma cabeça e Reinaldo com uma faca, tomou a devida posição após os parabéns para partir o bolinho e eis que não passava de uma bola com coberturas de cremes e outras coisitas do gênero culinário. As sobremesas completavam a fartura da mesa acompanhada por todo o tempo com muita Moet-Chandon. Uma festa maravilhosa, para aquele gordinho que muitos gostam e outros odeiam.

O casal Armisa e Carlos Montenegro

Babete de Freitas, a anfitriã Yone de Almeida e Lucy Sá Peixoto

Os colunistas, Sergio Cavalcanti e Teté Nahas

Celia Gonçalves Maria e Edith Magalhães Castro

Tereza Lamarca e Tulio Araripe

Paulo e sra. Tania Branco

Ilka Bambirra, Solange Ribemboim e Iracema Mascarenhas

Ruy de Freitas e a Consulesa da Grécia Autoria Doukas

Lançaram a Pantera Nua no Privé

Silvinha Fraga e Evelina Chamma

Para comemorar o lançamento do seu novo filme (A PANTERA NUA) o produtor Luís Miranda Reis, reuniu um grande grupo no Privé. Registrando o fato nas fotos, entre muitos estavam também:

Sidnei Régis e Marcelo

Luís Miranda Reis e Rossana Ghessa

Aniversário de Tatiana e Carla Pádua

Ambas do signo de Virgem, ambas muito bonitas, são elas Carla Pádua e sua filha Tatiana. Toda as duas comemoraram seus aniversários esta semana, a de Carla, este jornalista ofereceu uma festinha na terça-feira, no LE CHAT NOIR, onde compareceram cerca de 40 amigos que foram dar um beijinho para esta linda pessoa. Entre os que por lá circularam estavam; Eduardo Conde, Sônia Regina, Monique Evans e Hélio Eduardo, Mauro Taubman, Gisela Porto, Claudinho Segtovich, Jorginho Guinle, Fernando Bruni e Galdino, Maria Luiza, Serginho Malandro, Liginha Duran e Paulinho Teixeira, entre muitos outros. Já na quinta-feira, foi a vez de Tatiana comemorar com seus amiguinhos e o local foi o Tivoli Park. Adorando todos os brinquedos, e sem parar nem pra tomar fôlego, papais, mamães e filhinhos, andaram em tudo que tinham direito. O tema da festinha era Mulher Maravilha, e todos os arranjos foram feitos neste esquema, desde o bolo, pratinhos e as crianças até ganharam uma tiara da Mulher Maravilha. Tatiana, que completou 7 anos, promete herdar tudo de maravilhoso que tem sua linda mãe.

Tatiana e Carla Pádua

Eduardo Conde e o pequenino Bernardo

A bruxa voou no Marapendi fim de semana

Aconteceu no último fim-de-semana, o 6° Campeonato Americano de Saltos para a categoria júnior no Clube Marapendi, aqui no Rio. Parecia até que a bruxa estava solta, pois o público que por lá lotava as arquibancadas, presenciou momentos de falta de sorte pela equipe brasileira que era considerada a grande favorita, seguida pelas equipes da Argentina e Venezuela. No campeonato de equipes, a Argentina obteve o 1° lugar, seguido pela equipe brasileira como vice-campeã. Já nas provas individuais, que foram divididas em duas etapas, os que possuíam grandes chances no domingo (2a. etapa), eram apenas seis cavaleiros que haviam conseguido zero ponto perdido na sexta-feira. Marcelo Blessman e Paula Padilha, do Brasil, Guido Sztyrle e Hector Alvaro, da Argentina, Carolina Godoy, da Venezuela e Pablo Drápela, do Chile. Foi então que aconteceu o que ninguém esperava, quando Paulinha Padilha ao pular o obstáculo montando Don Luis, o cavalo refugou por três vezes, sendo assim desclassificada da prova. Outro momento triste, aconteceu com Marcelo Blessman montando Genesis, que ao faltar dois obstáculos para vencer a prova, tornando-se campeão do torneio, arrebentou a sela, caindo ao chão. Ainda assim, Marcelo tentou continuar o percurso montando a pêlo, mas não conseguiu acalmar o animal, e acenou com o chapéu para o júri, indicando que abandonaria a prova. Com esta série de imprevistos, Carolina Godoy, da Venezuela, conseguiu o primeiro lugar, ficando em segundo, o chileno Pablo Drápela. Foi um dia muito triste para toda a torcida que, presente ao Marapendi, contava com a vitória do Brasil neste torneio, pois sabemos que temos excelentes cavalos e ótimos cavaleiros de nível internacional como pudemos presenciar no desenvolvimento deste campeonato.

O triste momento em que Marcelo Blessman abandona a pista trazendo Genesis

Clicks • Clicks • Clicks • Clicks

◆ **No próximo dia 5, Angelo de Aquino estará lançando seu álbum "Reflexões", na Gravura Brasileira no Shopping Cassino Atlântico.**

◆ **A artista plástica Dorée Camargo colaborando com a barraca de São Paulo para a Feira da Previdência, oferecendo um dos seus últimos trabalhos premiados.**

◆ **Paulinho Vianna** recebeu **cerca de 150 amigos em sua residência na Lagoa para uns queijos e vinhos, comemorando mais um aniversário. Circularam: Luciana Ribemboim, a família Andrade Ramos, Antônia Mayrink Veiga, as irmãs Lucinha e Leninha Amorim, Ivan Monteiro, Cláudia Levinsohn, Viviane Vasconcellos e Antenor Mayrink Veiga, Suzana e Fernando Sterea, Ana Luiza Ornellas, que também aniversariava na noite, acompanhada de seu namorado Júlio Avelar, Bebel Avelar e César Atherino, Bernardo Gouthier, Christiana Malta e Rick Berger, Márcia Lebelson e Aloísio Neves, para citar apenas alguns.**

◆ **No próximo dia 4,** o **Crocodillus está convidando para o lançamento de seu primeiro disco. As reservas para esta noite deverão ser feitas na própria boate.**

◆ **Os empregados do Tivoli** Park, não possuem a mínima educação e não têm nenhuma paciência com as crianças que para lá se dirigem a fim de se divertir. Aos pais, todo o cuidado ao irem a este parque.

◆ **Nesta segunda-feira, Roberto Miliost,** que apresenta um programa diariamente na TV-Bandeirantes, às 13.15 horas, estará entrevistando Sivuca Malta que irá falar do sucesso da Point Show Produções.

◆ **O cabeleireiro Claude**, embarcou ontem para uma temporada de 2 meses na Europa.

◆ **Neste dia 5, sobem ao altar Paula Rodrigues dos Santos e Feliciano Junqueira,** na Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Após os cumprimentos, os noivos receberão os convidados no Jóquei Clube Brasileiro.

◆ **O casal Celina Maria Pessoa** e **Roberto Oliveira**, que se casam no próximo dia 14, avisam que pela **incompetência da parte administrativa do Gávea Golf Club,** a recepção para os convidados, será transferida para o Clube Caiçaras. Esclarecendo: os responsáveis (?) por esta parte no Gávea, marcaram para o mesmo dia e na mesma hora, um coquetel. E agora, poucos dias do casamento, após os convites terem sido todos entregues, não sabiam justificar o erro e estavam tentando transferir a recepção de um casamento para 700 pessoas para outro lugar. Por não querer esperar novas decepções por parte dos responsáveis (?), a própria noiva se viu obrigada a correr com todos os preparativos para outro local. Felizmente, tudo está se encaixando novamente e para os que adoram uma festinha, terá como novo local o Clube Caiçaras na Lagoa Rodrigo de Freitas. Aqui entre nós: já pensou ligar para todos os convidados e participar o novo local. **É um simples caso de acionar os responsáveis (?) por este grande erro.**

◆ **Fernando Sterea embarcou** ontem, à noite, para uma temporada de 20 dias de trabalho na Europa e Nova Iorque.

◆ **O 1° TORNEIO DE PELADA FEMININO** já tem sua data confirmada para os dias 22 e 23 deste mês. Terá o patrocínio da COMPANY, POINT SHOW, LE CHAT NOIR e INTERVIEW. Toda a organização deste evento, terá a assinatura deste colunista/fotógrafo.

◆ **Vem aí, ALBUM DE FOTOGRAFIAS.**

Claudinha Amado, uma das lindas da nossa sociedade carioca, marcando presença nesta coluna de sábado, fotografada por R.E. no novo studio deste colunista.

Jamie no Atlântico Sul

Apresentando seu novo salão no Atlântico Sul, Jamie condidou os amigos para um coquetel-souper esta semana. Manequins, figuras de nossa sociedade, artistas, faziam os grupos desta noite.

Os irmãos Luís e Vera Hime

O sorriso alegre de Jamie

Fernanda Bruni

Verinha Bocayuva

O vendedor Daniel Sabá

Manoel Lamarca e Elsinha Braga

Suzete Dourado e Maria Ranguel de Carvalho

Pelé e Patricia Martins

ENTREVISTA COM ISAURA DE ASSIS

Show de Música, dança e Canto Afro-brasileiro

COELI RIBEIRO

"OLURUM BABA MIN", *show* de música, dança e canto afro-brasileiro, está-se apresendo no Teatro Dulcina, diariamente às 21 horas e também no sábado e domingo às 18 horas. O espetáculo tem a direção e coreografia da professora Isaura de Assis e o patrocinio do Serviço Nacional de Teatro — SEAC, órgão do MEC.

O programa apresenta aspectos e fatos histórico-culturais do negro brasileiro e o aperfeiçoamento técnico da dança afro-moderno-brasileira. "Olorum Baba Min" alcança a fama merecida com o espetáculo que mostra na abertura — o despertar de uma raça (um ciclo de vida); na seqüência, A Diáspora; Quilombos; Guerra e Destruição; Novo Quilombo, Novo Líder, Kamoanga; e O Presente (nossos dias).

O grupo criado há cinco anos pela professora-bailarina Isaura de Assis está-se exibindo com sucesso dum trabalho gratificante. No elenco, o cantor Carlos Negreiros; Nella Martins, cantora-bailarina e Lincoln Santos, ator-bailarino. Bailarinos-solistas, Isaura de Assis, Edson Fhaar, Jurandir Palma, Eulália e Lúcia Santos. Corpo de baile, Bete, Kaliopi, Dandi e outros. Músicos, Caboclinho, Luisão, Jorge, Bento e Antônio Krismas. Textos e coordenação musical de Carlos Negreiros; figurinos de Altina e Isaura de Assis; contra-régra Ruth, Nely e Léa. Coreografia de Isaura, Gilberto e Jurandir Palma.

No domingo (26) o teatro estava apinhado. Completando a lotação, lá estava Joãozinho Trinta da Beija-Flor que fretara um ônibus para mais de 40 pessoas assistirem ao espetáculo. No final, alguns comentários foram anotados: "Não é possivel que o *show* de dança, canto e música que tem como título "Olorum Baba Min" (significa Deus meu pai) seja rejeitado num país essencialmente cristão, só porque as pessoas têm preconceito ou desconhecem o real valor desta cultura. Como tudo que é afro as pessoas têm arraigada idéia de primitivismo, ou seja, coisa primária, este *show* que é uma aula de cultura (daquelas que faltam nos bancos escolares), bem que poderia ser mais difundido e por conseqüência, permanecer por mais algum tempo em cartaz."

"Criou-se um preconceito quanto à arte negra e um espírito negativo leva as pessoas a acusá-la de simplista ou superficial. A cultura negra no Brasil só é vista como folclore, enquanto os valores europeus são os que contam."

"A injustiça que está sendo feita ao negro brasileiro coloca em xeque certos valores da civilização. Argumentar favoravelmente à posição do negro brasileiro na preservação de suas raízes é a certeza de um ato de inteligência. "Olorum Baba Min" é harmônico, rítmico, informal e culturalmente responsável."

"Quando se assiste a um espetáculo como este é que se tem a consciência da falta de integração cultural branca/negra e o desconhecimento da maioria negra do país."

"Descaracterizou-se a dança, os movimentos afros e deu-se-lhe a denominação de discoteque. É claro que a dança afro é pura, é arte, e descomprometimento com a alienação. Na discoteque, em meio a tudo que prostitui o ser humano, a dança e o ritmo afro são apresentados de maneira diferente e com características de consumismo."

Isaura de Assis, Edson Fhaar, Emilio.

É provável que com esses depoimentos isolados, o grupo venha a ser apreciado pelos que o desconhecem. Ele não pretende ser efêmero. Começa a se articular com um apelo a todos para uma consciência mais irmã. Afinal, o grupo mostra a evolução de uma cultura até os nossos dias. Assisti-los é atualizar-se culturalmente. Uma consciência de base não permite cultura estática. Há que se admitir o óbvio sem concessões; consciente acima de tudo numa demonstração de que não é nem atrasado nem indiferente e sim desinformado. Quem já viu a apresentação afirma que beleza rítmica sem extravagância, riqueza de movimentos, harmonia e autenticidade na apresentação é a tônica dessa equipe.

Subsidiando os comentários, falou a professora Isaura de Assis:

Como você conseguiu se apresentar neste teatro?

Foi um custo conseguir; um ano de batalha para convencer o Serviço Nacional de Teatro que a academia era de dança e não folclore por ter uma criação artística; interpreta-se uma cultura. Celso Cardoso do SNT, tem-nos ajudado muito e está fazendo tudo para o espetáculo continuar. Dentro do possível e da verba que ele tem, não podemos reclamar. Antes estava em cartaz aqui "O companheiro querido". O teatro ia entrar em obra. "Maria Maria" está num teatro do governo e tem ajuda da FUNTERJ, e a nós nos deram o mínimo que eles têm. Graças ao Carlos Negreiros tivemos uma ajuda-de-custo e fomos a São Paulo e é só.

O show é subvencionado?

Não. Tenho cinco anos de luta, esforço e dedicação. Ensaio num espaço de 6x3 — o que exige muita cuca. Mas existe um princípio legal latino "ultra posse nemo obligatur" (ninguém é obrigado a agir além daquilo que pode fazer). Estou fazendo o que posso com muita garra pelas nossas raízes.

Quem frequenta a sua academia de dança?

Tenho uma minoria inteligente e sensível que frequenta. As pessoas só querem ginástica e mistificação. O mexa-se (e não apenas) todo mundo quer. Na minha escola tem que ter beleza no movimento; a coisa é psicosomática. A maioria das academias são de força e movimento. Nada se cria (não há fiscalização).

A que você atribui esse comportamento?

O Brasil fora do continente africano é o que mais guarda a cultura negra. Sendo aqui a cultura européia a cultura oficial, as autoridades não têm interesse na cultura afro-brasileira. As escolas não ensinam nada a respeito, a televisão quando mostra o negro tem que ser numa cabana, tem que ter uma tocha, medo, fantástico. Por isso as pessoas têm dificuldade em ver o meu espetáculo porque têm uma imagem torcida da realidade negra.

Como está sendo divulgado o espetáculo?

O SNT colocou um tijolinho; cada um de nós e por intermédio de amigos. O público não aceita arte negra; só se for do Senegal porque é estrangeira. Tenho uma certa mágoa de escolas de dança e jornalistas aos quais mandei convites e aqui não apareceram nem para falar mal. Nossa dança é fruto da consciência racial. Sei que estou sozinha neste barco mas não vou parar de remar, mesmo sabendo que arte é privilégio no Brasil e que as academias estão cheias — mas de brancos.

A que você atribui essa falta de informação tão importante?

O problema é oficial. O negro foi descaracterizado desde a colonização e por isso as pessoas não querem nem assumir a sua negritude. Branco aqui só estrangeiro ou filho de. As vezes você descobre que um branco é negro no dia do enterro de uma pessoa da familia porque o negro lá comparece para chorar. Aí, sabe-se que é patente. O negro veio para cá trazido de vários países, sabendo arar, cultivar a terra. Mas só foi mostrado como escravo e do escravo; porque não era o branco que metia a chibata mas o escravo escolhido para bater. Daí esse medo horrível de assumir a sua raça.

Qual a semelhança das discoteques com a cultura africana?

Todos os movimentos de discoteque são afros. Todos aceitam como se fosse de cultura européia. Não aceitam como afros e ainda perguntam o que é afro.

Como você reage a expressão: "Negro" metido a branco?

Quando se tem instrução acham que é branco. Negro culto agride. Eles não querem conviver com preto culto. A classe média é pior. A rica tolera porque tem esperança do negro não chegar lá. Coloque um branco na favela e dirão branco que parece "nego".

Explique a acomodação ou subserviência do negro relativamente à sua arte.

Nem um nem outro e sim falta de esclarecimento. Ele só escuta cultura ocidental. Nega-se os valores da cultura afro-brasileira. A história afro é envolvente em sua cultura de base; asfixiante pela desinformação. Não há cadeiras específicas contando as verdadeiras razões do negro trazido para cá.

COLUNÃO

REYNALDO LOY

A graça de moça é a Lynn-Holly Johnson estrela do filme CASTELOS DE GELO que começa nos cinemas na próxima segunda-feira. Um filme suave e bonito. (Foto: Columbia Pictures).

Coisitas:

★ As pessoas estão vivendo em função do feriado com fim-de-semana longo e que promete ser dos mais divertidos. Muita gente já começou a fazer promessas, pedindo aos santos que não chova. Angra dos Reis é o local mais cotado no presente momento. A casa de Irene Magalhães já está com a lotação super-esgotada. A dos Monteiro de Carvalho com convidados estrangeiros. A de Túlio e Nilda Araripe com um grupo pequeno, divertido e inteligente — até o pintor Aldemir Martins prometeu que se for possível, ele vem. Vamos aguardar. Os paulistas vão descer no Rio na base do enxame, eles mais parecem abelhas enlouquecidas em busca de divertimentos. Vamos esperar que eles venham mais civilizados do que as vezes anteriores.

Vamos aguardar o Dia da Independência. A cidade vai ficar mais alegre e colorida. Não esqueçam: para quem gosta de um bom programa, o desfile militar não deve ser esquecido. O Said Farhat está fazendo o possível para passar tal data no Rio, ele comentou: *"Não existe cidade mais engraçada!"* Concordo.

Uma senhora quando soube da possibilidade do casal Farhat pintar por esses lados, já começou a pensar em fazer um grande churrasco que deve ser servido logo depois do desfile militar para um grupo selecionado e bem VIP.

★ A Gilda Abilama está encantada com o Rio, ela não sabia que era tão querida, amada — ela está sendo festejada por gregos e troianos. Suas amigas é que sempre perguntam: *"E o seu marido quando é que nós vamos conhecer?"* Pouca gente sabe que o libanês Farouk Abilama conheceu a Gilda aqui, o pai dele, era o Embaixador do Líbano no Brasil — o casamento foi um acontecimento. Atualmente o Farouk é o Ministro da Defesa da Segurança do Líbano, ele não pode e não tem tempo de se ausentar de seu país. É por isso que ela vem sempre sozinha. Quanto a história do casamento dos dois, eu não posso contar nada, isso já aconteceu há muitos anos e eu ainda não era nascido, muitas amigas também. Não posso explicar os detalhes.

Gilda está feliz. Ela perguntou para sua irmã Moema: *"A turma do Rio não trabalha? Eles vivem nas boates até altas horas da madrugada durante a semana. Como é que eles fazem? Eu queria saber"*.

A Moema respondeu: *"Querias! Querias! É melhor não se meter nisso"*.

Gilda: *"Você é quem sabe"*.

★ Os amigos da Ilva de Oliveira andam muito preocupados, ela sumiu do mapa, ninguém sabe nem viu. O telefone dela chama, chama e não responde. Um verdadeiro mistério de Agatha Christie. Alguns amigos já pensando em contratar um detetive para descobrir onde foi parar tão querida e estimada amiga.

★ A Alice des Jenlis anda sem dormir, fazem alguns dias que ela aguarda a resposta do Jules Dassin para saber se ela vai trabalhar em seu filme ou não. Torço por Alice.

★ Anette Bergé amanhece no Galeão, ela volta de um giro ligeiro por Paris — foi tratar de assuntos para o Café des Arts do Meridien.

★ Uma mulher linda e de classe caminhando por Copacabana: Marta Raquel de Carvalho, estava olhando os objetos de um antiquário.

★ Mais uma história da Valéria Braga, ela chegou em seu PASSAT de cor estravagante e foi encontrar com amigos no Happy Hour. Ela entrou no meio da conversa, exatamente no pedaço em que falavam sobre uma peça do GOLDONI: MIRANDOLINA. Valéria perguntou alegre e contente: *"Vocês estão falando de quem? Eu não entendi: Mirando o quê?"* E eu posso?

★ O casal mais estranho e querido dessa cidade, sem a menor sombra de dúvidas, é o Ivan Freire Monteiro e a Noemi Cinzano. Eles brigam pra valer, se maltratam e só faltam agredir um ao outro. Depois de um certo tempo, eles fazem as pazes e saem alegres e abraçados. Tudo uma questão de clima.

★ A Marly Indio da Costa está de cama, caiu na piscina com forte ventania e saiu resfriada, quase com pneumonia. O doutor recomendou severo e rigoroso repouso.

★ A próxima atração do Concerto com as Estrelas vai ser o QUADRO CERVANTES. Dia 5 de setembro as 21 horas. Vão tocar os seguintes autores: Giacomo Gastoldi, Francesco Mancini, Orazzio Vecchi e mais e mais. Lúcia Barroca e Farida Issa cuidando de todos os detalhes.

★ A Conceição Gomes da Silva segue na segunda-feira para Londres, ela vai viver por lá, o seu inglês marcou a data do casamento para o final de setembro. Sua filha Suzana Sterea não vai poder comparecer. Conceição já entregou o apartamento da Lagoa e os móveis mandou colocar em um galpão. Ela vai firme e forte em busca de sua felicidade. Faço votos que ela consiga. Ela merece tudo de bom.

★ O Hotel Meridien convidando para o jantar de gala — Paul Bocuse — que marcará a reabertura do Restaurante Saint-Honoré, agora sob a supervisão do Grande Chefe Francês. Terça-feira próxima às 21 horas — *Black-tie*.

★ Celinha Azambuja comprou alguns macacões, desses que os funcionários dos postos de gasolina usam — não que ela queira desfilar tais peças — absolutamente. Servem apenas para o momento em que ela desce até a garagem de seu prédio, e começa a lavar os seus carros. Ela comentou: *"É o meu esporte predileto!"* Agora me digam: e eu posso?

★ O casamento de sua filha está deixando a Marlene Rodrigues dos Santos muito nervosa. Ela não atende mais as chamadas amigas. As pessoas ficam horas esperando, o empregado custa a entender o nome — volta depois de um tempo e responde: *"A senhora vai ter que chamar outra hora. Dona Marlene mandou dizer que está dormindo!"* Tal senhora ficou furiosa.

★ A Renata Deschamps é uma pessoa que eu gosto muito, ela me revelou um segredo: *"O Márcio Braga não tem nada a ver com o tal* show *de Eliana Pittman no casamento da Ângela e do Guido Maciel. Fizeram uma brincadeira de mal gosto com a cantora usando o nome do Márcio. Ele não pode pagar uma coisa que não contratou"*.

★ Josias e Heralda Cordeiro foram passar o fim-de-semana em São Paulo, voltam na manhã de segunda-feira. Heralda me disse: *"O Gallery é uma maravilha!"*

★ Por hoje é só.

★ Bom fim-de-semana.

MÚSICA POPULAR

Dicró, agora cidadão nilopolitano

RUBEM CONFETE

CARLOS ROBERTO DE OLIVEIRA (Dicró) era um pintor de parede, que há quinze anos vinha tentando a sorte nos meios musicais. Vivia, praticamente, de biscate no bairro da Chatuba, no município de Mesquita. Sua fama de repentista corria por toda baixada fluminense devido a sua rara presença de espírito. Ocorre que pelas próprias circunstâncias políticas da formação minoritária dominante daquela região, ele era relegado ao submundo e se estabeleceu na maioria periférica marginalizada. Ali tudo aconteceu. Uma vida incrível de subalimentação, falta de oportunidade de uma alfabetização corrente e, até, a muito comum perseguição policial. Aliás, a atuação policial junto à população, ainda, está por merecer um estudo da máxima profundidade. A invasão de barracos, a extração de pequenos valores e ínfimas quantias e a violência covarde e desnecessária, eram fatos comuns às retinas e ouvidos de Dicró.

Assim eu travei conhecimento com o partideiro repentista Carlos Roberto de Oliveira. Corria o ano de mil novecentos e setenta e seis. Por muitas vezes ele já tentara a sorte na indústria musical e, sempre, era podado na sua iniciativa. Naquele ano o rapaz da Chatuba conseguiu encaixar "Sonho de Besta" num long-play da Tapecar, entre vários autores (o chamado pau de sebo, uma das poucas maneiras de revelar sambistas, produto de alta vendagem e baixo custo industrial). O partido se destacou nas programações do gênero, principalmente, na *Rádio Globo*, no programa de Adelson Alves (líder de audiência na madrugada) e no programa de Zé Galego na *Rádio Roquette Pinto* (onde eu era membro do corpo de produtores). A música me despertou e travei diversos diálogos com o partideiro da baixada. A sua acidentada vida, provocava uma natural defesa e desconfiança de tudo e de todos que se acercavam. O seu comportamento tinha razão de ser pelas próprias circunstâncias e, além do mais o seu raciocínio era de uma rapidez assustadora. Aquele mundo agitado dos corredores e estúdios de emissoras radiofônicas causavam a maior confusão naquela cabeça acostumada ao permanente desafio da insegurança, fome e covardia.

Um dia fiquei sabendo, através do próprio, que a TAPE CAR programara um long-play onde o compositor receberia a quantia de três mil cruzeiros e cederia os direitos artísticos e autorais para a fábrica. Diante de tal injustiça e sabendo que o rapaz, somente, recebera trezentos cruzeiros de direitos de "Sonho de Besta", não vacilei e parti para um posicionamento justo do representante da baixada. Provoquei um encontro entre o moço, o divulgador da empresa (na ocasião) da Continental, Ernesto Martins e o comunicador José Galego. Ernesto se encarregou de levar o artista para fábrica onde trabalhava e segurou todas as barras que impediam o desenvolvimento da carreira de Dicró.

Agora a vida artística de Carlos Roberto se define. O seu segundo disco é o mais executado nas emissoras do Rio e o primeiro lugar está garantido, no presente momento, na tábua de vendagem. Tudo isto não mudou a posição social do rapaz, que continua residindo no bairo da Chatuba. Hoje ele já possui sua casa própria e o seu automóvel. É requisitado para as programações de rádio e televisão e os *shows* acontecem todos os finais de semanas nos clubes suburbanos e na baixada fluminense. Na semana passada conseguiu, até, tirar da prisão um primo que fora detido no município de Queimados, acusado, indevidamente, pela maldita polícia que fomenta o banditismo naquela populosa região. Este fato, apenas, ilustra o prestígio do cantor.

Dicró, hoje Cidadão Honorário de Nilópolis.

Na sexta-feira passada fui surpreendido com um convite de Ernesto Martins, agora gerente do complexo Continental Chantecler, para comparecer à Câmara Municipal de Nilópolis. Naquele recinto, precisamente, às dezenove horas assisti a entrega do diploma de Cidadão Honorário do Município de Nilópolis ao Carlos Roberto de Oliveira (Dicró). O nome do compositor foi sugerido pelo vereador Oswaldo de Melo e aprovado por unanimidade pelos pares daquela casa legislativa. "Antigamente eu era um indivíduo e a todo momento era preso. Hoje eu sou um cidadão diplomado e aplaudido pelos vereadores e demais autoridades de Nilópolis." Foi a máxima declaração de Dicró naquela sexta-feira, dia 17 de agosto.

O pagode que se seguiu na residência do vereador Oswaldo de Melo me abriu os sentidos para o desenvolvimento alcançado por Dicró. Bastante desembaraçado e consciente da sua posição profissional o rapaz apagou, inteiramente, o seu entrincheiramento psicológico e se ombreia a qualquer diálogo, não perdendo nenhuma oportunidade para improvisar os seus partidos. Ligado ao seu novo comportamento Dicró não esqueceu o seu passado e faz alusão a ele com absoluta consciência da realidade da maioria dominada da baixada fluminense.

Caiu invencibilidade européia do Flamengo

O Flamengo perdeu sua invencibilidade no último jogo que fez na Europa, sendo derrotado ontem, pelo Paris Saint Germain, por 3 a 1. O clube carioca começou ganhando por 1 a 0, gol marcado por Zico mas não resistiu à pressão do time francês no segundo tempo que conseguiu três tentos através de Fernandez, Bureau e Lemout. O Flamengo entrou em campo aplaudido e saiu vaiado porque seus jogadores não mostraram sentido de jogo coletivo.

O início foi muito bom para o Flamengo que tocando bola conseguia envolver a defesa do Paris que fazia marcação homem a homem. O zagueiro Huck marcava Júlio César à distância, enquanto Zico e Adílio, vindo de trás, dominavam num setor livre do campo e partiam com tabelinhas que deixavam os atacantes rubronegros em condições de arremate.

A partir dos 15 minutos, porém, o time do Flamengo começou a esnobar com vários jogadores fazendo firulas ao invés de simplificar as jogadas. O Paris Saint Germain jogou de contra-ataque e com isso começou a fazer perigar o gol de Cantareli porque Júnior e Manguito enfeitavam muito os lances e deixavam o clube parisiense manobrar livremente. O 1.º tempo, no entanto, terminou com a vantagem parcial do Flamengo que poderia até ter vencido por um placar maior, caso Cláudio Adão e Júlio César também não enfeitassem os lances finais. O gol do rubronegro foi conquistado logo aos 6 minutos, por intermédio de Zico, concluindo um passe de Adílio.

No 2.º tempo, só deu Paris Saint Germain. O time brasileiro começou a dar mostras de cansaço e os franceses passaram a atacar em massa. Aos 6 minutos, Júnior, tinha a bola dominada e quis fazer classe, Acabou perdendo e cometendo escanteio. Na cobrança, Fernandez finalizou e empatou.

O Flamengo então quis sustentar o empate mas era impossível conter o domínio do time local. Aos 30 minutos, numa jogada pessoal, o ponta direita Bureau penetrou livre, fintou o goleiro Cantareli e fez o segundo gol do Paris Saint Germain. Não teve o Flamengo capacidade para reagir e acabou levando o terceiro gol. Eram 42 minutos quando Lemout recebeu de Dahieb e venceu o goleiro Raul, aos dez minutos antes tinha substituído a Cantareli que saiu contundido. Por sorte, o Flamengo não levou uma goleada porque nos minutos finais o Paris Saint Germain esteve a pique de marcar pelo menos mais um gol.

No Flamengo, apenas Toninho, Nélson e Carpegiani jogaram com seriedade nos 90 minutos. O Paris Saint Germain jogou desfalcado do zagueiro Abel, que está com uma distensão muscular.

Os dois times jogaram assim: FLAMENGO — Cantarelli (Raul); Toninho, Manguito, Nélson e Júnior; Carpegiani, Adílio e Zico; Tita (Reinaldo), Cláudio Adão (Beijoca) e Júlio César. PARIS SAINT GERMAIN — Baratelli; Huck, Pilorget (Renê), Sacha e Renault; Bathanay (Ardi), Fernandes e Bianchi; Bureau, Boubakar (Lemout), Mamede (Daheib).

A delegação do Flamengo deixa Paris hoje pela manhã, viajando de volta ao Rio de Janeiro onde deverá chegar por volta das 17 horas.

Os verdadeiros gols mais rápidos do futebol mundial

Nosso amigo e colega, agora de bola cheia, Jocelyn Brasil ou se quiserem, Pedro Zamora, nos envia um ofício da Acerj, ele que é o diretor de Recreação e Cultura da nossa entidade de classe, revelando: "Prezado Companheiro: Em anexo, enviamos um recorte tira do The Enciclipédia of Association Football, compilada por Maurício Golerworthy. /// Informamos que o nosso companheiro Geraldo Romualdo da Silva publicou no **Jornal dos Sports**, uma reportagem sobre um gol feito por Nonô, centro avante do Flamengo, em 1921, em uma partida contra o América. /// Embora o gol de Nonô, não esteja registrado na Fifa, ele constou da imprensa local da época e foi conquistado de um passe que lhe deu Candiota, no tiro inicial da partida. Embora sem registro é de se acreditar que esse gol tenha sido conquistado em igual tempo a esse do inglês. /// Sempre à disposição do amigo para qualquer colaboração, somos, cordialmente, Jocelyn Brasil". O recorte fala em recorde e o atribui a J. Fryatt a autoria do gol mais rápido: 4 segundos do início da partida. Quem confirma é o árbitro R. J. Simon que dirigiu o jogo entre o Bradford e o Tranmere Rovers no dia 25 de abril de 1964. O texto fala "em tempo fantástico", a conquista do gol é claro. O gol foi marcado da mesma forma que o de Nonô: recebeu a bola, no toque de início de jogo e atirou direto a meta.

N.R. — Ao Jocelyn nosso agradecimento; ao Geraldo Romualdo os parabéns pela descoberta; ao sr. Domingo Bosco, nossos pêsames pelo ridículo pedido de recorde mundial que solicitaria à Fifa. Além desses dois gols, 4 segundos do início há gols, dois pelo menos, cujo tempo oficial é de 6 segundos.

Detalhes técnicos dos jogos da 1.ª e 2.ª divisão e juvenis

JOGOS DE HOJE — BONSUCESSO X SERRANO — Teixeira de Castro — 15h30min; Árbitro — Cláudio Garcia; Auxiliares — José Carlos Moura e Edson da Silva; BONSUCESSO — Júlio; Galvão, Wilor, Ramiro e Alcir; Zezinho, Paulinho e Marcos; Vicentinho, Jorginho e Edson; SERRANO — Cláudio; Erval, Luiz Carlos, Eurico Sousa e Humberto; Moreno, Adauto e Welington; Zé Dias, Jorge Demolidor e Edu.

GOITACÁS X CAMPO GRANDE — Estádio Ari de Oliveira e Sousa (Campos) — 21 horas; Árbitro — Mário Rui de Sousa; Auxiliares — Paulo Roberto Chaves e Gilberto Fernandes; GOITACÁS — Augusto; Totonho, Fumaça, Folha e Cândido; Manoel, Wanderlei e Lino; Piscina, Zé Neto e Zé Roberto; CAMPO GRANDE — Roberto; Brasinha, Nenem, Paulo Siri e Fernandes; Brás, Valdo e Paulo Roberto; Luiz Carlos, Venivaldo e Zé Luís.

JOGOS DE AMANHÃ — AMERICANO X BOTAFOGO — Estádio Godofredo Cruz (Campos) — 16 horas; Árbitro — Aluísio Felisberto da Silva; Auxiliares — José Maria Brandão e Mário Leite Santos; AMERICANO — Paulo Sérgio; Marinho, Adilson, Rubinho e Waldir; Índio, Eraldo e Sérgio Fernandes; Sousa, Té e Alcides; BOTAFOGO — Ubirajara; Chiquinho, Luís Cláudio, Ronaldo e Carlos Alberto; Luisinho Rangel, Mendonça e Marcelo; Gil, Silva e Renato Sá.

AMÉRICA X VASCO — Maracanã — 17 horas; Árbitro — Wilson Carlos dos Santos; Auxiliares — Luiz Carlos Dias Braga e Ivan Batista Santana; AMÉRICA — Jurandir; Uchoa, Alex, Eraldo e Álvaro; João Luís, Celso e Nélson Borges; César, Rui Rei e Silvinho; VASCO — Leão; Orlando, Ivan, Gaúcho e Marco Antônio; Dudu, Xaxá e Zandonaide; Afrânio, Roberto e Lito.

2.ª divisão — HOJE — PORTUGUESA X VOLTA REDONDA — Ilha do Governador — 15.30 horas; Árbitro — Moacir Miguel dos Santos; Auxiliares — Nicodemus Vidal e Luís Antonio Barbosa.

MADUREIRA X FLUMINENSE NF — Estádio Proletário (campo do Bangu) — 15.30 horas; Árbitro — Elson Pessoa; Auxiliares — Reinaldo Faria e Eraldo Prevot

AMANHÃ — BANGU X SÃO CRISTOVÃO — Estádio Proletário — 15.30 horas; Árbitro — José Valeriano; Auxiliares — Júlio César Consenza e Durvalino Peres.

NITERÓI X OLARIA — Estádio Assad Abdala (Niterói) — 15.30 horas; Árbitro — Carlson Gracie; Auxiliares — José Gabriel da Silva e Luiz Carlos Oliveira.

O Flamengo defenderá a liderança e a invencibilidade nos juvenis jogando hoje às 10 horas da manhã, na Gávea, contra o Volta Redonda, em partida que sera mostrada ao vivo pela TV no canal 6.

Os outros jogos de hoje pelos juvenis são: Fluminense x Bangu, às 15.30 horas, no campo do América; Campo Grande x Olaria, às 15.30 horas, no Ítalo Del Cima; Madureira x Fluminense NF, às 13.30 horas, no campo do Bangu; Goitacás x Portuguesa, às 19 horas, em Campo. Amanhã, serão realizados três jogos: América x Vasco, às 15 horas no Maracanã, na preliminar do jogo de profisionais; Niterói x Bonsucesso, às 13.30 horas, em Niteroi e Americano x São Cristovão, às 14 horas, em Campos.

"Clássico" promete ser bom embora não passe de treino

Se o leitor perguntar se o jogo clássico de amanhã, no Maracanã, é bom, nós diremos: "tudo leva crer que venha a ser bom". O América não tem sido um time ruim, pelo contrário. O Vasco vem de uma excursão à Europa sem perder um jogo sequer. São, como se pode ver, credenciais. E verdade porém, que os jogos desta fase do Campeonato, nada mais são do que preparativos para o turno que vai valer mesmo, quando cinco e mais o Flamengo, pelo grupo da primeira divisão e, mais dois, pela segunda divisão, serão os participantes do terceiro e turno final do Campeonato Estadual de..., talvez seja de 1979, mas nós não afirmamos. Mas se falamos do "velho clássico da paz", justo que falemos também, do Botafogo que é um dos autênticos candidatos ao título. Seus jogadores culpam o seu campo, pelo resultado negativo da equipe. Eles, inclusive, chegaram a ponto de dizer que "vocês verão no domingo". Acontece, que na Europa e Marechal Hermes não é Europa, também houve certos fracassinhos.

Invicto da Europa é favorito para o clássico do Maracanã

Invicto na rápida excursão pela Europa, faz o Vasco o time com ligeiro favoritismo para o clássico de amanhã no Maracanã. O time ganhou moral contra os europeus, vencendo até o torneio de Sevilha. A sua torcida espera com entusiasmo a apresentação dos seus jogadores e quer ver os invictos da Europa. O técnico Oto Glória diz que tem problemas para escalar o time, mas não nega elogios aos jogadores pelas apresentações no exterior.

O Vasco jogou apenas duas vezes antes de viajar e não conseguiu nenhuma vitória: tem um empate e uma derrota. Com três pontos perdidos, claro que o Vasco precisa empreender enérgica reação para conseguir alguma coisa no campeonato. A classificação, pelo menos, a fim de passar para o terceiro turno. É ruim a situação, apenas um ponto ganho. Precisa vencer de qualquer maneira para subir na tabela, pois um resultado negativo (até o empate pouco ajuda) deixará o time numa posição completamente irrecuperável, porque passará a ter quatro pontos perdidos. Isso em três partidas significa desperdício de luta pelo título do segundo turno.

Sem dúvida que o clássico já é um estímulo para os jogadores e como a vitória é mais do que necessária, o Vasco deve mostrar tudo o que tem. Lutar do princípio ao fim pelo bom resultado. Sem dúvida que as ausências de Guina e Paulinho (ambos estão suspensos) têm atrapalhado os planos do técnico Oto Glória, que contou com os dois jogadores durante a excursão invicta e agora tem que apelar para os suplentes.

Para o América, que joga o terceiro clássico seguido, a vitória é a meta de amanhã, porque isso não ocorreu nos dois anteriores. Foram as melhores apresentações do time, principalmente contra o Flamengo, quando perdeu de 2 x 0 e depois empatou de 1 x 1 com o Fluminense. Pela contagem dos rubros e pela lógica, dizem, agora vem a vitória. Todos esperam que a sorte amanhã esteja presente, o que não ocorreu das outras vezes.

Um fato todo especial cerca amanhã o correto zagueiro rubro, Alex. O jogador completará o jogo de nº 650 vestindo a camisa rubra e será homenageado por isso. Alex estreou em 67, contra o Atlético Mineiro, quando os dois times empataram de 2 x 2.

Campo em Campos é o maior adversário para o Botafogo

Uma parada das mais difíceis para o Botafogo voltar com dois pontos. O fator campo é o maior obstáculo que os cariocas poderão encontrar lá na cidade de Campos. Ali tudo é difícil. Seja qual jogo for. Os times locais dão tudo como se tivessem decidindo alguma coisa. Aliás, o mesmo não ocorre quando jogam nas outras cidades. O time não tem o mesmo comportamento e não raro perde ponto para qualquer time.

Lá em Campos é diferente. Quem joga lá já vai sabendo de todas as dificuldades que terá pela frente. Isso é o que espera o Botafogo amanhã. O time precisa da vitória e não pode facilitar um pouco que seja. Tem que lutar do princípio ao fim.

O Botafogo está invicto. Jogou três vezes, vencendo uma vez e empatando duas. Não é muito bom para quem precisa ganhar um título que busca há muito tempo. Essa a situação dos alvinegros ainda no início do segundo turno. Dois pontos perdidos em três partidas é demais, principalmente quando se sabe que os adversários não eram dos mais fortes.

Por isso o Botafogo tem que vencer esse compromisso. Um novo insucesso, um empate que seja, pode tirar as esperanças dos torcedores e dirigentes. O empate de quarta-feira, contra o Serrano (tido como um dos mais fracos do campeonato) tirou o ânimo que o time trouxe da excursão à Europa. Até que o time lutou com muita garra, mas não conseguiu encontrar o caminho das redes.

Na verdade, a apresentação de quarta-feira foi uma total decepção para a torcida, pois o time chegou do exterior com o cartaz de que encontrara a forma de jogar, com velocidade e eficiência. Nada disso foi visto na noite de quarta-feira e os torcedores saíram do estádio acabrunhados com os azares que atingem o time. O pior, o time não acertou.

Para piorar tudo, o Americano está em terceiro lugar na tabela, graças as boas apresentações neste turno. Jogou quatro vezes, soma duas vitórias, um empate e uma derrota. Diga-se que uma das vitórias ocorreu exatamente contra o Flamengo e no Maracanã. Essa vitória deu ânimo ao time que tem muitas esperanças em conseguir uma vaga entre os finalistas. A briga para manter a posição terá o apoio da torcida que comparecerá em peso ao estádio Godofredo Cruz.

FLORIANÓPOLIS — As equipes masculina do Rio Grande do Sul conquistaram os títulos por equipes do "Campeonato Sul América da Juventude", realizado desde sábado da semana passada nas quadras da sede balneária do Clube Doze de Agosto, na Praia do Jureré, nesta capital, com a participação dos 72 melhores tenistas masculinos e femininos do país de idade até 21 anos. Com a vitória nas provas por equipes, o Rio Grande do Sul assegurou todos os títulos colocados em jogo no campeonato, já que os gaúchos já haviam se sagrado campeões masculinos e femininos das simples e duplas, na fase individual. A competição, realizada em comemoração ao 25.º aniversário da Federação Catarinense de Tênis, teve o patrocínio da Sul América Seguros.

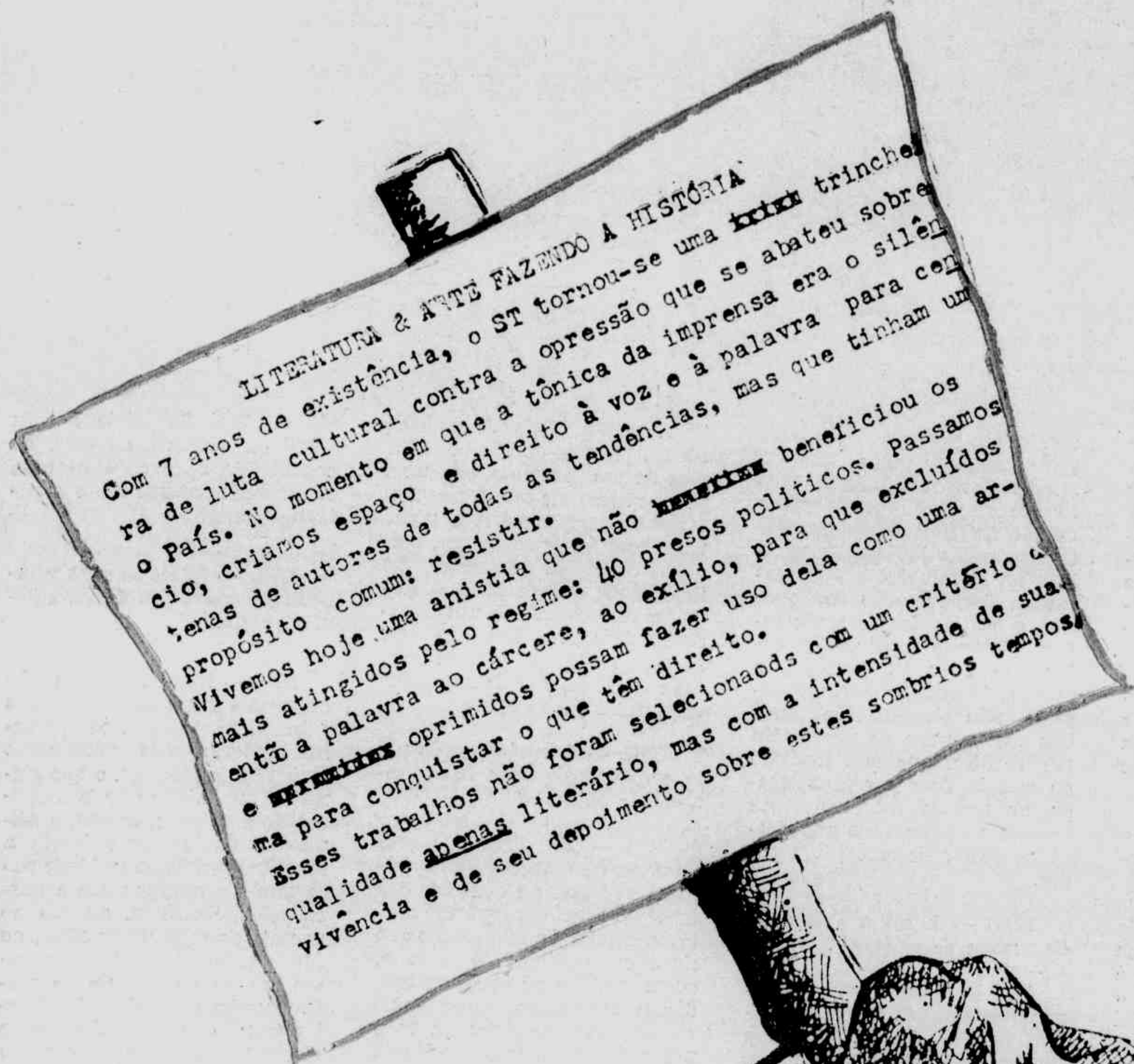
Na final Masculina, a equipe do Rio Grande do Sul derrotou a equipe de São Paulo, por 2x0: Ivan Kley (RS) venceu Renato Joaquim (SP), por 7/5 e 6/4, enquanto Eleutério Martins (RS) venceu Oscar Carvalho (SP), por 6/2 e 6/2.

A final feminina por equipes foi entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ocorrendo a vitória fácil das gaúchas, por 2x0: Helena Wapler (RS) derrotou Rossana Mueller (SC), por 6/2 e 6/4, enquanto Cristiana Renck (RS) venceu Tatiana Loureiro (SC), por 6/0 e 6/2. Os gaúchos Nei Alexandre Keller e Andrea Meister, respectivamente campeões masculino e feminino das simples, garantiram vaga na equipe brasileira que disputará o sul-americano até 21 anos, a ser realizado em novembro, no Uruguai. * RIO DE JANEIRO — A Federação Aquática do Estado do Rio de Janeiro confirmou ontem a participação da nadadora paraibana Kay Francis nas provas de fundo do "Troféu Independência/Sul América de Natação", a ser realizado no próximo dia sete de setembro, no Parque Aquático Júlio Delamare, no Estádio do Maracanã, em comemoração do dia da Independência.**

Kay Francis, foi a primeira nadadora sul-americana a atravessar o canal da Mancha, entre a França e Inglaterra e sua presença contribuirá bastante para a qualidade técnica do Troféu Independência. A atleta paraibana já está no Rio, procedente de Portugal, onde se encontrava participando de competições de natação.

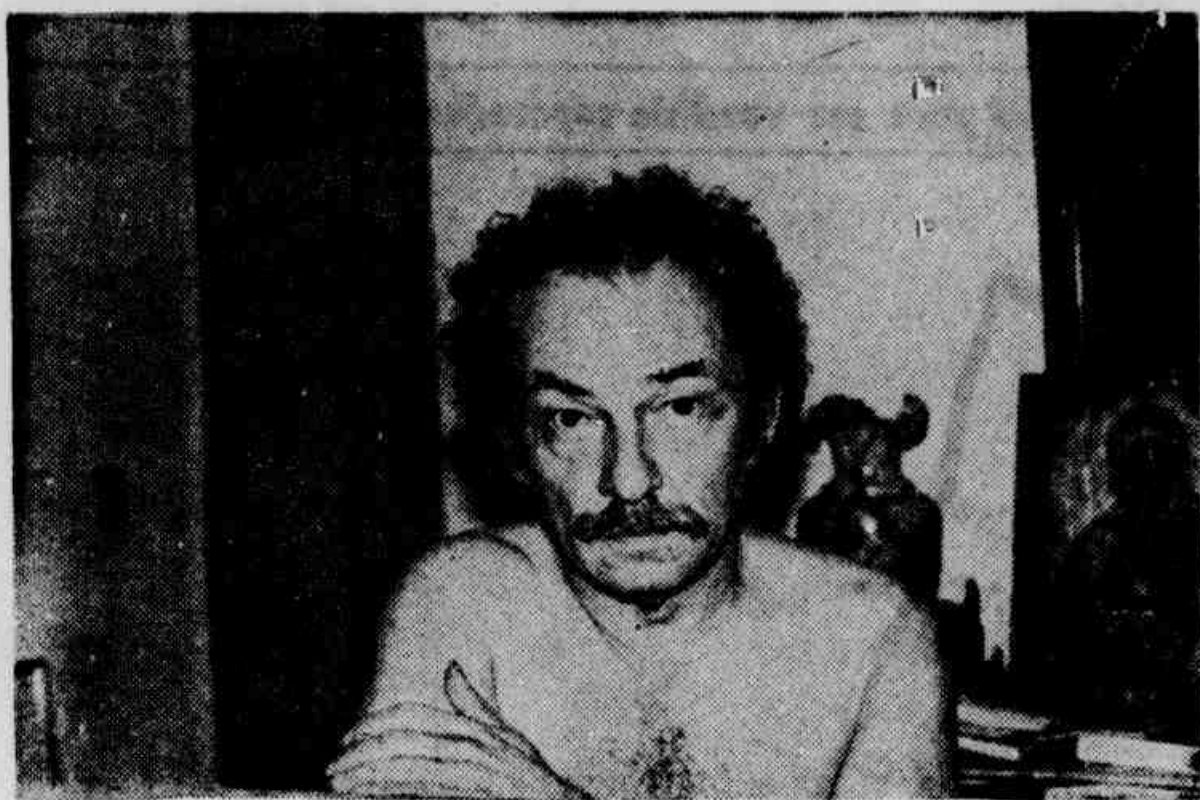
Por outro lado, as equipes dos Centros de Educação Física do Exército, Marinha e Aeronáutica já confirmaram a participação de suas equipes de nadadores na competição, que terá a presença de 94 atletas de oito Estados do país, além de exibições de Campeonato Carioca Juvenil de Water-polo.

SUPLEMENTO DA TRIBUNA

ANO VII — N.º 329 — Rio de Janeiro, 1 e 2/9/79 — Não pode ser vendido separadamente.

Dia 3, segunda-feira, a partir das 20 horas, na Livraria Muro (Rua Visc. de Pirajá, 82 — s/ solo — Ipanema), as Editoras Ática, Civilização Brasileira, Codecri e Paz e Terra promovem noite de autógrafos acompanhada de chorinho, cachaça e projeção de filmes em super-8 sobre a Anistia. A promoção tem o apoio dó Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e da Revista Ficção, e comemora os 7 anos de resistência do SUPLEMENTO DA TRIBUNA.

Estarão presentes os autores Luiz Vilela (O Inferno é Aqui Mesmo), **Eric Nepomuceno** (Memórias de um Setembro na Praça e Caderno de Notas), **João Antônio** (Ô Copacabana), **Carlos Jurandir** (Morto Moreno), **Newton Carlos** (América Latina Dois Pontos), **Flávio Pinto Vieira** (Cultura e Dependência — **formação de um Intelectual subdesenvolvido**) e **Abdias do Nascimento** (Sortilégio II, Mistério Negro de Zumbi Redivivo).

Neste número: Alex Polari, Elias Fajando, Paulo Roberto Jabor, Manoel Maurício de Albuque, Elizabeth Muylaert Lima, Pedro Tierra, Maria Auxiliadora Lara Barcellos, Marcelo Mário de Melo, Alberto V. M. do Nascimento, Paulo Henrique Rocha Lins, Roberto Ribeiro Martins, Luiz Raul Machado, Ramayana Vargens.

Manoel Maurício de Albuquerque:

MANOEL MAURÍCIO: pressionar para anistiar.
(Foto de Benito Perez)

"O ATESTADO DE DESAPARECIMENTO É O TRÁGICO EUFEMISMO DE UM ESTADO QUE NÃO QUER ASSUMIR A RESPONSABILIDADE DO QUE FEZ"

Entrevista a Elizabeth Muylaert Lima

Alagoano, 50 anos, o professor de História do Brasil, Manoel Maurício de Albuquerque foi um dos aposentados pelo AI-5 em 1969. Afastado da vida universitária ensina no Grupo Miguel Couto-Bahiense e colaborou nos roteiros dos filmes "Getúlio Vargas — Imagem de um mito", de Ana Carolina e "Gesto Heróico", de Walter Lima Jr.. Mais recentemente, trabalha com atores e diretores teatrais, à frente de grupos de estudos e pesquisas históricas.

EML — Como você situa a luta pela anistia, dentro da sociedade brasileira?

MM — Bem, aí depende do ponto de vista que você quer se colocar. Em geral, diz-se que é da boa tradição brasileira o conceder anistia, e assim foi se você quiser informar episodicamente. Agora, numa perspectiva mais exigente, eu diria que foram anistiados aqueles contestadores que tiveram um posicionamento social em termos daqueles que detinham nas mãos o poder. Em outras palavras, se houve anistia, na maioria dos casos, essa anistia se referiu sempre a figuras que tinham junto aos elementos da classe dominante, antagonismos que poderiam ser perfeitamente remanejados, porque aqueles que tiveram realmente uma posição mais crítica, mais contestatória, sobre eles cairia uma punição muito mais violenta. Exemplo típico é você dizer que os rebeldes da Revolução Liberal de São Paulo e Minas de 1842 foram anistiados, mas a verdade é que todos eles eram egressos do bloco de classe hegemônico. Quanto às figuras mais representativas de uma posição mais contestatória, para esses não houve perdão: Tiradentes ou os revolucionários de 1817, da Revolução Pernambucana, ou da Confederação do Equador.

EML — No caso da Revolução Pernambucana, como se deu a anistia?

MM — Ela tinha dois planos de contestação. Um de uma perspectiva liberal contrária à dominação portuguesa; e mais profundamente uma luta do Nordeste contra o Sudeste. Tanto que esse conflito reaparece depois da Independência, na Confederação do Equador, também na Revolução de 1817 como na Confederação do Equador, o castigo foi bastante severo. Quando mais tarde, em 1818, D. João VI concedeu a anistia, foi àqueles que, na verdade, não tinham sido punidos com a pena de morte. Eu prefiro dizer que esta tradição de anistia deve ser considerada em termos, principalmente quando a contestação não chega ao ponto de ameaçar o poder.

EML — E sobre o chamado "crime de sangue"?

MM — Eu acho que é apenas uma postura do poder político de classificar. Houve um jurista, não me recordo quem, que disse muito bem: "O crime político — ele usou essa expressão, eu não usaria — é aquele cujo julgamento é o mais injusto, porque o acusado é sempre julgado pelos seus inimigos."

EML — Você não usaria a expressão "crime político"?

MM — Não, porque eu acho que você se opor à autoridade do Estado, isto é um direito do cidadão, mesmo os grandes ideólogos da burguesia foram os primeiros a considerar a rebelião uma atitude legal, na medida em que o governo resultava de um contrato entre governados e governantes e uma das partes podia rompê-lo.

EML — Como você encara a anistia hoje?

MM — Encaro com certa prudência, com certo ceticismo, porque a rigor existe um projeto levado ao Congresso; fala-se muito em abertura, mas a verdade é que tudo depende ainda do beneplácito e arbítrio do Estado, e não esqueçamos que foi este mesmo Estado que produziu condições para que houvesse hoje uma necessidade de anistia. Agora, dentro de uma outra perspectiva, eu vejo nela algo de muito mais profundo, é que o Estado teve que conceder, ou pelo menos admitir a possibilidade de anistia, em função não de sua vontade, mas de um reclamo, de uma pressão. Isso ele não fez espontaneamente, porque se ele, por uma questão de coerência, produziu condições de arbítrio, de ilegalidade, diante de uma proposta tradicional de um Estado burguês, ele não mudou por si, essa mudança, em verdade, deve ser creditada às forças sociais que o pressionaram.

EML — A reivindicação pela anistia hoje seria causa realmente popular?

MM — Eu diria que pelo processo de marginalização política que houve e que é da boa tradição brasileira, grande parte da população não sabe o que significa exatamente anistia, como também não sabe as condições pré-anistia, quer dizer, aquelas que levaram a todo um arbítrio, a uma violência institucionalizada.

EML — E sobre o atestado de desaparecimento?

MM — Eu acho que é um trágico eufemismo de um Estado que não quer assumir a responsabilidade do que fez, do clima que criou. Dizem que o Imperador Adriano gostava de receber em audiência, para ouvir as queixas da população. Uma vez ele deu sucessivas audiências e havia sempre uma velha que não conseguia ser atendida. Já na quarta vez Adriano, que já a conhecia como insistente, teria lhe dito: "Desculpe, minha velha, mas hoje não posso atendê-la, volte amanhã". A velha então teria lhe respondido: "Então não seja imperador, se você não tem tempo de me atender". Como ninguém nasce imperador, para usar a expressão da velha, eu só posso responsabilizá-lo, direta ou indiretamente, pelo clima que criou. Numa sociedade normal não existem pessoas desaparecidas, ou então, quando isso acontece, há organismos responsáveis pelo desaparecimento.

EML — Você se lembra de algum episódio interessante relacionado com a anistia?

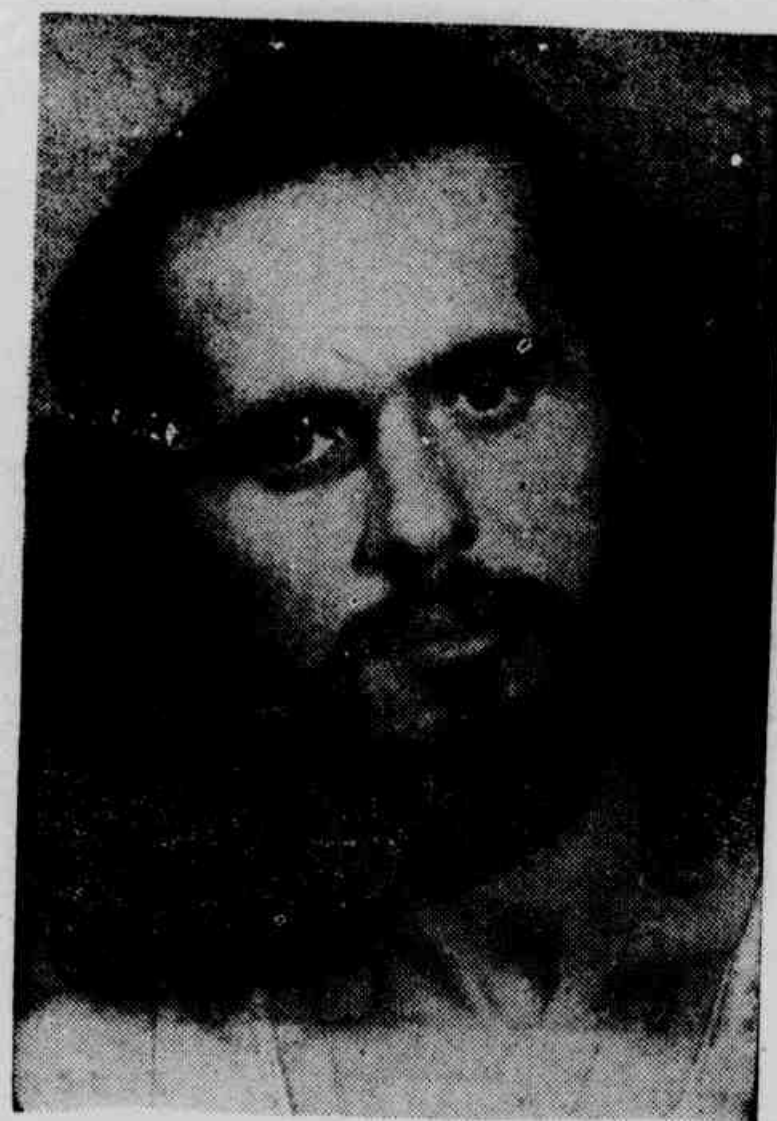
MM — O caso de Gonçalves Ledo, que para fugir da polícia de José Bonifácio entrou vestido de baiana na casa do cônsul da Suécia, causando, evidentemente, um certo constrangimento.

EML — Quais as suas perspectivas como professor-cidadão anistiado?

MM — Não sei, porque não conheço o texto definitivo, mas a primeira versão é muito desanimadora: nós professores teríamos de recorrer, o que significa implicitamente reconhecer uma culpa e, depois, o Ministério da Justiça opinaria a respeito, enviaria à unidade para também opinar sobre a nossa volta, inclusive, quanto ao aspecto de vaga. Quer dizer, no fundo a anistia, entendida como reparação, estaria de certa maneira condicionada àqueles mesmos que nos tiraram os direitos. Então eu não posso ter nenhuma confiança nisto, a não ser em função de uma pressão social, a mesma que levou o Estado a admitir a anistia.

SUPLEMENTO DA TRIBUNA DA IMPRENSA
publicado aos sábados
☆
Editor-Responsável
Paulo Branco
Editora-Chefe
Maria Amélia Mello
Coordenador Editorial
Wanilton Cardoso Affonso
Diagramação
Italo Ugelle
☆
Também editaram este número:
ELIAS FAJARDO
RAMAYANA VARGENS
☆
Correspondência para
Rua do Lavradio, 98
Rio de Janeiro

ALEX POLARI DE ALVERGA

"A POESIA ME AJUDOU A PERMANECER INTEIRO"

ALEX: *"As coisas que escrevo não se resumem à prisão."*

Entrevista a Elias Fajardo
Fotos: Paulo Roberto Jabor

No momento em que se prepara para ganhar a liberdade, Alex Polari de Alverga termina o seu segundo livro de poesia, Camarim de Prisioneiro, a sair na segunda quinzena de outubro, pela Editora Global. Nesta entrevista, ele discute o que significa escrever atrás das grades. O poema inédito "Avalista do passado" está no Camarim...

EF — Você disse que o fato de fazer poesia, inclusive, o ajudou a sobreviver na época mais difícil na prisão. Como pode a poesia ajudar alguém a sobreviver, ela que é considerada por muitos como uma coisa supérflua, coisa de gente que não tem o que fazer?

ALEX — Para responder isto, é preciso precisar bem o que seria este suposto "caráter supérfluo" da poesia. Supérfluo em relação a quê? Se for em relação ao potencial dela de transformar a sociedade, até concordo que ela seja supérflua, ou melhor, meio inoperante.

Quando digo que ela me ajudou a sobreviver, estou me referindo não aos possíveis pressupostos e objetivos sociais e políticos nos quais a poesia e a literatura de um modo geral podem se nutrir. Estou falando da minha necessidade pessoal de escrever poesia e de como o esforço para escrever dentro de uma prisão me ajudou a aguentar a barra. Neste ponto, meus poemas, longe de serem supérfluos, foram importantíssimos. Porque a prisão é uma espécie de incubadeira perpétua onde a nossa resistência à destruição e à desagregação pode se dar de várias maneiras e tudo de uma forma muito violenta, crua e sem grandes referências que não seja você mesmo. Não há movimento, não há prática, não há relacionamento social. O que existe é a própria prática de enfrentamento e de resistência cotidiana, pra não ser sacaneado, degradado, destruído. A poesia me serviu para preservar minhas fantasias, minha sensibilidade, não embotar. Em suma, me ajudou a permanecer inteiro, criando alguma coisa, incorporando toda experiência, indo pra frente. Outros companheiros conseguiram também isto, só que de outra forma. Para estes, a poesia, mesmo neste plano pessoal, foi coisa supérflua. Daí porque acho que meu caminho e minha necessidade de poesia não é generalizável, nem responde à pergunta da suposta crise da poesia, seu ranço de classe, sua finalidade político-social, etc. Isso são outras transas.

EF — Que sentido você acha que têm seus poemas? Que coisas chegam através deles às pessoas que os lêem?

ALEX — Eu não sei que sentido tem minha poesia, pois isto implica em entrar na cabeça e no coração dos outros. Eu sei que objetivos eu quero com ela, mas não tenho elementos pra sacar se estes objetivos estão sendo cumpridos ou não. Minha pretensão não é grandiloqüente, é simplesmente registrar uma experiência que foi de minha geração. A maneira como isto chega às pessoas depende da experiência delas, da vivência e sensibilidade através das quais elas recriam e sentem os trechos que vivi e tentei expressar. O Inventário de Cicatrizes é isto: uma tentativa de expressar uma coisa real, doída que eu tenho vivido através de um jeito próprio de dizer estas coisas. A receptividade está existindo porque o livro, em 8 meses, já está na 3ª edição.

EF — Em termos de linguagem, você acha que um poema é mais eficiente do que um panfleto?

ALEX — Aqui também é necessário precisar melhor essa relação. Eficiência é um critério usado de modo diferente no discurso poético e no político. Um panfleto deve ter eficiência política, um poema eficiência estética e cada um se realiza por meio de uma linguagem diferente. A eficiência de um panfleto é conseguir sintetizar muitas idéias em poucas palavras, é um veículo de agitação e, secundariamente, de propaganda ou de educação política. Não se exige dele acabamento literário. A eficiência de um poema é ser bem transado ao nível da linguagem, reinventá-la, manter uma relação com a vida, estar compromissado com o seu tempo etc, mas ele não pode ser julgado à luz de critérios de eficiência política.

O rebu se instaura quando se confunde alhos com bugalhos e se passa a exigir do poema uma resposta para o gasto jargão do discurso político, uma resposta que ele (o poema) não poderá dar, mesmo que vista a camisa-de força do panfletarismo barato.

É neste sentido que eu acho que a pergunta pode ser respondida. A linguagem que a esquerda usa é, de modo geral, cacete e pouco criativa. As causas disto não estão em questão aqui, mas fazem parte de uma herança, de uma matriz conceitual, política, literária, cultural, teórica e ideológica que mesmo a prática política mais radical não conseguiu romper senão na casca. Se a linguagem do nosso discurso político é cacete, pesada, maniqueísta, ela não é eficiente. E isto abre espaço para que às vezes o poema ou a produção literária de modo geral expressem de uma maneira mais viva e criativa o momento político que atravessamos. Mas isto não é uma virtude ou uma vitória do estético sobre o político, e sim uma decorrência das deficiências do nosso discurso político. Uma deficiência que não será superada escrevendo poemas em vez de panfletos, mas sim reelaborando a própria linguagem e a própria concepção da prática política. Evitando determinadas cisões que opõem de um lado a política e de outro todas as demais formas de manifestação e criatividade humanas.

Superar este impasse significa para mim não contrapor o plano mais concreto, imediato, da luta política com o da produção cultural. Ambas têm de ser uma mesma coisa e desde já temos que forjar — a partir de nossa implantação social real — formas de representação cultural dos elementos fornecidos pelo nosso ativismo político. É isto que solidificará no concreto os compromissos políticos com o cotidiano, com a vida e suas múltiplas possibilidades. Uma cultura criada no interior da prática política, mas sem se submeter a nenhum dirigismo idiota desta. Uma coisa de incentivar a liberdade e a criatividade sem as quais nenhuma e verdadeira Revolução é possível.

Teatro, cinema, vida comunitária, festas, dança, música, jornais de grupo etc, tudo isso hoje tem uma importância muito grande pra abrir novos horizontes para a nossa capacidade ainda reduzida de

Alex e seu filho Thiago

O outro lado do grilo é tudo isso que eu disse à luz da minha atual situação de preso político, poeta, badalações etc. Se pintar uma aura qualquer de "herói", "mártir" etc., eu fico representando uma coisa muito mais vasta que é todo esse processo de militância-prisão-tortura-morte-etc, viro um simbolozinho estéril, um enredo emocionante que só empobrece e limita a reflexão que as pessoas têm que fazer dessa realidade sobre a qual eu simplesmente escrevo — sem ter qualquer outro tipo de representatividade ou delegação.

O que escrevo não tem nada a ver com qualquer estímulo à fantasia de quem quer que seja de me ver como mártir da causa etc. Mas como sou preso, fui guerrilheiro, essas coisas todas, sou obrigado a insistir neste ponto, senão eu danço.

Comecei na página policial, depois fui para a cobertura de Justiça Militar, chegamos ao noticiário político (eu e todos os companheiros) através de várias greves de comunicação com as massas. A prática política precisa ser enriquecida, a linguagem precisa ser reelaborada. Panfletinho e discurso no palanque não dá mais pé, se forem transados de forma isolada. Por outro lado, escrever poesia e elaborar grandes obras não resolve xongas. O negócio é juntar tudo e tentar atingir ao mesmo tempo a cabeça, o coração, a sensibilidade e o corpo daqueles que vão ser os atores de grande transformações futuras. Atingindo-os desta forma, as energias desencadeadas são muito mais profundas.

EF — Um dos seus temas mais constantes é o cotidiano de um prisioneiro. Que limitações e potencialidades este tema lhe dá?

ALEX — O cotidiano do prisioneiro é um tema constante porque, na realidade, sou um prisioneiro. Desde que acordo até o momento em que vou dormir, quando toca a sirene que põe fim à visita, isto é uma sensação muito clara, nunca esquecida. Minha poesia se nutre de minha realidade, minha realidade é essa, meu combustível poético é esse, pelo menos por enquanto. Não posso ver todas as experiências que vivo, todo meu aprendizado, de fora das coisas que optei e pelas quais hoje sofro as conseqüências.

"A prisão é a vida posta entre parênteses"

As coisas que escrevo não se resumem à prisão, ela é um dado estático, uma espécie de vida posta entre parênteses, um elemento que mediatiza e articula meu futuro. E entre esses dois, o pau come solto. As reflexões da militância, da clandestinidade, da tortura e as projeções sobre o que está pra pintar têm na prisão apenas um cenário provisório, poderia ser em outro lugar, algumas vezes é a incorporação de determinada vivência que independe mesmo da própria prisão.

As potencialidades desta temática são muitas, desde que não seja artificial e no meu caso não é. É a vivência de um monte de gente e traz uma possibilidade de reflexão grande sobre o que se passou neste país nos últimos 11 anos. É uma situação-limite que te dá um enorme autoconhecimento.

As limitações também existem, são os riscos de se encerrar num universo fechado, e terminar escrevendo só pra quem de uma forma direta ou indireta viveu essa experiência da militância e da prisão. Isso depende da maneira como você transar a linguagem e transmitir o lado globalizável e universal dessa sua vivênvia particular.

Tenho clareza de que o fato de ser um preso e escrever sobre isto comporta determinadas armadilhas. É que essa situação tem um lado emocional muito forte, um certo "pathos" contraditório. A minha vivência disso aqui é muito rica e facilita um pouco o produzir sobre esta realidade. Essa é a potencialidade. Por outro lado, a sua condição de preso é muito propícia a um rótulo, a um determinado tipo de expectativa e mesmo de benevolência por parte de quem te lê. Essa é a limitação.

"Cada um tira poesia de onde pode"

Cada um tira poesia e lirismo de onde pode. Tem gente que consegue fazer isto de uma forma incrivelmente bela do fundo das gavetas das repartições públicas, do vazio e da esterilidade existencial do anonimato repressivo da vida pacata do interior, da piração fruto de muito sufoco, drogas etc. Eu extraio o que posso disso aqui, que atualmente é o meu mundo. Outra qualquer coisa seria falsa. Quem quiser sair disso e vestir a pele de uma outra experiência que não a sua, vai tirar leite das pedras, o resultado só pode ser ruim.

EF — Você tem colocado que não quer ser mistificado, não quer virar herói. Então pergunto: como você quer ser visto, como você gostaria que se fizesse uma leitura do seu trabalho?

ALEX — Esse grilo se dá de dois modos diferentes. Um deles, mais geral, é o seguinte: a mistificação, em qualquer lugar que se dê, não é uma coisa inocente, fruto da ingenuidade de ninguém. É uma manipulação consciente de todo um sistema ideológico, político e cultural, uma estratégia para absorver tudo o que é indigesto e, ao reduzir certos complexos a um simples rótulo, nome ou a um rosto, retirado assim todo o conteúdo que incomoda. Na versão de sua "indústria cultural" e meios de informação, o sistema nega a ação original, absorve o que interessa, mistifica o que quer e deseduca as massas como pode. A tática é personalizar para despersonalizar. A estratégia é manter a alienação, impedir que os atores de determinados processos não se reconheçam, (a não ser por meio de símbolos, líderes, objetos de consumo etc) na própria obra que realizaram. **Em termos de arte e cultura isso também existe, guardadas as devidas proporções.**

Da página policial às manchetes políticas

fome e agora fui parar nos suplementos literários etc. Eu sou tudo isso aí: um cara que tomou determinadas opções políticas, levou porrada, foi preso, condenado, virou preso político e dentro de um coletivo de presos travou lutas coletivas, refletiu pacas e, entre outras coisas, escreveu poesias, tá escrevendo umas peças etc. É que gostaria que todos que me lessem compreendessem que, com pequenas variacões, esse foi o processo de toda uma geração que se encontra espalhada por aí, não cabendo, portanto, nenhuma excepcionalidade ao meu caso.

AVALISTA DO PASSADO

Inédito de Alex

Todos são vitoriosos por tudo que
[acontece
responsáveis diretos pelos grandes
[eventos
articuladores sem modéstia
dos grandes feitos
secretas realizações

Ante os meus olhos
desfilam apenas
leviandades óbvias.

Enquanto os ganhadores dão uma festa
no andar de cima
eu prefiro trabalhar no porão
fora da luz dos candelabros
mexendo em papéis velhos
hoje sem avalistas
mas que um dia seguimos aos magotes
esquadrinhando erros
pondo em ordem o arquivo das derrotas
onde existem menos arautos
e a concorrência é menor.

Dessas antigüidades esquecidas
farei meu limbo provisório
sombrio
discutirei politicamente
com as aranhas
e me aquecerei no inverno
com uma fogueira de reflexões
que eu tiver entendido até lá.

Antes deste estágio
queima de estoque
de fatos do passado
não me arriscarei
a cometer uma proposta que seja
contra ninguém.

BUTI ou O SONHO FRUSTRADO DO CRIOLO ou A VINGANÇA DO JUDEU

Maria Auxiliadora Lara Barcellos *

Compra 4 rodela de salame, 1 pão de meio quilo, 200 g de mortadela e uma garrafa de Pitu, 6 cigarros solto, mas vai logo, que as visita tão cum fome.

Butí ficou cinza, que é a cor de preto com vergonha. Merda. Outra vez. Tou cum catorze, meu, já sei das coisa, a cara do Zé do bar, que leva mais, e eu nada, com o dinheiro contado em cima do balcão. E a miséria do barraco, seu, faz cinco ano a mãe comprô a tevê, grande e redondono, me sentei na porta pra ver os vizinhos entrar, dia de reis. Durô poco, o milagre. Me deu foi raiva, meu irmão, todo dia as mulher luminosa, o tigre do uísque, o fuscão envenenado. Dali nós só via mesmo a Coca-Cola, dia de domingo, quando o pai trazia troco do futebol. Isso num é vida, irmão, num tá certo, nuntanão.

Butí cresce, o Brasil também. Cada vez mais pros sonhos de Butí. A barraca sufoca, Butí se curva pra não dá com a cabeça na porta, aprendeu com os galos na testa. Butí já é homem, pergunta o mulherio, se achá que é fama de cafetão pergunta na turma, num tem um que não conheceu a força do braço de Butí. Um criolo respeitável.

E bonito. O gingado de Butí...

O BRASIL P R E C I S A DE VOCÊ. Butí vai vê, praque. Entra na fila, separa os pés, faz força, aqui, respira fundo, pode soltar, tudo em ordi, BUTIRIQUIM DA SLVA FILHO é mais um soldado do respeitável exército brasileiro.

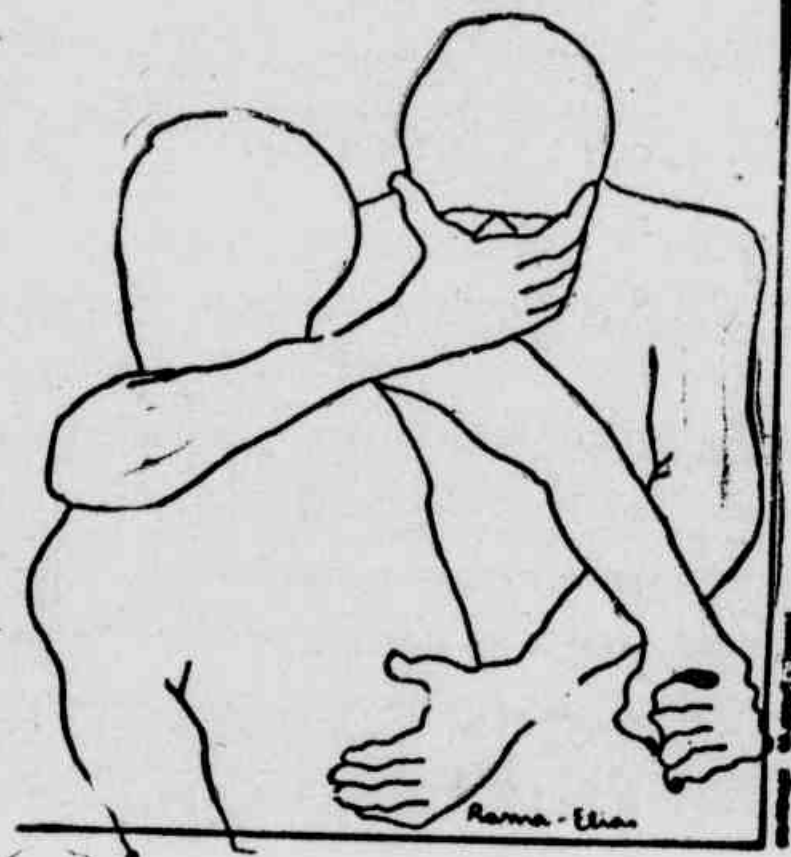
Pô, meu, até que é legal o quartel. Portas imensas, pintado de branco, aqui sim é que tem respeito, fala mais alto é quem pode, Butí às seis faz continência, às seis reverência, as oito paciência que o dia é comprido mesmo. Marcha soldado, cabeça de papel, eu quero ser ca-bo, eu quero ser ca-bo... 1-2 1-2 1-2...

Butiriquim da Silva Filho, apresentar-se ao Capitão Leão, Capitão Léo Leão, Pavimento 5, Estação 2 Câmara azul?

Pela filtração da infiltração, o combate à inflação, a defesa do café e do feijão, a O-R-D-E-M nessa Nação. Butí bateu. Sabibate Butí? Butíbate, simsenhô. Butí ruge, espuma, RRRRRRAAAAAAUUUUUU... O Leão da Metro é um gato. O rei da selva sou eu. Traz mais um pro confessionário. Olá, comovai? Esse é o Arlindo, mas conheço e muito bem, foi meu colega na turma. Orgulhoso demais. É C—O—M—U—N—I—S—T—A, além do mais. Arlindinho, coração dos outro, diz aqui pro papai, quié que você fez no sindicato.

Perdeu a língua, desce-lhe o cacete. Tá mudo, torce-lhe o pescoço. Frango assado. Choques terapêuticos. Que pena, seu, morreu.

OPERÁRIO SE SUICIDA REPENTORAPIDAINEXPLICAVELMENTE na prisão.

Butiriquim Silva, o heróico Butí, condecorado com a medaha de prata, a taça de ouro e Letras do Tesouro.

Mãe, e então o Butí foi feliz para sempre? Ah, não tão exatamente, mas essa, meu amor, é outra história...

* **Maria Auxiliadora Lara Barcellos, revolucionária Brasileira banida em 1970, suicidou-se em Berlim em 1976, com 31 anos.**

A perfídia do cavaleiro

Roberto Ribeiro Martins

Alegria e tristeza foi o duplo sentimento dos poucos presos políticos que ganharam a liberdade com a anistia parcial do regime. A maioria lá ficou nos cárceres. Não mais para semente, sabemos agora, tão poderoso foi o movimento que se ergueu em defesa da anistia ampla, geral e irrestrita. Tão poderoso o movimento que desmascarou por completo a manobra do regime, fazendo seu projeto aprovar-se repudiado, imposto que foi pela força. Os presos políticos, antes estigmatizados como terroristas, sairam da luta com a cabeça erguida. Todos hoje reconhecem sua condição de opositores combativos, que num dado momento apelaram para a forma de luta que o arbítrio e o terror institucionalizados lhes deixou: o apelo às armas.

Quanto ao regime, isolou-se mais. A diferença entre o dia em que o odioso projeto foi lançado, com pompas e fanfarras no Planalto, contrasta com a obscura e rápida solenidade da promulgação da lei discriminatória.

A anistia do general Figueiredo passará à história. Não certamente antes como um ato generoso, ou de quem faz autocrítica. Mas como aquela decretada por D. Pedro I, contra os participantes da Confederação do Equador. Aquela foi "a perfídia do príncipe". Esta, "a perfídia do cavaleiro".

Debelada a Confederação do Equador, foi instalada uma justiça de exceção para julgar os rebeldes, constituída por Comissões Militares. As comissões prenderam, interrogaram, torturaram, processaram, condenaram e executaram. Mas quando estavam em meio a seu trabalho de "justiça" contra os rebeldes patriotas, D. Pedro resolveu decretar anistia, pressionado que foi por todos os lados, inclusive pela Inglaterra, pois havia um súdito inglês entre os rebeldes, chamado Ratcliff. Na Inglaterra a notícia da anistia foi recebida com júbilo, mas depois todos souberam da "perfídia do príncipe": a "anistia" mandava executar os já sentenciados pela Comissão, entre os quais Ratcliff e Frei Caneca, sentenciava os já pronunciados e finalmente anistiava os demais.

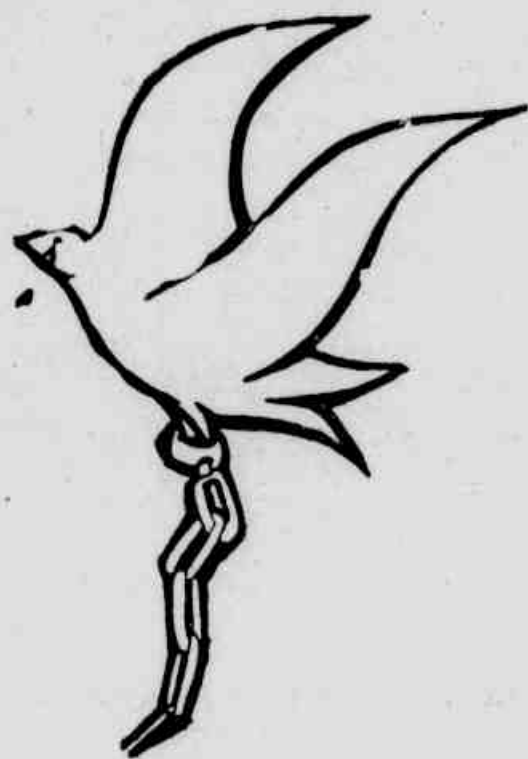
Restou as palavras de Caneca, fuzilado na falta de carrasco que o enforcasse: "A vida do patriota/ Não pode o tempo apagar".

Grandes revelações

DESAPARECIDOS POLÍTICOS

O projeto de anistia parcial do governo alcançou apenas uma ínfima parte dos que realmente exigem anistia. Uma segunda anistia, nos moldes espanhol — incorporaria os presos políticos, os patriotas acusados de prática dos chamados crimes de sangue. Mas há ainda uma multidão entre desaparecidos e mortos, totalizando 306 pessoas para quem a anistia vem tarde demais. Dos mortos em defesa dos interesses voltados para a independência política do país e para a libertação dos oprimidos nem a anistia irrestrita e o reconhecimento do seu patriotismo seriam suficientes para homenagear sua memória.

Por tudo isso, em **Desaparecidos Políticos** (prisões, seqüestros, assassinatos), organizado pelos jornalistas Reinaldo Cabral e Ronaldo Lapa, a ser lançado até o final deste mês pelas **Edições Opção** em coedição com Comitê Brasileiro pela Anistia, revelam-se as aberrações, o poder sobre a vida e a morte dos presos políticos exercido pela ditadura militar brasileira, sobretudo entre 1969 e até recentemente; período em que se dá o "desaparecimento" comprovado de 75 pessoas, sem incluir 45 (entre os quais, vários desaparecidos) da guerrilha do Araguaia.

O levantamento realizado por uma equipe de 38 pessoas, entre jornalistas e pesquisadores do Comitê Brasileiro pela Anistia, com a utilização de perto de ... 1600 documentos — alguns deles comprobatórios de assassinatos —, envolve depoimentos de parentes de desaparecidos políticos, ex-militantes de organizações políticas, membros das CBAs de vários Estados, exilados, presos e ex-presos políticos. Neles se comprova que, ao contrário do que se pensa, o aparelho de repressão do Estado continua intacto — e uma das provas disso são telefonemas recebidos por uma mãe de desaparecida política até pouco tempo, com uma voz de mulher semelhante a da filha seqüestrada.

Desaparecidos políticos traz ainda (em suas 300 páginas ilustradas com fotos da maioria dos desaparecidos) artigos e depoimentos especiais do Cardeal Arns, de São Paulo, do historiador Hélio Silva, do jurista Sobral Pinto e do escritor e jornalista Barbosa Lima Sobrinho.

O ZÉ QUE VIROU FLOR

Luiz Raul Machado

com semente
de cravo
pelo chão
teu epitáfio
aqui (não) está josé
que sempre disse não
que soube dizer não
até o fim
e que dizendo não
nos disse o maior sim
para que
de hoje até o fim
nem mesmo o cão
passando por aqui
ouse pensar
ainda que de leve
que tua vidAMORte
cumprida e tão breve
foi em vão

da saudade
escrevo
na colina

para josé carlos novais da mata-machado,
meu irmão assassinado em 1973.

LUIZ RAUL MACHADO, escritor, autor de João Teimoso, (Ática), Cabeça de Cebola e Retrato Falante (Preto no Branco), ex-vice-presidente da União Nacional de Estudantes (Une).

Ilustração de Luciane Malheiros

OS QUATRO PÉS DA MESA POSTA

Marcelo Mário de Melo

(Fragmento)

Os poetas geniais e maiores
se explicam
pela existência das estrelas
de primeira a enésima grandeza.
Não tenho pretensões a ser grande.
Aspiro apenas ser inteiro.
A poesia de cada um
deve ser um translado
e não um mandamento.

Ser poeta para mim
não é exilar-se da vida
e respirar um oxigênio
de papel e palavras.
Poesia é parte — todo
é um dos quatro pés
da nossa mesa posta.

MARCELO MÁRIO DE MELO, ex-preso político pernambucano, libertado em 24 de abril de 1979, ao fim de oito anos e quarenta e três dias de prisão.
Este poema integra o livro Poemas da Greve de Fome.

POEMAS SEM TÍTULO

Alberto Vinícius M. do Nascimento

Não parou a caminhada.
Tampouco cessou
a escuridão da noite.

●

Bateram na porta.
Estava sonhando:
aqui não existe porta.

●

Os sonhos amazônicos
despertam em pingos
na torneira da pia.

●

ALBERTO VINICIUS MELO DO NASCIMENTO, preso político de Itamaracá; 32 anos, 9 anos de prisão, com direito a liberdade condicional.

Poema de Paulo Henrique Rocha Lins

(Fragmento)

Meus camaradas não sentem fome
e penso faminto nos seus olhos lumes de luz diante da vida

na palavra sonho que cada um desfere
o segredo dos sobreviventes é serem os poetas do futuro

pedreiros talvez do nada
e ter o riso ingênuo diante das coisas importantes.

(N.R. — No momento em que se fechava esta edição, Paulo Henrique estava sendo libertado da Frei Caneca depois de 8 anos de cadeia).

TIERRA: "A parede cerca de silêncio a dor do povo."

PEDRO TIERRA:

"É hora de perguntar pelos nossos mortos. Quem se responsabiliza por eles?"

Entrevista ao ST

Poemas do Povo da Noite — **um livro premiado em 1978 pelo concurso Casa das Américas, em Cuba, publicado na Itália, na Alemanha, e na Espanha, é produto da angústia, da resistência, do sofrimento e das torturas por que passou, durante cinco anos, seu autor — o goiano** Pedro Tierra.

"Este livro se lê e se passa como um telegrama de urgência, como um grito de guerra. Ou, senão se queima, covardemente às escondidas", diz no prefácio D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia.

Atualmente, Pedro Tierra **trabalha no Conselho Indigenista Missionário — órgão de serviço aos índios e missionários — ligado à CNBB, e sua poesia reflete a defesa intransigente dos pequenos posseiros, índios e sertanejos pobres. Recentemente escreveu com D. Pedro Casaldáliga o texto da Missa da Terra Sem — Males musicada pelo compositor argentino Martim Coplas que reuniu cinco mil pessoas no coração de São Paulo, a terra dos bandeirantes e caçadores de índios. Esta missa se constituiu num importante momento da comemoração da semana nacional do índio. E foi, sem dúvida, um preciso esclarecimento ao povo pobre de São Paulo que presenciou a missa, sobre a situação real dos índios brasileiros. Foi um mergulho crítico na história da destruição de nossos índios, buscando compreendê-la como história das injustiças dos colonizadores, capazes de exterminar um povo para dele arrancar seu lucro.**

Quem é Pedro Tierra?

Eu poderia começar dizendo que sou um poeta. Mas essa afirmação não define ninguém. Então eu começo dizendo que sou um militante da luta contra a ditadura. Essa condição me levou à clandestinidade por algum tempo e depois à prisão. Freqüentemente as pessoas das grandes cidades imaginam que a repressão se restringiu aos grandes centros. Isso não é verdade. Acredito que não houve lugar deste país que não a tenha sofrido. Veja, eu nasci numa pequena cidade do norte de Goiás, isolada, sem qualquer importância política. Pois bem, lá eu comecei a mostrar meus primeiros poemas. Imediatamente veio a repressão. Não foi a censura, não. Foi a polícia mesmo. A censura em Porto Nacional começou a ser exercida com o fuzil. Então eu acho que minha poesia não se separa de minha atividade política, desta forma só há uma maneira de me definir: sou um poeta militante.

Por que Pedro Tierra? De onde vem este nome?

Pedro Tierra surgiu na prisão. Em todas as prisões por onde passei, a certa altura os censores não permitiam mais a saída dos poemas em minhas cartas. Comecei então a procurar um nome que substituisse o Hamilton Pereira que meu pai me deu. Por paixão e por posição política sempre tive os olhos voltados para a América Latina e quero que minha poesia reflita isso, na medida em que a encaro como atividade política. Por isso, Pedro Tierra. Pedro é o homem do povo da América inteira, é a pedra que resiste ao tempo e aos opressores, Tierra é o berço de todos nós, este continente atormentado, "minha raiz e meu destino".

"Nesta hora a função do poeta não é dizer que o rei está nu — ele até que está bem vestido — mas mostrar que o rei está protegendo e dando fuga aos carrascos que utilizou para oprimir o povo."

Quando foram escritos os Poemas do Povo da Noite? Em quais circunstâncias?

Este livro começou a nascer em 1972, quando retornei do estado mineral a que a tortura sofrida pela repressão me reduzira. Senti que ou registrava os horrores que estava vivendo junto aos meus companheiros ou viraria as costas a todas as razões que me levaram à prisão. Comecei a compor de memória os primeiros poemas. Depois de quase um ano de prisão, quando fui retirado da Operação Bandeirantes, em São Paulo, para o Presídio do Hipódromo é que fui recompondo e colocando sobre o papel os que havia gravado na memória. Os que não gravei se perderam. Não escaparam das revistas dos carcereiros. A maior parte dos poemas foi escrita em 1974 durante o período que permanecemos na Penitenciária do Estado, por decisão do Cel. Erasmo Dias. Saímos de lá depois de uma greve de fome vitoriosa, para o presídio do Barro Branco. A partir desta época, quando conquistamos melhores condições carcerárias, o livro começou a tomar uma forma mais definida. Logo que saí da prisão, depois de cumprir cinco anos, soube que os poemas haviam sido publicados na Itália, numa espécie de antologia de perseguidos. Depois apareceram na Alemanha, na Espanha e mereceram menção honrosa do Prêmio Casa das Américas, em Cuba, em 1978.

Por que só agora é editado no Brasil?

Para mim, a razão maior é o clima de terror que vivemos. Em quinze anos a ditadura nos impôs a prática diária do medo. Converteu o Brasil no país do medo. Este livro foi levado a mais de uma editora e recusado. Os argumentos ora eram políticos, ora econômicos, por exemplo, "esta editora não pode suportar o prejuízo de uma apreensão". Ao lado disso houve as dificuldades normais para se publicar um livro de poemas de autor desconhecido, num país como o nosso.

Qual o papel dos poetas brasileiros hoje?

No Brasil e na América Latina em geral, os poetas têm sido tradicionalmente funcionários públicos, diplomatas, servidores de ministros etc. É evidente que a produção intelectual destes homens fica condicionada pelas funções que exercem para sobreviver, uma vez que ninguém vive de poesia. Agora, há um outro tipo de poetas que, por não manterem vínculos como esses, guardam muito maior independência e podem comprometer-se mais profundamente com os interesses dos trabalhadores. Falo de poetas como Víctor Jara, assassinado no Estádio Nacional de Santiago pelos verdugos de Pinochet, Daniel Viglietti, uruguaio exilado na Europa ou Ernesto Cardenal, poeta e militante da luta vitoriosa do povo nicaragüense contra a ditadura de Somoza.

Para esses poetas, e eu acredito que o Brasil possui alguns deles, a tarefa hoje, me parece, é a denúncia dos crimes da ditadura, é trazer às praças, às manifestações, às fábricas, às universidades os horrores que os governantes do momento querem a todo custo esconder. É hora de perguntar pelos nossos mortos, quem se responsabiliza por eles? Qual o destino dos desaparecidos? As famílias esperam uma resposta, o Brasil exige uma resposta. **Nesta hora a função do poeta não é dizer que o rei está protegendo e dando fuga aos carrascos que utilizou para oprimir o povo.**

Além disso, esses poetas e os artistas em geral, têm o dever de colocar sua voz e sua sensibilidade a serviço desta tarefa fundamental que é a organização independente da classe trabalhadora.

Você fala em verdugos e perseguidos, qual a sua opinião sobre o projeto de anistia do Governo?

O Governo não está, na verdade, encaminhando nenhum projeto de anistia, mas uma vergonhosa revisão de processos que só satisfaz ao próprio Governo e seus amigos. O objetivo claro do projeto governamental é sobretudo anistiar os crimes e criminosos que trabalharam a seu serviço durante todos esses anos. A anistia que esperamos ou será geral e irrestrita ou não será anistia.

O governo está convencido de que seu projeto não satisfaz. Tanto isso é verdade que ele próprio já acena com o "indulto". Não sei quem está mais andrajoso, se o terno mal cortado da anistia governamental ou o remendo do indulto. O indulto é a figura do perdão e muitos brasileiros, entre eles eu, que não serão atingidos por esse arremedo de anistia, jamais poderemos perdão aos nossos carrascos por termos lutado ao lado do nosso povo.

NÃO SEREI A TUA PAZ

Pedro Tierra

Não serei a tua paz,
antes o sobressalto,
a imprevista solidão.

Não serei teu riso
— a clara morada
de meninos —,

antes este silêncio
de agulhas
sangrando o peito.

Hoje, serei apenas ausência,
tuas mãos vazias,
tua espera.

Não serei tua liberdade, companheira,
exilada para além dos muros
do horizonte,

serei, antes, o filho da terra
e do tempo: esta obstinada
vontade de resistir.

Visitação à greve de fome

Ramayana Vargens

ENTRADA

mal anteabre o cadeado
você é suspeito
e na mira do tira
que atira
num estilo bandido de rei do gatilho.

com ódio de medo ele passa
a revista e a lista
e a mão pelo corpo procura grosseira
num quarto mesquinho abafado.

mas nem a ritual confirmação
prepotente
entre dados e pertences intimidados
esconde a covardia trabalhada do guarda.

um segundo de costas
ele fica e eu vejo:
uma irresistível atração pelo método
uma perigosa certeza no fracasso
e pavor por qualquer tipo de concorrência.

●

entre a vontade e o alcançado
as notícias de sempre
misturando surpresa e risco
por questão de segurança
o olho do menino está contido no homem.

(Cubículo 18 — PAULO HENRIQUE)

●

SOBRE O ÂNIMO ÍNTIMO DA LUTA ARMADA NA ALMA

o companheiro de história
devidamente pacificado
conservando porém seus hábitos guerreiros
em constante travessia inesperada
por tantos vestígios dispersos
permanece
preso e confiante
resiste
na ilusória ausência rígida
de quem pensa o futuro
mesmo no costume da cela

com o frio agudo da solidão isolada
o companheiro inventa
sem controle e relaxado
sobre as fagulhas da imaginação aventureira
perda por perda
ano a ano
seu balanço repete e muda
indomável
coisa por coisa interessado
transformando em ofício
toda idéia de vida
e qualquer sensação de liberdade.

(Cubículo 7 — ALEX POLARI)

●

enquanto ousa
(ou quando só)
pensa e sonha.
campo de prova em pólvora aceso
corpo de sobra riscado em delírio
até a última brasa na pele
prossegue
e atento confirma:
como vale a razão insensata do instinto.

(Cubículo 3 — HÉLIO DA SILVA)

INSTANTÂNEO

palavras trancadas sufocadas e afoitas
(insatisfeitas meditações da jaula)
e um sorriso timidamente emocionado.

o percurso da disciplina
gravado com força nos quadros pela parede.
a reconstrução da mente

(sobrevivida por cima do massagre sem gosto)
mostrando a conquista de um espaço interno.
enriquecido e remendado:
pelo esforço maciço de alimentar sentimentos
somente
com o faro aprendiz fustiga sem trégua.

(Cubículo 15 — MANOEL HENRIQUE)

●

(RETROSPECTO DA VILA MILITAR)

latitude dezesseis
ladrilhos de largo
cinco passos ao sul
de comprimento interrompido
sem banho de sol
por castigo
de um ponto para outro deslocando-se
em busca da estação de repente
por qualquer lonjura ou sentido
a marcha do instinto movimenta
razões rebeldes de um poder clandestino
como
a migração da ave é contra o vento
e o retorno do peixe corta a corrente
a felicidade se luta por motivos de garra
capaz de vencer toda vez seu espaço sem fuga.

(Cubículo 17 — JOSÉ ROBERTO RESENDE)

●

SAÍDA

essa gente aqui fora vivendo as ruas
mesmo sem o gosto de terra
ainda que falte o transe da natureza
tem até o passo liberado
apesar dos caminhos dirigidos por força
e por isso nem sabe (quem sabe?)
da convivência na órbita gelada do estômago
ou do susto emparedado na espinha
toda vez que se mexe o ferrolho das grades.

RAMAYANA VARGENS tem 35 anos, é jornalista, publicitário, contista e poeta.